PIMENTAS

Para provocar um incêndio,
não é preciso fogo

RUBEM ALVES



Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PIMENTAS
Para provocar um incêndio,
não é preciso fogo

RUBEM ALVES

Planeta

Copyright © Rubem Alves, 2012

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Alves, Rubem, 1933-

Pimentas : para provocar um incêndio, não é preciso fogo / Rubem Alves. - 1.ed. - São Paulo : Planeta, 2012. 224p. : 23 cm

ISBN 978-85-7665-908-2

1. Conto brasileiro. I. Título.

12-2584 CDD: 869.93 CDU: 821.134.3(81)-3

Pimentas

para provocar um incêndio, não é preciso fogo

PIMENTAS SÃO FRUTINHAS COLORIDAS QUE têm poder para provocar incêndios na boca. Pois há ideias que se assemelham às pimentas: elas podem provocar incêndios nos pensamentos. Nietzsche era um especialista em ideias incendiárias. Um eremita que vivia na floresta, ao ver Zaratustra descer das montanhas para as planícies, percebeu que ele estava a fim de pôr fogo no mundo com as suas ideias. Zaratustra sabia que suas ideias queimavam e que muitas pessoas, ao lê-lo, "ncl qZpgZk os c cqrZtZk bctmpZl bm dnem c os cgkZpgZk qsZq 'maZq"- Mas, para se provocar um incêndio, não é preciso fogo. Basta uma única brasa. Um único pensamento-pimenta...

sEooVomeg chpVoAVbncobchpVe*fdcoVoVo
c ocnêi feaRfr fVo,,,v Basho

* * *

1. Bruxas e Vassouras

NUNCA ENTENDI AS RAZÕES POR que as bruxas usavam vassouras como meio de transporte. Pelo que sei as bruxas são entidades dotadas de grande poder e não há razões para que saiam pelos céus exibindo a sua indigência, usando esse objeto sujo como se fosse um disco voador. (Há de se considerar essa hipótese, de que as bruxas tenham trocado as vassouras pelos discos voadores. Mas sobre ela não tenho comprovação científica.) Eu preferiria, para seguir as estórias das mil e uma noites, que elas viajassem num tapete persa mágico ou que cavalgassem um macio dragão que soltasse fogo pelas ventas, tal como fez o Bastian Baltazar Bux, cavalgando o dragão Fuchur, do livro F grçpZ qk dk . (Esse livro é uma delícia. Você gostará e também os seus filhos...) Mas todas as coisas, mesmo as mais estranhas, têm as suas razões. Aprendi que é fato comprovado: as bruxas viajavam por terras maravilhosas e desconhecidas tendo uma vassoura no meio das pernas. Aconteceu assim. Ia eu numa das minhas caminhadas matutinas pela Fazenda Santa Elisa, quando me vi diante de uma árvore cheia das flores brancas vulgarmente chamadas trombetas, pendentes dos galhos como pequenos lustres. Essa flor eu a conheço desde a minha infância. Elas são grandes, lindas e perigosas. Sua brancura esconde poderes alucinógenos incomparáveis, ultrapassando em muito os produtos que se encontram no mercado. Podem ser letais. Sei de um pesquisador sóbrio que só de manipular essa flor no laboratório ficou doidão. Tenho várias delas em Pocinhos, mas admiro sua beleza de longe. Gostaria de saber o que acontece com os insetos que as polinizam. Ficam doidões? Comentei esse fato com o pesquisador que me acompanhava e ele me informou que, segundo informações da Internet, há uma curiosa relação entre essa flor, nome científico bZrs pZ, e a lenda das bruxas que voam montadas em vassouras. Quem quiser que entre no Google: +datura+witch. As bruxas são uma invenção da Inquisição. Para justificar a sua queima nas fogueiras pela glória de Deus, diziam que eram adoradoras do Demônio. E mais, que até transavam com o dito. Na verdade, as mulheres que a Inquisição amaldiçoou com o nome de bruxas eram

sacerdotisas de uma antiquíssima religião anterior ao cristianismo, religião matriarcal baseada na Terra, no ciclo dos astros, no tempo e nas plantas e animais. Faziam, com frequência, uso de plantas psicoativas em busca de sabedoria e de experiências com o sagrado. Uma das poções alucinógenas usadas por elas tinha o nome de "unguento voador" feito com uma mistura de ervas, uma delas sendo a trombeta ou bZrs pZ, que era também conhecida como "o suco da alegria". A bZrs pZ, misturada com várias outras ervas, era fervida em óleo provavelmente num caldeirão e depois bebida num ritual. Aquelas que a tomavam tinham alucinações, delírios e amnésia. A experiência devia ser boa, caso contrário teria sido abandonada. Aconteceu, entretanto, que, em decorrência dos seus perigos, as sacerdotisas trataram de inventar uma versão mais suave e segura. Em vez de beber, esfregar nas mucosas. Esfregar nas mucosas da boca não resolve porque é o mesmo que beber. Sobram outras mucosas... Assim, ao fazer a poção mágica, uma vassourinha de pelos macios ia mexendo a beberagem. A vassourinha de pelos macios era então usada para umedecer as mucosas das regiões entre as pernas, genitais. Assim, vinham-lhes deliciosas alucinações e elas voavam, montadas na vassourinha... Está assim explicada a lenda das bruxas montadas nas vassouras. Mas bruxa velha, com nariz adunco e comprido, chapéu preto e pontudo, isso é invenção de padre. Acho que as sacerdotisas podiam até ser muito bonitas...

2. Filosofia do Gato

OLHO PARA O MEU GATO e medito. Medito teologias. Diziam os teólogos de séculos atrás que a harmonia da natureza deve ser o espelho em que os seres humanos devem buscar suas perfeições. O gato é um ser da natureza. Olho para o gato como um espelho. Não percebo nele nenhuma desarmonia. Sinto que devo imitá-lo.

Camus observou que o que caracteriza os seres humanos é a sua recusa a serem o que são. Eles não estão felizes com o que são. Querem ser outros, diferentes. Por isso somos neuróticos, revolucionários e artistas. Do sentimento de revolta surgem as criações que nos fazem grandes. Mas nesse momento eu não quero ser grande. Quero simplesmente ter a saúde de corpo e de alma que tem o meu gato. Ele está feliz com a sua condição de gato. Não pensa em criações que o farão grande.

Deitado ao lado do aquecedor (que manhã mais fria!), ele se entrega, sem pensar, às delícias do calor macio. Nesse momento, ele é um monge budista: nenhum desejo o perturba. Desejos são perturbações na tranquilidade da alma. Ter um desejo é estar infeliz: falta-me alguma coisa, por isso desejo... Mas para o meu gato nada falta. Ele é um ser completo. Por isso pode se entregar ao calor do momento presente sem desejar nada. E esse "entregar-se ao momento presente sem desejar nada" tem o nome de preguiça. Preguiça é a virtude dos seres que estão em paz com a vida.

Por pura brincadeira, escrevi um livrinho sobre demônios e pecados. Os demônios continuam soltos pelo mundo do jeito que sempre estiveram. Só que agora fazem uso de disfarces. Até se rebatizaram com nomes diferentes, científicos. Lidando com os demônios, usei palavras filosóficas e psicanalíticas de exorcismo. Lidando com os pecados, usei palavras éticas de condenação.

Tudo ia muito bem até que cheguei ao pecado da preguiça. Preguiça é fazer nada. Nossa tradição religiosa nada sabe da espiritualidade oriental do taoísmo, que faz do "fazer nada", wu-wei, a virtude suprema.

E aí, então, aquilo que deveria ser uma condenação do pecado da preguiça virou um elogio às delícias e virtudes da preguiça.

Alguém disse que preferia os gatos aos cachorros porque não há gatos policiais. Policiais existem para fazer cumprir a lei, o dever. Dentro de mim, desgraçadamente, mora aquele cão policial a que Freud deu o nome de superego: ele rosna ameaças e culpas todas as vezes em que me deito na rede.

Meu gato, na sua imperturbável preguiça, me dá uma lição de filosofia. Não me dá ordens. Ele deve ter aprendido do RZm,Rc,Afgle, que diz que o homem verdadeiramente bom não faz coisa alguma...

Estou velho e quero que me seja dado o privilégio de me entregar à filosofia do meu gato: fazer nada. Com consciência limpa, repetir com Fernando Pessoa: y? gos c npZxcpl ámas k npgps k bct cp- Rcps k jgtpmnZpZjcpc l ámmdZxcp—".

Assim, proponho que se acrescente aos direitos humanos já escritos, um outro, para os velhos: yRmbmq mq t cjf mq rak mbgpcgmÚdjgqbZbc bZ mpces gâZ"- Pois, como o Riobaldo disse: y? f+Zecl rc+l Zt cjf gac+aZpcac bc rcp cs ZZpZeck bc bcqpZl qm—"-

Assim,

yt ms bcqpZl qZp k cs dZpbml maf ám+
Â k ZpeckbmpgpmA—
L ámt ms k Zgq k c npcmas nZp ank Zes cppZ—
T ms nép l maf ámk gl f Zcqp ZbZc k cs cqs bm+
Â k ZpeckbmpgpmA—"-

3. Sobre os Gatos

NUNCA TIVE INTIMIDADE COM OS gatos e sempre os olhei de longe, com desconfiança. Preconceito meu sustentado por uma estória que minha mãe contava de um gato que havia matado um padre. Hoje sei que ele não o teria feito se não tivesse razões... Os bichos que amo são os cachorros e eles me amam. Meu amor pelos cachorros se consubstanciou num artigo que escrevi sobre minha cadela Lola, a pedido da redação da D[illegible]. Olhando para os seus olhos, que estavam fixos nos meus, eu me perguntei: "O que será que ela pensa de mim?". Sobre isso escrevi.

Cães, nem sei quantos tive: pastores, dobbermans, dálmatas, boxers, weimaraners, cockers... Os dobbermans foram os mais obedientes; os boxers, os mais mansos e efusivos. A Nina, cadela dálmata, foi a mais desobediente e não gostava de crianças. Era preciso trancá-la quando havia crianças em casa.

Menino, eu sonhei ter um cãozinho. Mas nunca me foi permitido ter um. Realizei o meu sonho simbolicamente: comprei um caderno de desenho dos grandes no qual fui colando fotografias de cachorros que eu recortava de revistas. Assim, meu amor pelos cachorros se realizou platonicamente.

Mas nunca tive simpatia pelos gatos. Também eles nada fizeram para que eu gostasse deles. Os cachorros são comunicativos, querem fazer amigos, são dotados de um humor italiano, fazem barulho, estão sempre sorrindo com o rabo, gostam de brincar e seu único desejo é agradar os seus donos. Uma amiga enviou-me um [illegible] contando da sua cadela labrador, adolescente, chamada Lua. Pois a Lua gosta de plantas, especialmente bromélias, que ela arranca do jardim e deposita na porta da cozinha com latidos de felicidade, latidos esses que, se traduzidos, querem dizer: "Eis o presente de flores que colhi no campo para você...".

Os cães se parecem tanto com os humanos! O que já havia sido constatado por um dos nossos antigos ministros, que, inquirido sobre as razões que lhe permitiam transportar o seu cão em carro oficial, explicou: "Os cachorros também são seres humanos...".

Se isso tivesse acontecido no Egito Antigo, e um ministro fosse inquirido pelo seu uso das carruagens oficiais para transportar o seu gato, a resposta seria mais surpreendente: "Não sabe o senhor que os gatos são seres divinos?". Sim, no Egito, os gatos eram deuses. Talvez algo dessa teologia tenha escorrido até nós. Pois não dizemos de uma mulher bonita: "Ela é uma deusa", e, para completar: "Ela é uma gata"?

Mas comecei a mudar de ideia sobre os gatos quando minha filha me deu um gato de presente. E logo ficamos amigos, eu e o gato.

Hoje o meu médico clínico me enviou um artigo que apareceu no Rfc L cu Cl ejZ b Hnhpl Zj nd K cbggdc, 26 de julho de 2007, um dos mais respeitados periódicos das ciências médicas. Sobre um gato chamado Oscar. Oscar vive numa instituição que acolhe pessoas num estado terminal. Diariamente ele segue uma rotina. Abre os olhos preguiçosamente e põe-se a fazer aquilo a que os médicos dão o nome de visita: vai de leito em leito, sobe na cama, cheira o ar e faz o seu diagnóstico. Se não é para acontecer naquele dia, ele desce e vai para o leito seguinte, onde repete o procedimento. Se, por acaso, sua misteriosa sensibilidade detecta o cheiro ou as vibrações ou a música da morte, ele se aloja junto do moribundo e a enfermeira sabe que é preciso avisar os parentes.

Isso me deixou um tanto apreensivo porque o meu gato tem insistido em dormir na minha cama e é preciso expulsá-lo fazendo uso da força. Será que ele faz isso por gostar de mim ou para que os outros avisem meus parentes?

4. Sobre a Função Cultural das Privadas

"POR GENTILEZA, A SENHORA PODIA me dizer onde fica a privada?" A anfitriã, ao ouvir a palavra "privada", assusta-se e ruboriza-se. "Privada" não é palavra que se fale. Trata de remendar: "Ah, o banheiro... O banheiro fica no fim daquele corredor..." O homem encaminha-se para o local indicado, intrigado: "Eu já tomei banho. Não quero tomar banho de novo...". Mas logo, ao entrar no banheiro, vê que a anfitriã estava enganada. Lá não há nem banheira nem chuveiro. Só há uma privada — que é, precisamente, aquilo que ele está procurando.

Não é educado falar "privada". "Vou à privada...": isso não se diz, principalmente pelo fato de que essa palavra é sinônima de "latrina", palavra de música feia, há muito fora de uso, exceto nos escritos do Manoel de Barros, que diz: yRZk ‘äk Zqj Zrpl Zq bcqnpcxZbZq os c cqpt ck nZpZrcp epgjmq bcl rpm" cjZq nmbck s k bgZk gjZepZp t gnjcrZq‘. Mas como as pessoas comuns não leem o Manoel de Barros, não se pode esperar que elas, ao ouvir a palavra "latrina", pensem em violetas.

O educado é "banheiro". E também "toilette", que, segundo o dicionário, é yZrmbc qc jZt Zp+ncl rcZp c t cqrgp‘. Mas quando uma pessoa pergunta pelo banheiro ou pelo toalete ela não está pensando em tomar banho ou se lavar. Está pensando em outra coisa.

A primeira vez que fui aos Estados Unidos, arranhando inglês, numa escola, premido por forças fisiológicas, procurei o dito quarto. E logo vi, numa porta, escrito: "Private". Achei que "private" era "privada". Entrei pela porta. Mas logo descobri que "private" queria dizer que aquele era um cômodo onde eu não podia entrar. Quando, pela primeira vez, desci num aeroporto nos Estados Unidos, e vi placas indicando "rest-rooms", achei que eram salas "vip", com poltronas confortáveis, onde as pessoas descansavam, porque "rest-room", traduzido literalmente, é "quarto de repouso". Mas não era. Era o lugar onde

estavam as privadas e mictórios.

Estou propondo que se recupere a dignidade da palavra "privada". Pois suspeito que ela esteja ligada a "privacidade", como o "private" americano. A privada é o lugar onde estamos sós e ninguém tem o direito de nos incomodar. Lugar de refúgio, santuário de solidão. Quando a gente está na privada, não tem de se comportar direito, não tem de prestar atenção ao que os outros estão dizendo. É um lugar de liberdade e honestidade. Em reuniões, quando a agitação é muita, esse recurso é muito eficaz. "Vocês me dão licença..." Sem explicar nada, todo mundo sabe que nos retiramos por motivos imperiosos. Não sabem que o que a gente deseja é ficar sozinho. Ali a gente não tem de estar sorrindo, não tem de achar as piadas engraçadas, pode se dar ao luxo de não falar.

Mas o meu interesse atual pelas privadas liga-se à minha vocação para educador. Acho que as privadas podem se tornar lugares desemburrecedores, que excitam a inteligência.

Educação, como se sabe, se faz com livros. Mas, com os inúmeros estímulos da televisão e a correria da vida, as pessoas leem cada vez menos e, com isso, ficam burras cada vez mais. Mas a privada, onde nada nos perturba e ninguém tem o direito de nos interromper (a menos que você seja dos tolos que levam o telefone para a privada...), é um lugar excepcional para a leitura.

Vi, muitos anos atrás, nos Estados Unidos, uma coisa insólita, que jamais passaria pela minha cabeça: um papel higiênico que tinha, em cada folha, um aforismo, máxima ou conselho. O usuário não resistia à tentação e, antes de fazer o uso normal do papel, lia o que estava escrito, o que contribuía decisivamente para a sua formação intelectual e espiritual. Imaginei uma melhoria nessa ideia: livros inteiros impressos no papel higiênico. Assim, aos poucos, assentada na privada, a pessoa iria lendo as grandes obras da literatura mundial. Vai aqui uma sugestão para as fábricas de papel higiênico. Um bom mote de propaganda seria: "Use o papel higiênico Inteligente, que dá cultura antes de limpar". Se, no futuro, aparecerem tais papéis higiênicos inteligentes no mercado, quererei receber minha porcentagem de direitos autorais. E invocarei vocês, leitores, como testemunhas de que a ideia original foi minha.

Mas, deixando de lado essas digressões, passo ao que me interessa: estou sugerindo aos pais e mães, preocupados com a educação dos filhos e com sua

própria educação, que transformem as privadas em bibliotecas. Uma minibiblioteca, é claro. Mas essa minibiblioteca seria suficiente para operar grandes transformações nos que leem enquanto assentados no trono. A vantagem de tal providência seria uma transformação na língua, pois que as privadas, em vez de serem chamadas eufemisticamente de "banheiro", seriam orgulhosamente chamadas de "biblioteca privada". "Por gentileza, a senhora poderia me dizer onde fica a biblioteca privada? Estou sentindo uma premente necessidade de cultura...". E a anfitriã responderia orgulhosamente:

"No fim do corredor. Lá o senhor encontrará livros fascinantes para ler..."

As modificações nas privadas seriam mínimas. Uma pequena estante... Os artesãos de madeira que expõem nas feiras de artesanato bem que poderiam fazer essas pequenas estantes a serem afixadas ao alcance da mão da pessoa que está assentada. Se isso não for possível, uma mesinha serve. Aqueles momentos, então, seriam momentos de prazer duplo, fisiológico e intelectual.

Vou dizer os livros que, na minha opinião, devem estar na "biblioteca privada".

Um livro com as tirinhas do Calvin. Se você ainda não conhece o Calvin, saiba que, quando o jornal chega, vou direto às dele para virar criança. O Calvin é sempre uma pitada de sabedoria infantil no mundo louco dos adultos. O Calvin é uma alegria. Há livros com coleções de tirinhas.

Alguns números de Asterix. Quem não conhece o Asterix está perdendo uma das grandes alegrias da vida. São estórias de um pequeno herói gaulês e do seu amigo gordão, de força imbatível, Obelix. Aconselho, especialmente, os números ? qrcpgy jcegnl Qpgme M‘cjgy ’ AgZ- Quem lê M‘cjgy ’ AgZ fica sabendo tudo o que é preciso saber sobre o capitalismo, rindo e sem precisar aprender economês.

De Herman Hesse, NZpZ jcp c ncd qZp — uma coletânea de pensamentos curtos sobre os mais variados tópicos, amor, morte, política, educação, arte. Fica mais sábio quem lê.

Da Adélia Prado, Qpjrc nq aZaf mpmq — hilariante. Não é poesia; é prosa.

Não pode faltar poesia. Para os iniciantes, aconselho a leitura de Mário Quintana. E o Manoel de Barros: J gtpmqm‘pc l ZbZ-

Livros de arte. A coleção Taschen, encontrada em qualquer livraria, é maravilhosa. Baratos. Você pode escolher: Picasso, Monet, Dali, Miguel Ângelo,

Rafael, Klimt, Klee (leia-se klee, e não "kli"), Botticelli, Von Stuck e muitos outros. As crianças e os adultos se deleitarão. Também o Meu primeiro livro de arte.

Gostaria que alguns livros meus também fizessem parte dessa "biblioteca privada". Crônicas: M Zk mp os c Zacl bc ZJ s Z+M pcmpl mc. rcpl m+Qnpc mrck nmc Z crcpl Z. gbZbc- E livros infantis: ? k cl gl Z c m nÔqqZpm cl aZl rZbm+ ? t mjrZ bm nÔqqZpm cl aZl rZbm+Mq rpàq nmpos gl f mq+

E um livro de peso que, quando lido, fica leve: Anl dcqpmos c t gl g de Neruda.

Você vai notar uma coisa curiosa: as visitas à "biblioteca pri-vada" vão ficar mais frequentes e mais demoradas... Eu não disse, no início, que as privadas podem ter uma função cultural?

5. Saúde Mental

FUI CONVIDADO A FAZER UMA preleção sobre saúde mental. Os que me convidaram supuseram que eu, na qualidade de psicanalista, deveria ser um especialista no assunto. E eu também pensei. Tanto que aceitei. Mas foi só parar para pensar para me arrepender. Percebi que nada sabia. Eu me explico.

Comecei o meu pensamento fazendo uma lista das pessoas que, do meu ponto de vista, tiveram uma vida mental rica e excitante, pessoas cujos livros e obras são alimento para a minha alma. Nietzsche, Fernando Pessoa, Van Gogh, Wittgenstein, Cecília Meireles, Maiakóvski. E logo me assustei. Nietzsche ficou louco. Fernando Pessoa era dado à bebida. Van Gogh matou-se. Wittgenstein alegrou-se ao saber que iria morrer em breve: não suportava mais viver com tanta angústia. Cecília Meireles sofria de uma suave depressão crônica. Maiakóvski suicidou-se. Todas elas, pessoas lúcidas e profundas que continuarão a ser pão para os vivos muito depois de nós termos sido completamente esquecidos.

Mas será que tinham saúde mental? Saúde mental, essa condição em que as ideias comportam-se bem, sempre iguais, previsíveis, sem surpresas, obedientes ao comando do dever, todas as coisas nos seus lugares, como soldados em ordem-unida, jamais permitindo que o corpo falte ao trabalho, ou ter um amor proibido ou, mais perigoso que tudo isso, a coragem de pensar o que nunca pensou. Pensar é coisa muito perigosa...

Não, saúde mental elas não tinham. Eram lúcidas demais para isso. Elas sabiam que o mundo é controlado pelos loucos e idosos de gravata. Sendo donos do poder, os loucos passam a ser os protótipos da saúde mental. Claro que nenhum dos nomes que citei sobreviveria aos testes psicológicos a que teria de se submeter se fosse pedir emprego numa empresa. Por outro lado, nunca ouvi falar de político que tivesse estresse ou depressão. Andam sempre fortes em passarelas pelas ruas da cidade, distribuindo sorrisos e certezas.

Sinto que meus pensamentos podem parecer pensamentos de louco e por isso apresso-me aos devidos esclarecimentos.

Somos muito parecidos com computadores. O funcionamento dos computadores, como todo mundo sabe, requer a interação de duas partes. Uma delas chama-se fZpbuZpc+"equipamento duro", e a outra denomina-se qndruZpc, "equipamento macio". O fZpbuZpc é constituído por todas as coisas sólidas com que o aparelho é feito. O qndruZpc é constituído por entidades "espirituais" — símbolos que formam os programas e ficam gravados na memória do computador.

Nós também temos um fZpbuZpc e um qndruZpc. O fZpbuZpc são os nervos do cérebro, os neurônios, tudo aquilo que compõe o sistema nervoso. O qndruZpc é constituído por uma série de programas que ficam gravados na memória. Assim como nos computadores, o que fica na memória são símbolos, entidades levíssimas, dir-se-ia mesmo "espirituais", sendo que o programa mais importante é a linguagem.

Um computador pode enlouquecer por defeitos no fZpbuZpc ou por defeitos no software. Nós também. Quando o nosso fZpbuZpc fica louco, há que se chamar psiquiatras e neurologistas, que virão com suas poções químicas e bisturis consertar o que se estragou. Quando o problema está no qndruZpc, entretanto, poções e bisturis não funcionam. Não se conserta um programa com chave de fenda. Porque o qndruZpc é feito de símbolos, somente símbolos podem entrar dentro dele. Assim, para se lidar com o qndruZpc, há que se fazer uso de símbolos. Por isso, quem trata das perturbações do software humano nunca se vale de recursos físicos para tal. Suas ferramentas são palavras, e eles podem ser poetas, humoristas, palhaços, escritores, gurus, amigos e até mesmo psicanalistas.

Acontece, entretanto, que esse computador que é o corpo humano tem uma peculiaridade que o diferencia dos outros: o seu fZpbuZpc+o corpo, é sensível às coisas que o seu software produz. Pois não é isso que acontece conosco? Ouvimos uma música e choramos. Lemos os poemas eróticos do Drummond e o corpo fica excitado.

Imagine um aparelho de som. Imagine que o toca-discos e os acessórios, o fZpbuZpc, tenham a capacidade de ouvir a música que ele toca e de se comover. Imagine mais, que a beleza seja tão grande que o fZpbuZpc não a comporte e se arrebente de emoção! Pois foi isso que aconteceu com aquelas pessoas que citei no princípio: a música que saía do seu qndruZpc era tão bonita que o seu fZpbuZpc não suportou.

Dados esses pressupostos teóricos, estamos agora em condições de oferecer uma receita que garantirá, àqueles que a seguirem à risca, saúde mental até o fim dos seus dias.

Opte por um qnd modesto. Evite as coisas belas e comoventes. A beleza é perigosa para o fZpbuZpc. E muito cuidado com a música! Quanto às leituras, evite aquelas que fazem pensar. Há uma vasta literatura especializada em impedir o pensamento. Os jornais têm o mesmo efeito. Devem ser lidos diariamente. Como eles publicam diariamente sempre a mesma coisa com nomes e caras diferentes, fica garantido que o qndbuZpc pensará sempre coisas iguais. E há os programas obrigatórios de televisão, especialmente no vazio dos domingos.

Seguindo essa receita, você terá uma vida tranquila, embora banal. Mas, como você cultivou a insensibilidade, não perceberá o quão banal ela é. E, em vez de ter o fim que tiveram as pessoas que mencionei, você se aposentará para, então, realizar os seus sonhos. Infelizmente, entretanto, quando chegar tal momento, você já terá se esquecido de como eles eram.

6. Alegria e Tristeza

FREUD DISSE QUE SÃO DUAS as fomes que moram no corpo. A primeira é a fome de conhecer o mundo em que vivemos. Queremos conhecer o mundo para sobreviver. Se não tivéssemos conhecimento do mundo à nossa volta saltaríamos pelas janelas dos edifícios, ignorando a força de gravidade, e colocaríamos a mão no fogo, por não saber que o fogo queima.

A segunda é a fome do prazer. Tudo o que vive busca o prazer. O melhor exemplo dessa fome é o desejo do prazer sexual. Temos fome de sexo porque é gostoso. Se não fosse gostoso, ninguém o procuraria e, como consequência, a raça humana acabaria. O desejo do prazer seduz.

Gostaria de poder ter tido uma conversinha com ele sobre as fomes, porque acredito que há uma terceira: a fome de alegria.

Antigamente eu pensava que prazer e alegria eram a mesma coisa. Não são. É possível ter um prazer triste. A amante de Tomás, de ? gl qs qrcl rÔ?cj jct cxZbmcqp+ se lamentava: yL ámos cpmnpZxcp+os cpmZjcepgZ“.

As diferenças. Para haver prazer, é preciso primeiro que haja um objeto que dê prazer: um caqui, uma taça de vinho, uma pessoa a quem beijar. Mas a fome de prazer logo se satisfaz. Quantos caquis conseguimos comer? Quantas taças de vinho conseguimos beber? Quantos beijos conseguimos suportar? Chega um momento em que se diz: “Não quero mais. Não tenho mais fome de prazer...”.

A fome de alegria é diferente. Primeiro, ela não precisa de um objeto. Por vezes, basta uma memória. Fico alegre só de pensar num momento de felicidade que já passou. E, em segundo lugar, a fome de alegria jamais diz “Chega de alegria. Não quero mais...”. A fome de alegria é insaciável.

Bernardo Soares disse que não vemos o que vemos; vemos o que somos. Se estamos alegres, nossa alegria se projeta sobre o mundo e ele fica alegre, brincalhão. Acho que Alberto Caeiro estava alegre ao escrever este poema: y? c ‘ njZq bc qZ ámos c cqrZ apgZ âZ qc cl rpcräk ZjZpeZp bc s k Z nZjf gl f Z qámnpZ qjs agbZk cl rc s k Z qlmqndZ mbZ- AjZpZq+ gl í rcgq+ nZqpZecgpZq+ Zk geZq bmq njf nq+ qámZos gimos c qám—

? jes k Zq k Zj qc: t cck l mZp jí agbm= Qjmank mZ‘ pgZ os c nZqqZ— C os c qc qZ ck nq os c nZqqZnmpos c os Zjos cp ans qZqc: Zjgecgp Zck l çq—“.

A alegria não é um estado constante — bolas de sabão. Ela acontece, subitamente. Guimarães Rosa disse que a alegria, só em raros momentos de distração. Não se sabe o que fazer para produzi-la. Mas basta que ela brilhe de vez em quando para que o mundo fique leve e luminoso. Quando se tem a alegria, a gente diz: "Por esse momento de alegria, valeu a pena o universo ter sido criado".

Fui terapeuta por vários anos. Ouvi os sofrimentos de muitas pessoas, cada um de um jeito. Mas por detrás de todas as queixas havia um único desejo: alegria. Quem tem alegria está em paz com o universo, sente que a vida faz sentido.

Norman Brown observou que perdemos a alegria por haver perdido a simplicidade de viver que há nos animais. Minha cadela Lola está sempre alegre, por quase nada. Sei disso porque ela sorri à toa. Sorri com o rabo.

Mas de vez em quando, por razões que não se entende bem, a luz da alegria se apaga. O mundo inteiro fica sombrio e pesado. Vem a tristeza. As linhas do rosto ficam verticais, dominadas pelas forças do peso que fazem afundar. Os sentidos se tornam indiferentes a tudo. O mundo se torna uma pasta pegajosa e escura. É a depressão. O que o deprimido deseja é perder a consciência de tudo, para parar de sofrer. E vem o desejo do grande sono sem retorno.

Antigamente, sem saber o que fazer, os médicos prescreviam viagens, achando que cenários novos seriam uma boa distração da tristeza. Eles não sabiam que é inútil viajar para outros lugares se não conseguimos desembarcar de nós mesmos. Os tolos tentam consolar. Argumentam apontando para as razões para se estar alegre: o mundo é tão bonito... Isso só contribui para aumentar a tristeza. As músicas doem. Os poemas fazem chorar. A TV irrita. Mas o mais insuportável de tudo são os risos alegres dos outros, que mostram que o deprimido está num purgatório do qual não vê saída. Nada vale a pena.

E uma sensação física estranha faz morada no peito, como se um polvo o apertasse. Ou esse aperto seria produzido por um vácuo interior? É Tânatos fazendo o seu trabalho. Porque, quando a alegria se vai, ela entra...

Os médicos dizem que a alegria e a depressão são as formas sensíveis que tomam os equilíbrios e os desequilíbrios da química que controla o corpo. Que coisa mais curiosa: que a alegria e a tristeza sejam máscaras da química! O corpo é

muito misterioso...

Aí, de repente, sem se anunciar, ao acordar de manhã, percebe-se que o mundo está de novo colorido e cheio de bolhas translúcidas de sabão... A alegria voltou!

7. São Judas

É A SEMANA SANTA. A cristandade revive e repete o Drama da Salvação. Diferente de todos os outros pequenos dramas da vida que acontecem no tempo — tudo o que acontece no tempo é pequeno e efêmero —, é um drama cósmico que acontece na eternidade: o destino do universo está em jogo.

Muitos foram aqueles que, tocados pela beleza trágica da tragédia divina, trataram de imortalizá-la de várias formas. Haendel escolheu a música e o resultado foi o maravilhoso Messias. Miguel Ângelo escolheu os pincéis e as tintas e colocou no teto da Capela Sistina a obra monumental M hsjeZk cl rms l gtcpqZj- E Dante se valeu da poesia, e escreveu ? bgtgd Zankäbgz-

Mas séculos antes, em tempos próximos à vida de Jesus, aconteceu uma proliferação de "evangelhos", cada um deles contando a vida de Cristo de um jeito. Dessas estórias, a Igreja preservou como sagrados e inspirados apenas quatro: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. É a autoridade da Igreja que toma as decisões...

A revista E cmpZnfga K ZeZxgdc dedicou uma de suas edições passadas a um evangelho recém-descoberto, evangelho estranho que conta uma estória diferente. O evangelista é nada mais nada menos que o apóstolo Judas, aquele... A versão comumente aceita do que aconteceu descreve Judas como o vilão do drama, o traidor que vendeu o filho de Deus por trinta moedas. Mas o Evangelho de Judas conta uma estória diferente. Ele não foi um traidor. Trair é romper um pacto. Mas Judas não rompeu pacto algum. Pelo contrário: fez cumprir o pacto que lhe havia sido destinado por Deus Pai desde toda a eternidade. Porque Deus, na sua onisciência, estabeleceu um plano de salvação para os homens, que, de outra forma, iriam para o Inferno. Deus poderia perdoar os seus pecados. Mas Deus não perdoa. Aquilo a que se dá o nome de perdão é, na realidade, um ajuste de contas. As dívidas não são perdoadas. As dívidas são quitadas. Quitadas com o quê? Dizem as escrituras que sem sangue não há remissão de pecados. Deus só aceita pagamento em sangue. Que sangue seria suficiente para pagar os pecados do

mundo? Somente um sangue de valor infinito. Mas sangue de valor infinito, só o sangue divino. Para isso veio Jesus — segundo a teologia —, para derramar o seu sangue, que Deus aceitaria como pagamento. Deus planeja a morte do seu próprio filho para nos salvar do Inferno. Por que Deus criou o Inferno, isso eu não sei. Sei que não foi o Diabo, porque Deus, sendo onipotente, não permitiria que o Diabo tivesse tais poderes. Então, todo o plano elaborado por Deus Pai desde toda a eternidade dependia de que Jesus fosse crucificado. Imaginem que ele não fosse crucificado. Que ele se mudasse para a Grécia e terminasse os seus dias com 88 anos de idade, como professor de filosofia. A filosofia ganharia, mas a humanidade estaria perdida. Foi assim que Deus, desde toda a eternidade, determinou que um homem chamado Judas entregasse Jesus para o sacrifício. Judas não tinha alternativas. Ele tinha de ser fiel àquilo que Deus determinara. Então não foi Judas que entregou Jesus. Parece assim, vendo-se do lado do tempo. Mas vendo-se qs‘ qncagc Zcrcpl grZrgq, é Deus que está jogando xadrez. Judas foi um peão para que Deus desse o xeque-mate no Demônio. Assim, nenhum outro apóstolo contribuiu tanto para a salvação da humanidade quanto Judas. Isso já era do conhecimento da Igreja, desde sempre. Não entendo, portanto, o rebuliço. Proponho a canonização de Judas.

8. Brinde

A JOVEM ME OLHOU COM olhos sorridentes e disse: "O senhor aceitaria um brinde?". Ela estava dentro de um balcão circular no aeroporto, rodeada de revistas. Oferecia-me, de graça, uma revista, à minha escolha. O nome dela era QZ pgl Z (sabrina.ilha@hotmail.com.br). Devolvi o sorriso, aproximei-me e disse: "Não vou aceitar o brinde porque não há brindes. O peixe, ao olhar para a isca, pensa: 'Oh! Um brinde do pescador...'. Quando eu era jovem, tentei ganhar a vida como vendedor de livros. Fracassei, mas aprendi a sedução dos brindes. Não vou aceitar o brinde porque sei onde ele me levará: serei fisgado pelo anzol e ficarei odiando você e eu mesmo pelo brinde, nas inúmeras prestações que terei de pagar. Falo isso por experiência própria". Ela não argumentou. Percebeu que eu conhecia o engodo. Aí, continuamos a conversar. Brinquei com ela: "Você está ganhando a sua vida e enganando a vida dos outros. Mas não se envergonhe. Todo mundo engana. A vida é feita de enganos. Os políticos enganam. Os líderes religiosos enganam. A propaganda, na sua totalidade, é feita de enganos: lançam a isca para que as pessoas, peixes, abocanhem o anzol... Mas tenho de louvar a sabedoria psicanalítica dos enganadores. Não é possível pescar usando como isca um pedaço de ferro. Só é isca aquilo que a pessoa deseja. Peixe deseja minhoca... A Internet está cheia de iscas. Diariamente me chegam ofertas de remédios que fazem aumentar o pênis... Haverá coisa que os homens desejem mais? Não se deseja pênis grande para ter prazer pessoal grande. Deseja-se pênis grande para dar muito prazer à parceira. Quanto maior, mais prazer. O que o homem deseja é que a mulher, esvaziada de tanto prazer — pois o prazer não esvazia? — olhe para ele e diga: 'Como é bom que você existe'... Como disse o Nando, do Os Zpsn: 'L çq l Zqack nq nZpZ qpck nq Zbnpbnq ank mbcs qcq—'. Esse é o nosso desejo. Por isso abocanhamos a isca e somos fisgados...".

9. Etiqueta

OLHEI PARA O PRATO DE alface que estava à minha frente, no restaurante Bem-Bom, igreja que frequento com fidelidade. A alface me fez lembrar poesia.

É normal. Os poetas veem poesia em qualquer coisa, seja uma cabeça de alface, uma cebola, um quiabo chifre-de-veado, uma pedra ou mesmo uma formiga... O poeta Manoel de Barros explicou esse fenômeno: yRmbZq Zq angqZc as hmq tZjmpcq nmbck qcp bgqnsrZbmq l mas qnc ÚbgqrÕ agZ qcpt ck nZpZ nmcqgZ– M f nk ck os c nmqqs gs k ncl rc c s k ZÔt mpc qcpt c nZpZ nmcqgZ– Rcppcl mbc 0/ ¼ 1/+qs hmbc k Zrm" mq os c l cjc emhcgZk 9 bcrpgrmq qck mtcl rcq+jZrZq+qcpt ck nZpZ ZmncqgZ—".

Os poetas são mais felizes que os executivos e empresários. Os poetas viajam pra muito longe montados numa cabeça de alface. Mas, para esses últimos, uma alface é apenas uma alface a ser comida. Não os leva a lugar algum.

Lembrei-me do Alberto Caeiro, que voou num prato de salada: yL mk cs mpZm os c k gqrs pZ bc l Zrs pcxZ ? q k g f Zq gk áq+ Zq njZ rZq+ Zq ank nZ f cgpZq bZq dh rcq+ Zc qZ rZq Z os c l g es äk pcxZ— C amprZk ,qc c tàk Úl nqpZ k cqZ c l nq f mägq nq f çqncbcc ps gbmqmq — ncbck YqjZbZq(+ bcqps gbmqmq– Qck ncl qpZp os c cvgeck ÚRcppZ,K ác Z qs Z dhcqs pZ c nq qcs q dgf nq mpgk cgpmq+ Zq mpgk cgpZq t qbcq nZjZtpZq os c cjZ rck + Zq mpgk cgpZc angqZq t g Zq c gpgqZ rcq os c L nät gs os Z bmZq Qos Zq bcqacpZk c magk mbmq k nh rcq t qbc c ZjZeZbmqs pegs c l mZp nmp nh bc Z nnk ' ZZnZpcacs mZpam,ãpgq qc cq Zrcs —".

Terminada essa divagação lírica, tomo consciência de que vou comer a alface. Mas como comê-la? Não é coisa simples. A resposta a essa questão vital exigiu a intervenção erudita dos especialistas em etiqueta. Cortar uma alface para comê-la? Jamais! A alface verde virginal não pode ser estuprada pela faca, esse instrumento fálico! Suas folhas devem ser comidas inteiras. Cortar uma folha de alface com uma faca é como morder a hóstia: sai sangue...

Mas comer uma folha de alface sem cortá-la com a faca exige uma habilidade especial, dada a discrepância entre o tamanho da superfície da folha de alface e o apertado orifício onde ela deve entrar, a boca. Para realizar esse feito, é preciso valer-se de artifícios técnicos sofisticados.

É assim. Usando-se a faca como uma espátula, para não ferir a folha com o corte, imobiliza-se a folha no prato. Ato contínuo, usando o garfo, executa-se uma dobradura na folha. Nesse momento, a faca é deslocada de onde estava e é transferida para a superfície da folha dobrada. E assim se vai procedendo, até que a folha, a princípio lisa e aberta como o rosto de uma mulher, seja reduzida a uma pequena trouxa gorda. Então, o garfo penetra na trouxa para fixá-la nesse formato, enquanto a faca é usada para empurrar a trouxa mais para o fim dos dentes do garfo, para impedir que ela se abra. A folha de alface está pronta para ser comida.

Isso não é fácil. Uma senhora minha amiga, muito elegante mas desajeitada na arte de fazer trouxas de folha de alface, faz suas trouxas na forma de um charuto. Mas um charuto é comprido demais para entrar na boca. Assim, ela desenvolveu uma técnica especial: fincado o charuto de alface com o garfo, o charuto não pode penetrar na boca de uma vez só. A penetração se dá em dois tempos. Primeiro introduz-se na boca um dos lados do charuto, até encostar na bochecha. Então, introduz-se a outra extremidade do charuto que ainda está fora da boca.

Mas aí eu me pergunto: "Quem foi que estabeleceu que deve ser assim? E as milhões de folhas de alface que foram cortadas para serem comidas — que princípio estético esse procedimento transgride?".

Tive então uma iluminação súbita. Percebi que a etiqueta surgiu em decorrência de uma briga entre os fabricantes dos instrumentos que são usados para comer, tais como garfos, facas, colheres, e os mestres de cerimônia. Digo isso por haver me dado conta de que as normas de etiqueta têm por fim, precisamente, negar as funções dos ditos instrumentos.

Veja o caso das colheres. Foram feitas com um bico. A existência do bico indica que a intenção do artesão era que o bico fosse introduzido na boca. Se não fosse essa a sua intenção, ele não teria feito as colheres com bico. Mas os mestres de etiqueta proíbem que se introduza a colher na boca pelo bico. O elegante é tomar a sopa fazendo-a transbordar pelo lado da colher. Fazer o bico entrar na boca é falta de educação.

Por analogia, os garfos nunca deveriam ser introduzidos na boca pela ponta. Teriam que ser usados pelas bandas.

Os artesãos construíram os garfos inspirados nas pás: pás para pegar a comida e

pô-la na boca. Dizem os estetas: Jamais! O garfo deve ficar sempre na mão esquerda, sendo seguro ao contrário do que sua forma sugere, o oco da pá voltado para baixo. Tal posição não oferece problemas quando a função do garfo é fincar: fincar a carne, fincar a batata. Mas como comer as ervilhas e o feijão? Um entendido nessas questões me esclareceu: esmagam-se as ervilhas e o feijão com a faca contra as costas do garfo.

Volta a questão da analogia. As colheres de sopa devem também ser usadas da forma como se usam os garfos, ao contrário, o oco voltado para baixo?

Fico à espera de alguém que possa me esclarecer em questões de tanta relevância para a vida.

10. Conversa com o Diabo I

ELE CHEGOU E FOI FALANDO num tom queixoso:

"Falam mal de mim. Dizem que gosto das coisas feias, que tenho cheiro de enxofre, chifres e patas de bode. Houve mesmo maledicentes que disseram que eu e Lutero inventamos a guerra química, pois nos atacávamos fazendo uso de gases malcheirosos expelidos pelo orifício inferior. O Riobaldo, conhecedor das tolices da cabeça dos homens, sabia do gosto que têm as pessoas pelas invencionices."

Pra documentar o que ia dizer, abriu a mala 007 e tirou lá de dentro um volume do livro E pZl bc qpprám9 t cpcbZq– Estava caindo aos pedaços, folhas soltas, folhas rasgadas.

"O senhor me perdoe pelo estado do livro. É que ele é minha segunda Bíblia, do jeito como diz a Adélia. Todo dia eu leio um pedacinho. Nem sei mesmo quantas vezes já li o livro de cabo a rabo. Modéstia à parte, é preciso que se saiba que eu ajudei o João. Acham que ele ia inventar tudo aquilo sozinho? Quando termino de ler o livro, começo de novo. Pois não é assim que fazem os rios? A água sobe aos céus pra chover e começar tudo de novo... Está aqui, na página 59: YM qcl f mp bct c dgZp mpct cl gbm9 cqpc mntmqc bgt cprc mmp bck Zgq ank ' Z mqcgpZ+ bs k rpZos c bc hsk cl rm dmpk Zk s k rs dam bc t cl rZl gZ– Nmp enqrm bc pc' s jgâm+ B cmmgq cjcq k cqk mq ZaZ Zk rck cl bmc apcl bm+–(. Confesso que nunca vi explicação mais curta e mais certa de como as crenças tomam conta dos pensamentos dos homens. Foi isso que fizeram comigo. Me pintaram feio. E porque me pintaram feio não me reconhecem quando apareço, bonito... Eu sou um esteta. Quando se trata das minhas roupas, eu consulto os especialistas. Não suporto roupa brega, especialmente batina e colarinho clerical...

"Falam também mal de mim por aquilo que faço. Mas não sou culpado por cumprir o meu dever. Sou um simples ministro que tem de cumprir as ordens do patrão. E o faço honestamente. Tudo, menos corrupção. Se os homens lessem as Sagradas Escrituras com mais atenção fariam um juízo diferente a meu respeito.

"O que é que está escrito nas Escrituras? Que Deus gosta de conversar

comigo. Pede minha opinião. Pondera os meus conselhos.

"As Escrituras Sagradas não mentem. São inspiradas pelo próprio Deus. Nisso creem católicos, protestantes e evangélicos. Se está escrito é verdade inspirada que tem de ser acreditada. Está lá no livro de Jó, capítulo 1, versículo 6: descreve uma grande reunião das hostes celestiais. Deus convocara todos os seus ministros para uma audiência. E eu era um deles. E notem: foi a mim, somente a mim, que ele dirigiu a palavra. 'Você por aqui? Por onde é que você tem andado?', ele perguntou. Respondi: 'Tenho andado pelo mundo, fazendo meu trabalho de auditoria'. A seguir, ele me perguntou se, nas minhas andanças, eu havia observado Jó, seu filho querido. 'Não há ninguém como ele. Homem puro, sem culpa, íntegro.'

"Ele me perguntou. Tive de responder, dizendo a verdade. Ponderei que a piedade de Jó não era mais que sua obrigação porque ele, Deus, o havia enchido com as maiores mordomias. Havia lhe dado sete filhos, três filhas, sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas. Além disso, o seu calendário não era marcado por número de dias, mas pelo número de banquetes que aconteciam a intervalos determinados.

"Lembrei então ao Criador que a qualidade de uma pessoa não pode ser medida pelas aparências. Aprendi isso de Jesus. Há aquele ditado 'Por fora bela viola, por dentro pão bolorento'. Minha missão é ver se a bela viola não passa de pão bolorento disfarçado. Não acredito nas aparências. Jesus tinha a mesma opinião. Sabia que os homens são especialistas em enganação. Chamou os fariseus de sepulcros caiados. Por fora, as orações, os jejuns, os dízimos. Por dentro, arrogância, presunção, falta de amor. Por fora, branquidão; por dentro, podridão.

"Alguns invejosos do meu prestígio com o Criador puseram-me maldosamente o apelido de 'tentador'. Mas o que faço não é tentar; é testar. Haverá missão mais importante que essa? Sou o encarregado de dar o certificado de ISO 13.000 às pessoas. O teste tem por objetivo assegurar a boa qualidade do que está sendo testado. Tudo tem de passar por testes antes da aprovação. Até os cachorros sabem disso: antes de abocanhar eles cheiram. O seu olfato é o seu órgão de controle de qualidade. E esse é o meu ministério, o Ministério do Controle de Qualidade."

11. Cozinhar

OS TEXTOS SAGRADOS DIZEM QUE, quando Deus voltar à terra do seu exílio, a sua presença será servida como um banquete: todos reunidos à volta de uma mesa, comendo, bebendo, conversando, rindo... Deus se dá como comida. Tal como aconteceu no filme ? dcqZ bc @Z crrc. Babette, a feiticeira, com a sua culinária, transformou uma aldeia de pessoas amargas em crianças! O comer é um ritual mágico.

Comer é o impulso mais primitivo do corpo. O nenezinho tudo ignora: para ele, o mundo se reduz a um único objeto mágico, o seio da sua mãe. Nasce daí a primeira filosofia, resumo de todas as outras: o mundo é para ser comido. Disse alguém que a nossa infelicidade se deve ao fato de que não podemos comer tudo o que vemos. Sabem disso os poetas. Os poetas são seres vorazes. Escrevem com intenções culinárias. Querem transformar o mundo inteiro, os seus fragmentos mais insignificantes, em comida. Quem sabe numa simples azeitona... Poemas são para serem comidos. yQns nh ãt npnmbc qcl rgk cl rmq+bc qppcq+bc jgt pnq+bc Zanh rcagk cl rmq c js rZq‘, dizia Neruda... yAnk cpgZ rnbZ Z rcppZ- @c‘ cpgZ rnbnmmk Zp—“ yNcpgem Zjes k Zc nZjZt pZq— ? eZppm,Zq l mt rmn— c aZnrs pm,Zq+ jgk nm,Zq+ ZnZpm,Zq+ npcnZpZl bm,k c bgZl rc bn npZrm+ qgl m,Zq apgqrZgl Zq+— t cecrZgq+ njcnqZq+ ank mdps rZq+ ank mZxcgrnh Zq— C cl rám Zc pct njt m+ Zegm,Zq+‘ c‘ m,Zq+ qs em,Zq—“

A memória mais forte que tenho do cozinhar é a de um pai preparando um peixe para o forno. Ele ficava transfigurado. Acho que teria se realizado mais como cozinheiro. Quando via o prazer no rosto dos convidados, era como se estivessem devorando ele mesmo, o cozinheiro, antropofagicamente. Todo cozinheiro quer sentir-se devorado. Toda comida é antropofagia, toda comida é sacramento.

Fico a me perguntar: quais foram as razões que fizeram com que a culinária nunca tenha sido elevada à dignidade acadêmica de "arte", como a música e a pintura? Talvez porque o prazer da comida seja tão intenso que não deixa espaço para as funções contemplativas e intelectuais, ligadas às outras artes.

12. Minha Música...

DIZEM QUE A RAZÃO POR que se embalam as criancinhas em ritmo binário é porque, durante nove meses, ouvimos a pulsação binária do coração da mãe. O ritmo binário do coração da mãe se inscreve no corpo da criancinha como uma memória tranquilizadora. Se isso é verdade, tem de ser verdade também que a música ouvida em tempos anteriores à memória consciente, no sono fetal, torna-se parte da nossa carne.

Comecei a ouvir música antes de nascer. Minha mãe era pianista e tocava. A música clássica é parte da minha carne.

Não é meu costume ouvir música enquanto escrevo. Fico possuído pela música, numa espécie de êxtase, e isso faz parar meus pensamentos. Contrariando o meu hábito coloquei no micro um CD de uma peça que nunca ouvira, sonata para violino e piano de César Franck. Minutos depois, eu estava chorando. Aí interrompi o choro e fiz um exercício filosófico. Perguntei-me: "Por que é que você está chorando?". A resposta veio fácil: "É por causa da beleza...". Continuei: "Mas o que é a experiência da beleza?". Sem uma resposta pronta, veio-me algo que aprendi com Platão. Platão, quando não conseguia dar respostas racionais, inventava mitos. Ele contou que, antes de nascer, a alma contempla todas as coisas belas do universo. Essa experiência foi tão forte que todas as infinitas formas de beleza do universo ficam eternamente gravadas na alma. Ao nascer, nos esquecemos delas. Mas não as perdemos. A beleza fica em nós, adormecida como um feto. Todos estamos grávidos de beleza, beleza que quer nascer para o mundo qual uma criança. Quando a beleza nasce, reencontramo-nos com nós mesmos e experimentamos a alegria.

Agora vem a minha contribuição. Continuo o mito. Há seres privilegiados — eles bem que poderiam ser chamados de anjos —, aos quais é dado acesso a esse mundo espiritual de beleza. Eles veem e ouvem aquilo que nós nem vemos nem ouvimos. E transformam então o que viram e ouviram em objetos belos que o corpo pode ver e ouvir. É assim que nasce a arte. Ao ouvir uma música que me

comove por sua beleza, eu me reencontro com a mesma beleza que estava adormecida dentro de mim.

yOs Zl bmrc t gZk cg rc hÔk s grmZl rcq- Rmpl cg Zcl anh rpZp rc os Zl bmrc Zaf cg-" Essa é a mais bela declaração de amor que conheço, escrita pelo anjo Fernando Pessoa. Tu já estavas dentro de mim antes que te encontrasse. O nosso encontro não foi encontro; foi reencontro... Isso que o poeta diz para um homem ou uma mulher pode ser dito também para uma música: "Quando te ouvi, ouvi-te já muito antes. Tornei a ouvir-te quando te ouvi...".

O que me comoveu, então, não foi a música de César Franck. Foi a sonata que estava adormecida dentro de mim e que a sonata de César Franck fez acordar. Ao me comover com a beleza da música, eu me reencontro com a minha própria beleza. Por isso a música me traz felicidade...

13. O Flautista

FORTALEZA. EU IA FAZER UMA fala. Aí me disseram que antes haveria um pequeno concerto de uma orquestra de flautas de crianças pobres: sorriso no rosto, camiseta abóbora, flautinhas na mão. O regente era um mocinho magro. No fim, o Marcelo — esse era o seu nome — me convidou a visitar a orquestrinha na cidade de Aquiraz, bairro Tapera, a uma hora de Fortaleza.

O concerto aconteceria numa chácara, à noite. Mangueiras enormes, céu estrelado. Tocaram a sua alegria. Aí o Marcelo se juntou conosco. Pedimos que contasse sua história.

Família muito pobre. Pai bravo e batedor. Comiam os peixes que tarrafeavam num rio. E era preciso trabalhar para ajudar. Marcelo trabalhava numa padaria. Ganhava dez reais por mês. E ainda tarrafeava, depois de terminado o trabalho na padaria.

O seu grande sonho era ser músico, baterista. Pois um dia correu a notícia de que iriam formar uma banda. Quem quisesse que se candidatasse. O Marcelo se candidatou. Mas o homem que fez a apresentação do projeto nada falou sobre baterias. Em vez disso, tocou uma flautinha. O Marcelo se esqueceu da bateria e se apaixonou pela flauta.

O pai disse um "não" grosso e definitivo quando soube das intenções do filho. "Flauta é coisa de vagabundo. Filho meu não toca flauta..." Marcelo soube então que seu namoro com a flauta teria de ser como os namoros antigos, escondido.

A inscrição pra valer terminava às cinco da tarde. Marcelo, nessa hora, estava na padaria. Só pôde sair muito mais tarde, de bicicleta. No caminho, por aflição, caiu da bicicleta. Os peixes se espalharam e ele ficou todo escalavrado.

E foi assim que chegou ao lugar da inscrição com duas horas de atraso. Mas o homem da inscrição ficou com dó dele e o inscreveu. Ele tinha onze anos. Acontecia que a flauta custava dez reais, o salário de todo um mês. Precisava ajuntar dinheiro. Passou a caminhar olhando para o chão, em busca de moedas perdidas. Por um ano, juntou moedas de um centavo. Completou os dez reais.

Comprou a flauta de plástico. Como não podia estudar em casa, pela braveza do pai, passou a estudar no alto de um cajueiro, de noite, longe de casa. No cajueiro guardava a flauta. Mas, num dia de chuva, ficou com medo de que a flauta se estragasse com a água. Escondeu-a em casa. No fim do dia, voltando do trabalho, o pai o esperava. Havia encontrado a flauta. O pai acendeu uma fogueira e a queimou, aplicando-lhe a seguir uma surra. Mas ele não desistiu.

Mais um ano juntando centavos até comprar nova flauta. Aí ele arranjou uma aluna. Pela aluna ganhava dez reais por mês! Uma fortuna. Outra aluna, e mais outra. Nove alunas! Noventa reais. O pai passou a gostar de flauta.

Foi então que o Marcelo teve a ideia de ensinar flauta para as crianças — sem nada ganhar. E assim surgiu a orquestra de flautas. Naquela noite, debaixo da mangueira, ele tinha dezoito anos. "Eu tenho um sonho", ele disse. "Gostaria de ter uma flauta de verdade, transversal. Mas ela custa muito caro. Vai levar muito tempo para ajuntar o dinheiro..."

Aí uma professora que estava na roda abriu-se num sorriso e disse: "Marcelo, eu tenho uma flauta guardada numa caixa de veludo. Flauta que ninguém toca... A flauta é sua!".

Isso aconteceu faz tempo. O Marcelo entrou para a universidade, tornou-se flautista e regente. E continua ensinando música para as crianças por puro prazer, sem ganhar dinheiro. E não sei por que, o fato é que me elegeu seu padrinho... Tanta gente bonita e esforçada por esse Brasil imenso. Dá esperança.

14. São Jorge e o Dragão

PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, NO GOZO DA liberdade que a aposentadoria traz, tinha agora tempo para ler os livros que não lera, fazer as viagens que não fizera, ou simplesmente tempo para vagabundear. Sobravam-lhe as razões para viver o que William Blake escrevera: "L mrck nmbc qck cZp+Zmpcl bcp: l mrck nmbc amjf cp+cl qcl Zp: l mrck nmbmgl t cpl m+emxZp—". Seu inverno chegara. Era tempo de gozar. Mas não foi isso que aconteceu. Descobriu-se tomado por uma tristeza profunda, um sentimento de falta de sentido para tudo, aquilo a que se dá o nome de depressão.

Minha cabeça, ao se defrontar com um enigma, faz o que faziam os gregos: ela inventa estórias, mitos. Pois foi isso que aconteceu. Baixou-me a estória que passo a contar para explicar a incapacidade de gozar quando é tempo de gozar.

"Desde muitos séculos, são Jorge fora um habitante da Lua. Romântica quando vista da Terra, a Lua era a arena de uma batalha diária entre o Santo Guerreiro e o Dragão da Maldade. Todas as manhãs, ao acordar, são Jorge sabia: havia uma missão que só ele poderia cumprir.

"Era esse sentimento quase religioso de missão e de dever que dava sentido à sua vida. Bem que ele poderia ter matado o Dragão séculos antes. Mas ele sabia que, se matasse o Dragão, sua vida se transformaria num tédio sem fim: nada pra fazer, nenhuma missão a cumprir. Sua máxima espiritual era 'Pugno, ergo sum': luto, logo existo. São as batalhas que dão sentido à vida.

"Aconteceu, entretanto, algo de que ninguém suspeitava. O Dragão era, na verdade, uma linda donzela que uma bruxa invejosa havia enfeitiçado e mandado para a Lua. Mas, como todo feitiço tem um prazo de validade, chegou também o dia em que a validade do feitiço chegou ao fim e o feitiço se desfez: o horrendo Dragão foi transformado numa linda donzela.

"São Jorge, que tudo ignorava, acordou na manhã daquele dia como acordava todos os dias, determinado a cumprir o seu destino, que era dar combate ao

Dragão. Com lança, armadura e espada, saiu o guerreiro no seu cavalo. Mas qual não foi o seu susto quando, em vez de um Dragão, o que o esperava era um ser que lhe era totalmente estranho: uma linda donzela.

"E a donzela, com suas vestes entreabertas, o recebeu com palavras de amor e gozo: 'Venha, Jorginho, provar do meu carinho e do mel dos meus beijos...'.

"São Jorge ficou paralisado de susto e medo. Não sabia o que fazer. Essa entidade estranha não estava registrada na sua memória. Não lhe fora ensinada na escola. Fora educado a vida inteira para a batalha. Era a batalha que dava sentido à sua vida. E agora ele se defrontava com a possibilidade de simplesmente gozar sem nada fazer...

"São Jorge nem desceu do seu cavalo. Voltou para onde viera, triste e deprimido, com saudades dos tempos do Dragão. O Dragão dava sentido à sua vida. O Dragão definia a sua identidade: ele era um guerreiro... Agora, perdida sua identidade de guerreiro, sua vida perdeu o sentido.

"Não lhe fora ensinada na escola a arte do gozo, de não ter deveres a cumprir. Sua vida tornou-se então um grande vazio. Quanto à linda donzela, ele olhava para ela e tinha uma saudade imensa dos tempos do Dragão..."

Aposentadoria é quando o Dragão vira donzela, quando a batalha dá lugar ao gozo. Mas isso, simplesmente gozar, não nos foi ensinado. E mergulhamos então na tristeza da depressão...

15. Sobre a Beleza

ALMA NÃO COME PÃO. ALMA come beleza. O pão engorda, faz o corpo ficar pesado. A beleza, ao contrário, faz a gente ficar cada vez mais leve. Não é raro que os comedores de beleza se tornem criaturas aladas e desapareçam no azul do céu, onde moram os deuses, os anjos e os pássaros. A beleza é coisa da leveza.

Há dois tipos de beleza.

O primeiro é a beleza que os deuses oferecem aos homens como dádiva. Ela cai dos céus, à semelhança do maná. A segunda é a beleza que os homens oferecem aos deuses como dádiva. Ela sobe da terra aos céus, como fumaça ou bolhas de sabão.

Conhece-se a beleza dádiva dos deuses por aquilo que ela produz na alma dos homens. Quem é possuído por ela entra em êxtase: cessa o riso, cessa o choro, o pensamento para, a fala emudece. É mística. A alma está tomada pela felicidade da tranquilidade absoluta. Era assim que se sentia o Criador ao contemplar, ao final de cada dia de trabalho, o resultado da sua obra: "Está muito bom! Do jeito como deveria ser! Nada há a ser modificado! Amém!".

16. Árvores, Sinal de Atraso

Isso que vou contar foi um goiano que me contou... Aconteceu numa cidadezinha, no interior do estado. Ficava num vale que terminava numa serra no meio de uma verdadeira floresta de mangueiras, jabuticabeiras, laranjeiras e árvores nativas, seculares... As árvores eram tantas que o viajante, no alto da serra, quase não percebia a cidade, no vale. Foi então que um prefeito moderno e dinâmico fez uma campanha entre os moradores para que cortassem as árvores dos seus quintais para que a cidade fosse vista pelos viajantes. E argumentava: "Todo mundo sabe que árvore é sinal de atraso...".

17. Dona Clara

DONA CLARA ERA UMA VELHINHA de 95 anos, lá em Minas. Vivia uma religiosidade mansa, sem culpas ou medos. Na cama, cega, a filha lhe lia a Bíblia. De repente, ela fez um gesto, interrompendo a leitura. O que ela tinha a dizer era infinitamente mais importante. "Minha filha, sei que minha hora está chegando... Mas, que pena! A vida é tão boa..."

Eram seis da manhã. Minha filha me acordou. Ela tinha três anos. Fez-me então a pergunta que eu nunca imaginara: "Papai, quando você morrer você vai sentir saudades?". Emudeci. Não sabia o que dizer. Ela entendeu e veio em meu socorro: "Não chore que eu vou te abraçar...". Ela, menina de três anos, sabia que a morte é onde mora a saudade porque lá a gente fica longe dessa terra tão boa...

Eu, por enquanto, não quero morrer. Já tive medo de morrer. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza.

Mas tenho muito medo DO morrer. O morrer pode vir acompanhado de dores, humilhações, aparelhos e tubos enfiados no meu corpo contra a minha vontade, sem que eu nada possa fazer porque já não sou mais dono de mim mesmo, solidão, ninguém tem coragem ou palavras para, de mãos dadas comigo, falar sobre a minha morte, medo de que a passagem seja demorada.

A morte deveria ser como os últimos compassos de uma sonata: belos e tristes, até que venha o silêncio. Camus dizia que o suicida prepara seu suicídio como uma obra de arte. Seria possível planejar a própria morte, sem suicídio, como uma obra de arte? Mas quem, nos hospitais, se preocupa com a beleza?

Zorba morreu olhando para as montanhas. Uma amiga me disse que quer morrer olhando para o mar. Montanhas e mar: haverá metáforas mais belas para o Grande Mistério?

Mas a medicina não entende.

Um amigo contou-me dos últimos dias do seu pai, já bem velho. As dores eram terríveis. Dirigiu-se, então, ao médico: "O senhor não poderia aumentar a

dose dos analgésicos para que meu pai não sofra?". O médico o olhou com olhar severo e lhe disse: "O senhor está sugerindo que eu pratique a eutanásia?". Impecável o médico, na sua severidade ética e religiosa. Enquanto sua consciência permanecia calma, o velhinho estava mergulhado num abismo de dor.

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama, em meio aos fedores de fezes e urina — de repente, o acontecimento desejado, libertador: seu coração parou. Ah, com certeza fora o seu Anjo da Guarda que assim punha um fim à sua miséria! Aquela parada cardíaca era o último acorde da sonata alegre que fora a sua vida! Mas o médico, movido pelos automatismos éticos costumeiros, apressou-se a cumprir o seu dever: debruçou-se sobre o velhinho morto e o fez viver de novo.

Dir-me-ão que é dever dos médicos fazer todo o possível para que a vida continue. Mas o que é vida? Mais precisamente: o que é a vida de um ser humano? Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria. Morta a possibilidade de sentir alegria ou gozar a beleza, o corpo se transforma numa casca de cigarra vazia.

Muitos dos chamados "recursos heroicos" para manter vivo um paciente são, do meu ponto de vista, uma violência ao princípio da "reverência pela vida". Porque, se os médicos dessem ouvidos ao pedido que a vida está fazendo, eles a ouviriam dizer: "Sou um pássaro engaiolado. Abram a porta! Deixem-me voar livre pelos ares!".

18. Orgasmos Nasais

ACOMETIDO POR UMA CRISE DE espirros enquanto caminhava pela Fazenda Santa Elisa lembrei-me de um estudante que me confessou espirrar sempre que se sentia excitado sexualmente. Nos livros sobre erótica que li nunca vi referência alguma a esse curioso fenômeno. É bem possível que os espirrantes, envergonhados dessa anomalia e com medo de serem catalogados psicanaliticamente como "perversos", tenham guardado o seu segredo.

Ter orgasmo com o nariz é uma perversão, não é normal. Quem sabe o Vaticano soltará uma encíclica condenando os espirros da mesma forma que condena os homossexuais e a camisinha? O fato é que o espirro muito se assemelha ao orgasmo. Começa com uma discreta cócega, a cócega cresce até estourar numa explosão eólica extremamente prazerosa seguida de alívio. O prazer sexual do espirro levou os antigos a inventar uma forma de ter orgasmos nasais artificialmente. Inventaram o rapé.

O rapé era o Viagra nasal daqueles tempos. Do francês "râper", ralar, raspar. Rapé é fumo raspado, em pó. Houve tempos em que era elegante cheirar rapé, o pó preto. Vendiam-se caixinhas de prata, à semelhança das caixas de fósforo, verdadeiras joias. Dentro ia um pedaço de fumo. De um lado, um minúsculo ralador. Ralava-se o fumo na hora para se obter um cheiro de qualidade superior, assim como, para se obter um bom café, o grão tem de ser moído na hora.

Qual era a maneira elegante de se cheirar rapé? Primeiro, fechava-se uma das mãos, na horizontal. Depois, esticava-se o dedão firmemente para cima. Ao fazer isso aparece, na junção da mão com o braço, um oco, produzido pelo tendão esticado do dedo. No oco se coloca o pó. Aproxima-se então o pó de uma das narinas, tendo a outra tampada com o dedo indicador da outra mão. Respira-se com força, o pó entra pela narina e o espirro vem para o prazer do espirrante. Ainda é possível comprar rapé nas tabacarias. Eu mesmo tenho uma latinha que me foi dada por um amigo. Quem sabe seria possível substituir o pó branco pelo pó negro? Espirro dá prazer sem fazer mal.

Escrevi isso de brincadeira, só pra dar risada. Aí eu recebi um e-mail da Alemanha sobre o assunto. Transcrevo algumas das coisas escritas: "Queria lhe dizer somente que minha esposa, alemã, de Giessen, trabalhou na otorrinolaringologia, mais precisamente, na área cirúrgica, e lembro-me que, um dia, ela veio toda contente com as observações que sua chefa, austeríssima, a Frau Professor Doktor Glanz, sumidade na área, fez, durante uma cirurgia. Era já comprovada a ligação do nariz com as tensões eróticas do corpo. Frau Glanz recordava que o mesmo tecido esponjoso existente nos órgãos sexuais tanto masculinos e femininos estavam também presentes na narina e suas proximidades. Daí a excitação espirrante no nariz quando da excitação erótica do corpo, ou melhor, como você diz, citando Adélia Prado, da alma. Desejo-lhe tudo de bom e dou-lhe um abraço de quem muito o respeita. João L. B. Penharvel". Em primeiro lugar, quero agradecer ao dr. Penharvel essas informações que confirmaram minha tese brotada do prazer do espirro. Em segundo lugar, quero sugerir aos homens e mulheres, especialmente os mais velhos, que façam uso desse extraordinário afrodisíaco que é o rapé. Espirrar com rapé é muito bom. E acho que o rapé não produz nem câncer nem doenças cardíacas.

19. Dor

GOSTO DA ADÉLIA PRADO POR várias razões. É poeta. Tem o jeitão mineiro. E teóloga. Sempre que ela fala sobre os mistérios do mundo sagrado, eu me calo e medito. Quase sempre as palavras dela iluminam as minhas dúvidas. Sugestão para algum estudante que esteja à procura de tema para dissertação: "A Teologia da Adélia Prado"...

Mas hoje peço perdão. Discordo do que ela escreveu. Estava teologando, falando sobre a coisa mais terrível que há no mundo, o demônio, e foi isso, mais ou menos, o que ela escreveu. Digo "mais ou menos" porque não sei de cor e não posso consultar os livros dela que estão encaixotados, prontos para uma mudança que, julgo, será a última... Foi isso que acho que ela disse: yM äàs cqpÓ gesZjxgl fmZcqqZtgbZ+k dmqsk Zangp9mk cbm—"- Tanta coisa boa! Não é preciso pôr mais nada. O que está aí chega. Precisa só tirar uma coisa, uma única coisa, e a Terra se transformará no céu. Qual é o nome dessa coisa terrível? Ela responde: o medo.

Concordo. Mas eu acho que tem coisa pior, que é a causa de todos os medos: a dor. Nunca tive medo de cálculo renal. A despeito de eu nunca ter tido medo dele, ele veio, sem pedir licença e sem consultar se eu tinha medo ou não. Foi assim que conheci pela primeira vez a dor do inferno. Cessam todos os pensamentos. O corpo só deseja uma coisa: parar de sentir dor, a qualquer preço.

Dor não tem jeito de explicar. Bernardo Soares diz que tudo o que é sentimento é inexplicável. O artista, para comunicar seus sentimentos — inexplicáveis —, se vale de um artifício: ele invoca um sentimento "parecido" que o outro conhece. Não posso explicar o cheiro da flor de um jasmim-do-imperador. O perfume está além das palavras. Mas eu posso dizer: "É igualzinho ao cheiro de pêssego...".

De que comparação vou me valer para explicar a dor a alguém que não a está sentindo? Só sabe o que é a dor aquele que a está sentindo, no presente. Enquanto a dor está doendo, meu corpo — não minha cabeça — sabe o que ela

é. Passada a dor, ela fica na memória. Passa a morar no passado. Mas isso que está na memória não é conhecimento da dor porque o passado não dói. A memória da dor, por terrível que tenha sido quando aconteceu, não me dá conhecimento da dor, depois que ela se foi.

Minha memória mais antiga de dor me leva de volta à roça onde vivi quando menino. Lembro-me da cena, mas não sinto. Acho até engraçado. Era dor de dente — dor num minúsculo dente. A dor fazia meu minúsculo dente inchar até ficar do tamanho do universo — e eu, chorando, sem saber contar a minha dor, dizia que tinha inveja das galinhas que não tinham dentes... Foi o meu primeiro encontro.

Mais tarde, ela voltou sem se anunciar. Não a mesma. Nenhuma dor é a mesma. Cada dor é única. Chegou bruta, definitiva. Lutei contra ela usando as armas que se compram nas farmácias. Inutilmente. Levaram-me (nesse ponto eu já não era dono de mim mesmo; eu estava à mercê dos outros) então para o hospital, lugar da medicina forte. As injeções são mais potentes que os comprimidos. Aplicaram-me seis Buscopan. A dor não tomou conhecimento. Ficou mais forte. Comecei a vomitar. O médico, reconhecendo a derrota dos recursos penúltimos, dirigiu-se à enfermeira e disse o nome do último, nenhum mais forte: "Aplica uma dolantina nele...".

Ela aplicou. Aí, passados cinco minutos, senti a mais deliciosa sensação que tive em toda a minha vida. Não era sensação de nada. Que me importavam música, sexo ou flores? Era, simplesmente, a sensação de não ter dor. Pensei se essa euforia não deveria ser o estado normal da alma, sempre que o corpo não estivesse sentindo dor. Rindo e feliz, brinquei que o Paraíso morava dentro de uma ampola de dolantina...

20. O Grande Anjo

ISSO QUE VOU CONTAR JÁ faz muitos anos, é só memória...

Eu disse que o Paraíso mora numa ampola de dolantina... "Cessa, ó dor!" E ela cessa... Pena que o Paraíso seja de tão curta duração. A dor se vai, sim, mas fica de tocaia...

Me tocaiou... Foi voltando devagarzinho, aparecendo num outro lugar: a coluna. Ela chegava e ia torcendo o corpo, obrigando-o a assumir as posições mais estranhas para livrar-se dela. Lembro-me de uma viagem que fiz até o litoral, corpo curvado, o pé apoiado no painel de instrumentos do carro. Chegando lá, praia, lugar de deleites e risos, a dor não me deixou. Ela só me deixava em paz numa posição: agachado.

A dor não me deixava alternativas. Qualquer coisa para livrar-me dela: cirurgia. Mas a cirurgia era de resultados duvidosos. Um ortopedista conhecido, sabendo dos riscos, me disse: "Só faço cirurgia de hérnia de disco quando o paciente ameaça cometer suicídio...".

Pois é isso mesmo que acontece: a dor, ultrapassado um certo limite, faz sonhar com a morte, como a única possibilidade de libertação. Coisa estranha esta, desejar morrer por amor à vida... Walter Rauschenbush assim colocou a questão no seu livro M[illegible]. Quando a dor é sem trégua, a pessoa que sofre tem um único desejo: parar de sofrer. Esgotados todos os recursos para pôr fim à dor, resta morrer.

Eu não queria morrer; queria parar de sofrer. No quarto do hospital, torturado pela dor, aguardando a cirurgia, ouvi, vindo não sei de onde (ou terá sido uma alucinação minha?), um trecho de uma sonata de Beethoven. Que combinação mais estranha! Beleza e dor... Num arroubo de coragem (ou de loucura), cerrei os dentes e disse para mim mesmo: "Nem toda a dor do mundo será capaz de destruir a beleza dessa sonata!". Mas foi coisa momentânea. Meu corpo não queria

a beleza da sonata de Beethoven; ele só queria não mais sentir a dor... Se o preço de acabar com a dor fosse silenciar a sonata, meu corpo preferiria que a beleza não existisse.

Finalmente, a cirurgia. Abençoo o meu filho que é anestesista, embora jamais tenha sido o "meu" anestesista. É perigoso... para ele... Mergulhado no sono, não sinto dor. No dia seguinte, o cirurgião veio me visitar e pediu-me para fazer um movimento-teste. Fiz. Beliscou. A dor ainda estava lá dentro. Uma outra cirurgia seria necessária. Fiz a segunda cirurgia. A dor piorou, multiplicada por não sei quanto. De volta para casa, só havia um recurso para não sentir dor: ficar deitado sobre o gelo... Semanas... Até que, pela magia dos bioquímicos, a dor deu-se por satisfeita e se foi...

Há de se pensar no que fazer com um corpo possuído pelo demônio da dor. Com os meus cachorros eu sei o que fazer...

(Não é espantoso que haja religiões que creiam que Deus tenha condenado seus desafetos a uma eternidade de dor?)

21. Cuidado com o seu Sotaque

DIANTE DE UM INIMIGO COMUM, os homens se unem. Derrotado o inimigo comum, os vitoriosos, que dantes estavam unidos contra aquele inimigo, se tornam inimigos uns dos outros: a guerra contra um inimigo externo se transforma em guerra entre os irmãos internos.

Pois é um caso desses que está relatado no livro de Juízes, das Escrituras inspiradas, cap. 12.

Por uma questão qualquer que não vem ao caso, os guerreiros da tribo de Gileade brigaram com os guerreiros da tribo de Efraim, todos eles irmãos do povo de Israel.

Derrotados, os efraimitas ficaram com medo de que os vitoriosos guerreiros gileaditas, para se vingar, invadissem seu território e matassem todos os homens. Pensaram então: "O jeito é a gente, durante a noite, passar para os limites da tribo de Gileade. Assim passaremos por gileaditas e eles não nos matarão".

E assim fizeram. Foram para a fronteira onde havia uma guarda.

"Alto lá, identifiquem-se!", berravam os guardas gileaditas.

Respondiam os efraimitas disfarçados:

"Somos gileaditas. Deixem-nos passar..."

Acontecia, entretanto, que os efraimitas tinham um sotaque que os identificava. Sua língua não conseguia pronunciar o som "sh". Aí o guarda ordenava:

"Fale 'shiboleth'."

O efraimita dizia:

"Siboleth..."

Diz o texto inspirado que, naquela ocasião, 42 mil efraimitas foram decapitados pelos seus irmãos gileaditas — o que dá, em média, 1.750 efraimitas decapitados por hora e 30 efraimitas decapitados por minuto —, seu sangue misturando-se com as águas do rio Jordão... (Juízes 12:5-6). E não existe no texto sagrado, inspirado por Deus para exemplo, nenhuma condenação dessa matança, a

despeito do mandamento "Não matarás". O que prova que o povo de Deus não dava muita bola para os mandamentos de Jeová. E parece que ele mesmo não levava a sério os mandamentos que ele mesmo promulgara, porque os morticínios, por sua ordem, são assombrosos.

22. Filosofia de Jangadeiro

A VILMA CLORIS DE CARVALHO, maravilhosa educadora aposentada da Unicamp (a quem deveria ser conferido o título de "Professora Emérita"), vive em Recife e descobriu que a literatura circula pelas suas veias. Um dos seus prazeres é caminhar pela praia, pela manhã. Ela me contou o seguinte: "Na minha caminhada passo por uma praia de jangadeiros. É ali que eles trazem os seus peixes. Todos eles já fazem uso do telefone celular para se comunicar com a terra. Passei por um jangadeiro que falava no celular. Curiosa, diminuí o passo para ouvir a conversa. Ele falava com uma mulher. Foi isso que ele disse: 'Meu bem, quando eu estou com você, sou só seu.. Quando estou com a minha mulher, sou só dela. Mas quando estou no mar não sou de ninguém...'".

23. Filosofia de um Pintor

HOKUSAI (1760-1849) É CONSIDERADO, TALVEZ, o maior de todos os pintores japoneses. Aos 74 anos, três anos menos velho do que eu, eis o que ele escreveu:

yB cqbc nq qcgq Zl nq rcl f m k Zl gZ bc bcqcl f Zp Z dnpk Z bZq angqZq- ? nq 4/ Zl nqr ns ‘ jgos cg s k Z gl dl gbZbc bc bcqcl f nq- K Zq rs bmos c npnbs xg Zl rcq bnq 6/ l ámä bgel mbc qcp jct Zbm ck anh rZ- ? nq 62 Zl nq+ Znpcl bg s k nns am qn‘pc Z t qcbZbcgpZ cqps rs pZ bZ l Zrs pcx Z bnq Zl gk Zgq+ bZq njZl rZq+ bnq nÔqqZpnq+ bnq ncgycq c bnq gl qcrnq- A nk acprcx Z- os Zl bmrgt cp 7/ Zl nq+ rcpcg pcZjgx Zbm k Zgq npnepcqqnq Znq 8/+ncl crpZpcg l nq k gräpgnq bZq angqZq Znq 0//+ nnp acprn+ rcpcg Zrgl egbm s k Z dZqc k ZpZt gf nqZ+c+os Zl bmrgt cp 00/ Zl nq+ os Zjos cp angqZ os c dgx cp+ qchZs k nnh rnns s k Zjgl f Z+rcpÔt gbZ‘-

Ah! Como desejo ter a sua esperança ao contemplar os anos da velhice...

24. Filosofia de um Bibliotecário

ACHEI, NO FUNDO DE UMA gaveta, a seguinte carta, manuscrita, com caligrafia invejável: "Prezado escritor; lhe escrevo em nome da Biblioteca e da Pacífica População da Penitenciária de Presidente Bernardes/SP. A biblioteca procura por todos os meios atender e estimular os anseios por leitura, cultura e educação dos mais de mil reeducandos e funcionários da penitenciária. Porém o acervo é deficiente para esta missão. A leitura é um poderoso fator de reeducação e uma útil e piedosa substituta para a liberdade perdida. Recebemos livros seus ('O retorno eterno', 'A magia dos gestos poéticos') como doação em resposta a um pedido como este, dirigido à editora Papirus. Inusitadamente nosso público se encantou com seus textos, os livros não param nas estantes e os pedidos por mais leitura são um rebuliço. Isso me faz pedir-lhe a doação de livros de sua autoria (mesmo que com defeitos gráficos) um único exemplar será uma valiosa contribuição!!! Esteja certo que estará incentivando o bom hábito de leitura e uma sociedade de paz. Todavia, se possível, faça uma dedicatória à biblioteca que será um estímulo a mais para os leitores e significará ter um magnetizante 'ícone' no acervo (assinado: Eduardo Isaac Manzino Israel)."

Transcrevo essa velha carta como penitência. Fiz as doações pedidas, mas me esqueci de continuar a fazê-las ao correr do tempo. Quero retomar o compromisso. Pergunto sobre o destino do Eduardo e sobre o endereço. E vai a sugestão para os meus leitores. Estou certo de que nas estantes de suas casas haverá livros que nunca mais serão lidos...

25. Linguagem Politicamente Correta

ERA O ANO DE 1971. Eu fora convidado a fazer uma conferência no Union Theological Seminary de Nova York. Na minha fala usei várias vezes a palavra "homem" com o sentido universal de "todos os seres humanos", incluindo não só os homens, que a palavra nomeava claramente, como também as mulheres, que a palavra deixava na sombra. Era assim que se falava no Brasil.

Depois da conferência, fui jantar no apartamento do presidente. Sua esposa, delicada mas firmemente, deu-me a devida reprimenda.

"Não é politicamente correto usar a palavra 'homem' para significar também as mulheres. Como também não é correto usar o pronome 'ele' para se referir a Deus. Deus tem genitais de homem? Esse jeito de falar não foi inventado pelas mulheres... Foi inventado pelos homens numa sociedade em que eles tinham a força e a última palavra... É sempre assim: quem tem força tem a última palavra..."

O que aprendi daquela mulher naquele jantar é que as palavras não são inocentes. Elas são armas que os poderosos usam para ferir e dominar os fracos.

Os brancos norte-americanos inventaram a palavra "niger" para humilhar os negros. E trataram de educar suas crianças. Criaram uma brincadeira que tinha um versinho que ia assim: "Eeny, meeny, miny, moe, catch a niger by the toe... — agarre um crioulo pelo dedão do pé..." (Aqui no Brasil, quando se quer diminuir um negro, usa-se a palavra "crioulo": aquele criolão...).

Foi para denunciar esse uso ofensivo da palavra que os negros cunharam o slogan "black is beautiful" — "o negro é bonito". A essa linguagem de protesto, purificada de sua função de discriminação, deu-se o nome de "linguagem politicamente correta" (pclanguage).

A regra fundamental da linguagem politicamente correta é a seguinte: nunca use uma palavra que humilhe, discrimine ou zombe de alguém. Encontre uma forma alternativa de dizer a mesma coisa.

Não se deve dizer "ele é aleijado", "ele é cego", "ele é deficiente", etc. O ponto crucial é o verbo "ser". O verbo ser torna a deficiência de uma pessoa parte da sua própria essência. Ela é a sua deficiência. A pclanguage, ao contrário, separa a pessoa da sua deficiência. Em vez de "João é cego", "João é portador de uma deficiência visual...". Essa regra se aplica a mim também.

Por exemplo: "Rubem Alves é velho". Inaceitável. Porque chamar alguém de velho é ofendê-lo, muito embora eu não saiba quem foi que decretou que velhice é ofensa. (O título do livro do Hemingway deveria ser mudado para O idoso e o mar?...)

As salas de espera dos aeroportos são lugares onde se pratica a linguagem politicamente correta o tempo todo. Aí, então, na hora em que se convocam os "portadores de necessidades especiais" para embarcar, as necessidades especiais sendo cadeiras de roda, bengalas, crianças de colo, convocam-se também os velhos, eu inclusive. Mas, sem saber que palavra ou expressão usar para se referir aos velhos sem ofendê-los, houve alguém que concluiu que o caminho mais certo seria chamar os velhos pelo seu contrário. Assim, ao invés de convocar velhos ou idosos pelos alto-falantes, a voz convoca os "jovens", isto é, os cidadãos da "melhor idade". É claro que a "melhor idade" só pode ser a juventude...

A linguagem politicamente correta pode se transformar em ridículo... Chamar velhice de "melhor idade" só pode ser gozação.

Quero então fazer uma sugestão que agradará aos velhos. A voz chama para embarcar os "cidadãos da idade é terna...". Não é bonito ligar a velhice com a ternura?

26. Floripa

SE EU PUDESSE, ME MUDAVA pra Floripa. Gosto dela por si mesma, pelo lugar, pelo mar azul, pelas águas mansas, pelo cheiro de maresia, pelos barcos a vela, pelos golfinhos... Sempre me lembro de uma manhã de felicidade boba — felicidade boba é felicidade que acontece de repente, sem preparo, com pouca coisa, em momentos de distração... Eu, mulher e filhos pequenos éramos o mundo (em Floripa, a gente se esquece do mundo), assentados numa baía rasa de água morna catando berbigões, moluscos deliciosos quando feitos com arroz...

Gosto dela mesma, mas gosto daquilo que ela me faz lembrar. Em Floripa, eu me sinto em casa. Melhor dizendo: volto pra casa.

Eu nasci em Minas, lugar onde parece que não há mar. O problema é que os visitantes, ainda não iniciados nos mistérios de Minas, procuram o mar no lugar errado. Tomei muito banho de mar em Minas, especialmente em noite clara de lua cheia.

Tive uma casa lá no alto de uma montanha, dentro da cratera de um vulcão adormecido há 500 milhões de anos.

Nietzsche escreveu em algum lugar que o segredo da criatividade — ou quem sabe da juventude — é construir uma casa na base de um vulcão. Pra gente nunca dormir descansado. Viver perigosamente. Sempre é possível que o vulcão acorde do seu sono. Agora, com a fúria da terra que acordou do seu sono com terremotos e tsunamis, fico me perguntando: e se o vulcão adormecido acordar?

Mandei esculpir numa prancha de madeira de lei as instruções para aqueles que querem ver o mar de Minas. yM k Zp bc K gl Zq l ámä l mk Zp- M k Zp bc K gl Zq ä l n äs + npé k s l bm mjf Zp npZ agk Z c l Zt ceZp+ qck l s l aZ rcp s k mnpmnpZ af ceZp“. Peço perdão ao poeta cujo nome esqueci. Lá eu tomei muito banho de mar olhando pro céu. Eu olhava pra cima, via as nuvens, navios que o vento tocava.

Aí saí das montanhas e fui pro mar. Mudei-me para o Rio. O mar é um espanto. Meu filho de quatro anos, depois de molhar os pés nas águas do mar pela primeira vez, me perguntou ao voltar para a casa: “O que é que o mar faz quando

a gente vai dormir?".

O Rio era bom porque ele era mar e montanha ao mesmo tempo. E eu fiquei assim dividido, e até escrevi uma estória para grandes e pequenos com o título de A selva e o mar.

Mas agora o Rio ficou um lugar de tiros e medos. Tranquilidade não se encontra em nenhum lugar.

Por isso gosto de Floripa, porque lá eu me lembro da minha infância livre no Rio, embora os cariocas nunca tivessem perdoado o meu sotaque de mineiro. Ir a Floripa é viajar em busca do tempo perdido.

Mas pra eu me mudar pra Floripa é preciso que ela mude de nome. Porque Floripa não é o nome dela. É um apelido de amor, que poderia ser para a mulher amada.

O nome dela oficial, escrito nos documentos e envelopes de cartas é Florianópolis, cidade do Floriano. Floriano era nome de militar, apelidado de "marechal de ferro", um estranho nascido em Ipioca, distrito de Maceió, Alagoas. Não foi à toa que lhe deram esse apelido. Seus ferros furaram as paredes de um forte onde os inimigos da República eram executados por sua ordem. Pelo menos foi isso que o guia me contou. E olhando para a parede esburacada pelas balas lembrei-me da tela terrível de Goya, Mq d xgiZk cl mq bc 2 bc k Zgm. E a cidade, que tinha outro nome, foi rebatizada com o nome de Floriano para celebrar uma vitória militar do férreo marechal.

Quero me mudar para a dita cidade. Mas não me dou bem com o seu nome. No dia em que a capital passar a ser oficialmente chamada de Floripa, cidade das flores, então eu mudo...

27. Os Ipês Amarelos

UMA PROFESSORA ME CONTOU ESSA coisa deliciosa. Um inspetor visitava a escola. Numa sala ele viu, colados nas paredes, trabalhos dos alunos acerca de alguns dos meus livros infantis. Como que num desafio, ele perguntou à criançada: "E quem é Rubem Alves?". Um menininho respondeu: "O Rubem Alves é um homem que gosta de ipês amarelos...". A resposta do menininho me deu grande felicidade. Ele sabia das coisas. As pessoas são aquilo que amam.

Mas o menininho não sabia que sou um homem de muitos amores... Amo os ipês, mas amo também caminhar sozinho. Muitas pessoas levam seus cães a passear. Eu levo meus olhos a passear. E como eles gostam! Encantam-se com tudo. Para eles, o mundo é assombroso. Gosto também de banho de cachoeira (no verão...), de vento na cara, do barulho das folhas dos eucaliptos, do cheiro das magnólias, de música clássica, de canto gregoriano, do som metálico da viola, de poesia, de olhar as estrelas, de cachorro, das pinturas de Vermeer (o pintor do filme K mâZank ‘pgl ambc näpmjZ), de Monet, de Dali, de Carl Larsson, do repicar de sinos, das catedrais góticas, de jardins, da comida mineira, de conversar em volta da lareira.

Diz Alberto Caeiro que o mundo é para ser visto e não para pensarmos nele. Nos poemas bíblicos da criação está relatado que Deus, ao fim de cada dia de trabalho, sorria ao contemplar o mundo que criara: tudo era muito bonito. Os olhos são a porta pela qual a beleza entra na alma. Meus olhos se espantam com tudo. Sou místico. Ao contrário dos místicos religiosos, que fecham os olhos para verem Deus, a Virgem e os anjos, eu abro bem os meus para ver as frutas e legumes nas bancas de feira. Cada fruta é um assombro, um milagre. Uma cebola é um milagre. Tanto assim que Neruda escreveu uma ode em seu louvor: yP mqZ bc Ôes Zank cqpZk Zq bc apgrZj—". Vejo e quero que os outros vejam comigo. Por isso escrevo. Faço fotografias com palavras. Diferentes dos filmes, que exigem tempo para serem vistos, as fotografias são instantâneas. Minhas crônicas são fotografias. Escrevo para fazer ver. Uma das minhas alegrias são os e-mails que

recebo de pessoas que me confessam haver aprendido o gozo da leitura lendo os meus textos. Os adolescentes que pariam desanimados diante de um livro de 200 páginas sentem-se atraídos por um texto pequeno de três páginas. O que escrevo são aperitivos. Na literatura, frequentemente, o curto é muito maior que o comprido. Há poemas que contêm um universo.

Mas escrevo também com uma intenção gastronômica. Quero que meus textos sejam comidos. Mais do que isso: quero que eles sejam comidos com prazer. Um texto que dá prazer é degustado vagarosamente. São esses os textos que se transformam em carne e sangue, como na eucaristia.

Sei que não me resta muito tempo. Já é crepúsculo. Não tenho medo da morte. O que sinto é tristeza. O mundo é muito bonito! Gostaria de ficar por aqui... Escrever é o meu jeito de ficar por aqui. Cada texto é uma semente. Depois que eu for, elas ficarão. Quem sabe se transformarão em árvores! Torço para que sejam ipês amarelos...

28. Tradutor, Traidor

TRADUZIR É SUBSTITUIR PALAVRAS QUE não se conhecem por palavras conhecidas. Trata-se de uma delicada combinação de ciência e arte. Ciência porque o tradutor, antes de mais nada, tem de ser um dicionário que contenha as palavras conhecidas e as palavras não conhecidas. Caso contrário, a tradução não será possível. Do engano sobre o sentido das palavras e das traduções equivocadas surgem os maiores desentendimentos. O que levou os linguistas de uma universidade do país de Lagado, visitado por Gulliver, a propor que, no processo de comunicação, as palavras fossem substituídas pelos objetos que elas representam. Em vez de falar "laranja", mostrar uma laranja... A proposta só não foi implementada por razões práticas: havia objetos muito grandes, o que tornou as conversas limitadas a objetos que pudessem ser levados nas mãos, bolsos e bolsas.

E há também os sentidos sutis que o dicionário não ajuda na tradução, pois que vêm nos interstícios das palavras a que Fernando Pessoa se referiu.

Esse caso que vou relatar se encontra no delicioso livro No país das sombras longas. Esse título, em si mesmo, é um teste para seus conhecimentos. Que país é esse em que as sombras são sempre longas? Qual é a condição astronômica para que isso aconteça? Quem tiver conhecimentos rudimentares de astronomia deve saber onde fica esse país e que clima é o seu. Eis aí uma pergunta que deveria cair no Enem... É um livro delicioso de aventuras, em meio a gelos sem fim, ursos, focas, cães, trenós e costumes diferentes, entre eles o anzol para pegar as pulgas que vivem dentro das roupas de couro costuradas sobre o corpo...

Pois minha leitura foi interrompida por esta frase estranha: yQgmZ bqmi qpZ nZpZãgmbZ agl rspZ nZpZ 'Zgymc rgl fZ mstgbmq bspmq'- Ouvidos duros... Não fez nenhum sentido. Até que me vali de um truque da imaginação: tentei fazer a tradução ao contrário, do português para o inglês. Ouvidos duros, ao contrário: "hard of hearing". O homem era surdo...

Logo na página seguinte, esta frase me parou de novo: y? sk aZl mtgZ, qc sk Z

epZl bc aZjf Z bc ncbpZ ncjZ os Zj rmlbmq nZqpZt Zk Zq qs Zq Ôos Zq qppt gbZq+ t Zjgmq Zq nZpZ n as pngk cl rmlbc amspm—“. Suas águas servidas? O que é isso? Usei então o mesmo método de decifração. Traduzi ao contráro: “passavam suas águas servidas”, “pass water”, que quer dizer fazer xixi...

A tal calha de pedra era um mictório...

Agora, alguns versos do poema “The Rock”, de T. S. Eliot.

Rf c CZejc qmZpq gl rf c qs k k gr mdF cZt cl +
Rf c F s l rcp u grf f gq bmeq ns pqs cq f gq agpas grq+
M ncpncrs Zj pct njs rgnh mdanh qgesp cb qrZpq+
M ncpncrs Zj pcas ppcl ac mdbcrcpk gl cb qcZqnh q—

Esses versos parecem descrever um cenário de caça, a águia, ave de rapina, voa nas alturas. Sobre os campos, um caçador com seus cães trilha os seus caminhos. E foi assim que o tradutor traduziu o texto.

y? ¾es gZ nZgpZ qn‘pc mq nãl aZpmq bmq ääs q+ m AZâZbmp ank qcs q aácq pZqppcgZ,jf c n rpZlcrm+ Ê ncpcl c pct njs âámbc cqppcjZq anh qrcjZbZq—“

Parece que a tradução está certinha. A não ser pelo fato de que Eliot diz que ele está descrevendo o caminho dos astros no céu: a revolução permanente das estrelas consteladas. É esse fato que dá a chave para a tradução.

“Eagle” não é uma ave em voo: é uma constelação cujo nome em português é “Áquila”. O “Hunter” é o nome em inglês para a constelação que é atravessada pelas “Três Marias”, o Órion. E os cães não são cães de caça. São as constelações ao lado do Órion, o Cão Menor e o Cão Maior, na qual se encontra a Sirius, a estrela mais brilhante do céu.

A tradução certa, então, seria y? ¾os gZ nZgpZ qn‘pc mq nãl aZpmq bmq ääs q+ mÊ pgnh ank qcs q aácq pZqppcgZ,jf c mrpZlcrm—“. Assim, saímos da companhia do caçador, da águia e dos cães e somos devolvidos ao mistério das estrelas nos céus...

29. Sem Resposta

ESTIQUEI O BRAÇO PARA PEGAR o colírio que estava sobre o criado-mudo. Meus olhos estavam cheios de areia. Defeito do mecanismo ótico cuja função é lubrificar a córnea com lágrimas. O meu oftalmo me disse que essas lágrimas são uma reminiscência dos tempos em que vivíamos dentro d'água, milhões de anos atrás. Saímos da água, mas o corpo teve de arranjar um artifício que continuasse a lubrificar os olhos. Com a idade, ele já não funciona direito. Daí a necessidade do colírio.

Acendi a luz, pinguei o colírio, consultei o relógio, cinco e meia, não acordei nem uma vez durante a noite, nem mesmo para fazer xixi. Lembrei-me do jantar feliz da noite anterior. Duas amigas me visitaram (segundo elas mesmas, foi uma visita atrasada; deveria ter sido feita pelo menos dois meses antes, quando estava me recuperando da costura de cinquenta centímetros que os cirurgiões fizeram na minha barriga, estômago e coração). Trouxeram o jantar pronto. Enquanto as esperava, fui me aquecendo com meu sacramento Jack Daniel's e daí passamos para o vinho tinto. Se alguém me perguntasse como tinha sido a minha noite, eu responderia automático: "Foi bem, graças a Deus...".

Ainda no automático, eu iria tomar um banho e comer uma banana e chupar uma manga, mas logo me lembrei de que eu tinha de fazer um exame de sangue em jejum para ver o estado das plaquetas (não me perguntem o que são plaquetas) que haviam descido a um nível perigoso em consequência das cirurgias.

Peguei o jornal sem interesse. Chamou a minha atenção com tristeza e com um sentimento de "assim é a vida" a notícia da morte daquela mulher paradigmática que foi a senhora Zilda Arns, irmã do cardeal Arns, totalmente dedicada à causa das crianças. Setenta e cinco anos. Eu, setenta e seis... Com a idade nos setenta, é normal e esperado que se morra. Ela morreu, eu quase, estive bem perto do buraco negro. Tristeza, mas não espanto. Morrer faz parte da normalidade da vida.

Só li as letras grandes. As pequenas não consigo ler. Pus os óculos. Aí o mundo

ficou absurdo. Zilda Arns, que só vivia para as crianças, havia sido morta atingida por escombros de um terremoto grau 7 enquanto caminhava numa missão de paz, para que as crianças do Haiti sofressem menos. Logo o Haiti, um dos países mais pobres do mundo.

O jornal L cu Wmpi Rgk cq, no dia seguinte ao ataque terrorista às torres do World Trade Center, publicou um editorial com o título "Onde estava Deus no dia 11 de setembro de 2001?". Era a pergunta certa a ser feita. Milhares de perguntas técnicas poderiam e foram feitas. Mas a pergunta crucial não tinha a ver com segurança militar, nem com a economia, nem com a morte de centenas de pessoas. A pergunta crucial seria aquela que atinge o nervo da alma. A pergunta crucial tem a ver com a a última palavra que se pronuncia quando "o destino bate à porta". Valem, para aquele momento, as palavras de Unamuno: "O que existe de mais sagrado num templo é o fato de ser o lugar aonde se vai chorar em comum. Um Miserere cantado em coro por uma multidão açoitada pelo destino vale tanto quanto uma filosofia". Os Estados Unidos são um país cheio de templos, moradas de Deus. Muitas pessoas foram chorar nos templos naquele dia. Mas Deus, onde estava ele naquele dia? Deus é confiável? Se ele tivesse querido bastaria ter movido um dedo... Pode-se acreditar nas palavras sagradas do salmista que declarou: "Caem mil à tua esquerda e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido". O sentido da pergunta era a resposta que ninguém se atrevia a dizer: "Não temos mais um Deus em quem confiar"... Ou o certo será "Deus é fiel?".

Misturei a pergunta teológica com a manchete do jornal. Fui para a Clínica Lane. A televisão dava notícias graves sobre o acontecido no Haiti, mas logo passou a dar notícias alegres sobre futebol. É difícil viver num mundo em que a tragédia e o banal aparecem juntos, na mesma tela. O certo é chorar ou é rir? Ou tudo será uma farsa?

Uma senhora lia um Novo Testamento enquanto esperava sua vez. Há Novos Testamentos por todos os lugares, distribuídos pelos "Gedeões". Pensei que um bom versículo para ser lido seria Romanos 8:28: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...". Confesso não entender: qual o bem que acontece aos milhares de velhos, crianças, homens e mulheres mortos por um deslizamento de terra, terremoto ou tsunami? Segundo dizem os teólogos, Deus, onisciente e onipotente, sabia com antecedência de milênios que

as tragédias iriam acontecer e ele poderia tê-las evitado apenas com um piscar de olhos. Não evitou porque não quis.

Com a morte de dona Zilda Arns, o mundo ficou mais triste. Sentimo-nos mais órfãos. Podemos gritar. Não haverá resposta: "Nenhuma palavra veio ao homem ajoelhado. Ele só ouviu a canção do vento. Ou o barulho seco de asas que não via, não eram anjos, eram morcegos no alto do forro da igreja. Ele não virá mais...".

30. O Gato que Gostava de Cenouras

O TELEFONE TOCOU. QUERIAM UMA entrevista sobre o livrinho M eZrmos c enqrZt Z bc acl ns pZq. Não entendi o nome da revista porque estou ficando meio surdo e por vergonha não pedi que repetissem. A entrevista começou...

Gato gosta de peixe, de rato e de passarinho. Gato não gosta de cenoura. Numa terra de gatos, um gato que gostasse de cenoura seria uma aberração, uma vergonha para os pais, motivo de chacota e zombaria na escola...

O nome dele era Gulliver, carinhosamente, Gullinho. Seus pais não sabiam do seu gosto pelas cenouras. Comer cenouras era um ato secreto, escondido. Seus pais só se preocupavam com o fato de que ele não comia os deliciosos ratinhos recém-nascidos, os pardais saborosos, os peixes cheirosos que lhe traziam para abrir o apetite. Gullinho era diferente dos demais gatos. E isso fazia seus pais sofrer muito porque o que os pais mais desejam é que seus filhos sejam iguais aos outros.

O fato era que os pais de Gullinho ignoravam que ele, escondido, comia a comida proibida, cenoura... A mãe acabou por desconfiar das incursões secretas do Gullinho e disse ao pai que seria melhor segui-lo para ver onde ele estava se metendo. Foi o que o pai "sogateiramente" fez. Gullinho caminhava com cuidado olhando para todos os lados para ver se estava sendo seguido. Andou até chegar ao sítio do senhor Joaquim. Havia canteiros com todos os tipos de hortaliça. Gullinho foi até o canteiro de cenouras e — oh! Coisa horrenda para um pai gato — começou a comer cenouras.

O pai do Gullinho quase morreu de susto. Seu filho, que ele sonhara tigre, não passava de um coelho. E chorou amargamente...

Resolveu procurar auxílio. Procurou um padre, que ameaçou Gullinho com o Inferno. "Deus é gato, Deus ordenou que nós comêssemos peixes, ratos e passarinhos. Comer cenoura é pecado mortal!" Mas não adiantou... Gullinho continuou a vomitar peixes, ratos e passarinhos...

Aí eles o levaram ao psicanalista. A análise durou vários anos. Mas o que o doutor Gatan lhe dizia com linguagem complicada não alterava o seu gosto: ele continuava a gostar de cenouras...

Foi então que um professor da escola entendeu o drama que Gullinho estava vivendo. Ele então o chamou para uma conversa e lhe disse: "O nosso destino está escrito nas células do nosso corpo num afgn bem pequeno chamado DNA. Esse chip DNA já está no feto determinando a cor do seu pelo, a cor dos seus olhos, se você vai ser menino ou menina, daltônico ou não, canhoto ou destro. Você nada pode fazer para mudar as ordens que estão no seu chip. E acontece o mesmo com o nosso gosto por ratos ou por cenouras... Não é pecado como o padre disse porque foi o DNA que o fez assim... Não é resultado de educação porque foi o DNA que o fez assim... E nem pode ser curado, como se fosse uma doença, porque é o DNA que o fez assim... Igual ao daltonismo".

Gullinho olhou em silêncio para o professor e pela primeira vez entendeu tudo. E ele sentiu que um enorme peso fora tirado de cima dele. Entendeu então que ele podia gostar de cenoura porque fora o DNA que o fizera assim — e ninguém tinha nada com isso.

⋆ ⋆ ⋆

Eu ainda estava na cama quando minha filha me acordou.

"Pai, você apareceu na E,KZeZxgl c, a reportagem do gato..."

Tive de reconhecer a minha ignorância literária.

"Mas o que é E,KZeZxgl c?", perguntei. Aí ela me disse.

Entendi então por que o assunto da entrevista tinha sido MeZmos c emqrZtZbc acl nspZq..

31. Cachorro Vai para o Céu?

TENHO UM AMIGO QUE É pastor de uma igreja presbiteriana no Rio de Janeiro. Parte da missão de um pastor é esclarecer as dúvidas espirituais que porventura possam advir da leitura confusa das Sagradas Escrituras. Pois ele foi procurado por uma senhora já bem velha, solitária, que morava sozinha e tinha como amigo de todas as horas o seu cãozinho, também já velhinho. A aflição da senhora tinha a ver com o fato de que ela acreditava na Bíblia e lia a Bíblia como consolo. Pois houve um texto que a apunhalou: o escrito no livro de Apocalipse, capítulo 22, versículo 15. Nenhuma das passagens terríveis das Sagradas Escrituras a havia abalado. Ela as lera e ficara em paz... Mas esse mínimo versículo havia abalado o seu mundo. Porque esse versículo enumera aqueles que não poderão entrar no Paraíso: "... Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros...". "Reverendo, então o meu cãozinho, meu único amigo, não entrará comigo no Paraíso?" Não foi fácil convencer a velhinha. Aí o pastor teve a ideia de invocar a imagem dos rebanhos de ovelhas. Centenas de ovelhas pastando, os lobos à espreita, o pastor sozinho não dá conta, mas os cães estão sempre atentos. Eles são bons. Eles guardam as ovelhas. Por isso os pastores amam os cães. Pastores, ovelhas e cães entrarão todos juntos no Paraíso...

32. As Lições Sagradas de Acã

O POVO DE ISRAEL, DEPOIS de amargar por quarenta anos andando por um deserto sem água e sem árvores, aproximava-se da Terra Prometida, essa mesma que hoje é motivo de matanças que não têm fim. Acabavam de atravessar o rio Jordão... Havia gente que nunca vira um rio, água correndo sem parar...

O exército israelense, fortíssimo e cruel como o de agora, avançava expulsando os moradores do local sem dó nem piedade e se apossando de suas terras. Não usava foguetes e aviões, mas dispunha de um poder muito mais letal, o mortífero poder de Iahweh.

As terras eram maravilhosas e verdejantes. Segundo o escritor sagrado que as descreveu poeticamente, elas manavam leite e mel e os cachos de uvas eram tão grandes que requeriam dois homens para serem carregados. (Certamente o entusiasmo do narrador o levou a exagerar um pouco o tamanho dos cachos de uva. Mas isso não importa...)

Tinham agora um povinho insignificante pela frente que poderia ser derrotado com meio exército. Josué, general líder, comandava tranquilo. Mas as coisas não aconteceram como esperado e o povinho fraquinho deu um surra humilhante no exército de Iahweh.

Josué foi se queixar diretamente a Deus. Naqueles tempos, Deus falava diretamente com os homens. Não sei por que isso não acontece mais. Porque, se acontecesse, não haveria dúvidas sobre qual é a vontade de Deus, tal como aconteceu nesse edificante episódio das Escrituras Sagradas, relatado no capítulo 7 do livro de Josué. Quem se comunica diretamente com Deus não tem dúvidas, só tem certezas. Como acontece com o papa.

Iahweh lhe disse: yTmàqdmpZk bcqpmnZbmqmmpos c fmstc s k fmkckoscdcxangqZoscs mpngqpZ– Cl os Zlrmtmàql ámqcnspggqpck bcqpc fmkckotmàqcpámbcqpmnZbmq“.

Josué, sabendo que com Deus não se brinca, acordou de madrugada, reuniu as doze tribos e delas, por indicação divina, escolheu a tribo de Judá, e da tribo de Judá escolheu a clã de Zerah, e do clã de Zerah a família de Zabdi, e da família de

Zabdi um homem chamado Acã, que confessou: ele fizera a coisa proibida. Na batalha se apossara de uma capa de veludo, de algumas moedas de prata e uma barra de ouro.

Josué, então, tomou Acã, yZ mpZrZ+ZaZnZc Z‘ ZppZbc ms pm+hs l rmank qs q dgf mq c dgf Zq+qs q ‘ mgq+qs Zq k s jZq+qs Zq mncjf Zq+qs Z rcl bZ c rs bmos Zl bmrgl f Z+c cjc c rmbmn mntmbc GqpZcj mq jct ZpZk Zmt Zjc bc ? amp- Hhqs ä cl rámjf c bgqqc9 YRs l mq rpns vcqc s k Z bcqeppZâZ- ? empZmQcl f mpmnZqqpZpÔZbcqeppZâZnZpZrg—(“

Então os israelitas seus irmãos os apedrejaram até a morte. E as pedras formaram uma pilha que lá está até o dia de hoje. y? qqk mQcl f mpZnZcms mds pmpbZ qs ZgpZ‘ (Josué 7:25-26). Palavra do Senhor. Graças a Deus.

Como é bem sabido, a Bíblia é livro inspirado, tudo o que nela está escrito foi ditado por Deus para a edificação dos fiéis que devem lê-la reverentemente.

Fico então a pensar na lição divina que um pregador piedoso retiraria desse relato.

Esse texto inspirado por Deus nos dá informações sobre a psicologia divina: Deus, vez por outra, é possuído por feios surtos de furor...

Diz mais: que, para que o seu furor se apague, é preciso que os pecadores, seus filhos, empregados e animais sejam apedrejados...

Diz também franciscanamente algo sobre a psicologia dos animais: se os animais devem ser apedrejados é porque eles também pecam; se pecam é porque têm alma; se têm alma são nossos irmãos...

Diz mais: que, para proteger seu povo favorito, Deus se mete em matanças de pessoas inocentes. Mas será que ele não poderia proteger sem matar tanta gente?

Por favor, não pensem que sou um incrédulo herege! Cito santo Anselmo: yqlbcq os Zcpcl qgl rcjjcars k “... A minha é uma fé que precisa de entendimento. É só isso que eu quero: entender os misteriosos desígnios da divindade para que não aconteça comigo o que aconteceu com Acã...

33. A Direção Sagrada

UM AMIGO, ARNALDO DA VIDI, um padre italiano que foi missionário no Brasil, contou-me que a sua organização religiosa tem projetos educacionais em vários países. Num desses países, de religião islâmica, a escola passou por uma reforma física que incluiu novos banheiros para substituir os antigos, já muito velhos. Mas aconteceu algo estranho: os alunos, que usavam normalmente as privadas antigas, passaram a se recusar a usar as privadas novas. Faziam suas necessidades no chão do banheiro, contra a parede oposta às privadas. Esse comportamento absurdo deixou os diretores da escola perplexos, sem entender o que estava acontecendo. Até que o mistério foi explicado: as privadas estavam na direção da cidade sagrada, Meca. Defecar e urinar na direção de Meca era uma profanação. Era o mesmo que misturar as coisas sagradas às fezes. Antes sujar os banheiros que profanar a direção sagrada. Uma das edições da revista E cnepZnf ga K ZeZxgl c traz um mapa para orientar os fiéis islâmicos sobre a direção correta de Meca, o que resolve o problema das privadas que poderão usar.

34. Progresso

O MENINO MODERNO, FAMILIARIZADO COM o computador, ficou curioso sobre como eram as coisas no trabalho do seu pai no tempo em que não havia computadores. O pai, entusiasmado com a súbita curiosidade do filho, pôs-se a campo para encontrar sua velha Olivetti portátil, amante esquecida, abandonada — e ele nem sabia ao certo onde ela estava. Depois de muito procurar, encontrou-a dentro de uma mala velha cheia de tranqueiras. Tirou-a da sepultura, limpou-a, conferiu as teclas e alavancas, e também as fitas metade preta e metade vermelha, colocando-a então de novo no mesmíssimo lugar sobre a mesa onde vezes sem conta eles estiveram juntos. "Como é que funciona, pai?", o menino perguntou. "É assim que funciona...", respondeu o pai. A seguir, colocou uma folha de papel sulfite no rolo, ajustou as margens e começou a "daquitilografar" (era assim que o meu pai falava) umas frases soltas. Ao ver a máquina em ação, o menino fez um "oh" de espanto. "Que máquina mais adiantada, diferente dos computadores. É só digitar as letras que o texto sai impresso..." O que me fez lembrar um texto divertidíssimo de Cortázar que se chama, se não me engano, ? fgrçpgZbZqgtcl âêcq Só que tudo acontece não de trás para a frente, mas da frente para trás. A história começa num voo de supersônico de Nova York a Paris. Três horas. Aí os homens, inteligentes, pensaram que o prazer da viagem poderia ser aumentado se os aviões, em vez de voarem a uma velocidade acima da velocidade do som e a uma altura de quinze quilômetros, passassem a voar a uma velocidade de 400 quilômetros por hora a uma altura de três quilômetros. Assim, poderiam ficar muito mais tempo longe do trabalho e ver os rios, bosques e vilas... E assim vai acontecendo a história das invenções, sempre ao contrário e sempre melhor... Até que, depois de muito progresso, da invenção dos navios a vela não poluentes e das bicicletas que fazem bem ao coração, os humanos inventam a mais fantástica de todas as invenções: eles inventam o "andar a pé"...

35. “Ela Queria Dizer ‘Não’...”

ELA, PAULISTANA, ERA A PRIMEIRA vez que visitava a família do noivo, futuro marido, lá no interior das Minas Gerais, lugar de delicadezas, etiquetas e regras estabelecidas. Era preciso tomar cuidado para não fazer nada que fosse uma ezd que ofendesse. A mãe a havia advertido sobre o conselho do apóstolo Paulo: na mesa, coma o que puserem no seu prato, sem fazer perguntas, fazendo cara boa e, raspado o prato, aceitar uma segunda servida que deverá ser raspada como a primeira. Pois que, não se aceitando a segunda, vem logo a frase espantada, quase uma reprimenda: “Então não gostou...”.

Pratos raspados, barrigas cheias, panelas vazias, esses eram os sinais que anunciavam um casamento feliz. Quem come bem na mesa há de comer bem na cama...

E se, por acaso, o convidado recusar a segunda concha de frango ao molho pardo — aquele prato divino, alma de Minas, que se faz com frango e sangue fresquinho que o caldo de limão não deixa coagular? Inimaginável. Não é possível que alguém possa não gostar de frango ao molho pardo, porque são as próprias Escrituras Sagradas que dizem que os deuses se alimentam de sangue...

Todos os olhos parados sobre o prato da noiva, à espera da confirmação. A única alternativa seria uma grave indelicadeza. Ruboriza-se e faz “sim” com a cabeça quando o que o seu corpo deseja é vomitar.

No evento em pauta era frango, sim, mas não ao molho pardo. Parece, então, que não havia problema algum, era frango sem sangue. Sem sangue mas cheio de peles moles. E o pedaço que a futura sogra colocou no prato da futura nora — todos sabem das provas de amor a que as sogras gostam de submeter suas noras — foi o pescoço, justamente aquela torre de vértebras descarnadas — impossível comê-las com garfo e faca, é preciso pegá-las com os dedos e valer-se da força da sucção pneumática para retirar a carne alojada entre os ossos... E esse pescoço, em especial, vinha coberto por uma mole capa de pele, em tudo semelhante a um prepúcio.

Sem alternativas. De um lado, o corpo da senhorita que deveria colocar dentro de si o que ela via, o tubo mole, nojento... Qual seria o pior, engolir inteiro ou ir devagarzinho? O corpo da jovem, com todos os seus sentidos dizia "não".

Mas, quando o seu corpo inteiro dizia "não", ela disse "sim": engoliu a pelanca esteticamente nojenta e traz, até hoje, na memória e no estômago, o trauma daquele almoço.

Eu acho que essa coisa de contrariar o corpo dizendo "sim" quando ele está dizendo "não" é uma das marcas daquilo a que se convencionou chamar de "ser humano". Nem bicho nem criança diz "sim" quando o que deseja é dizer "não". Para saber se seu filho ou sua filha está sendo educado é só observar: se ele ou ela diz "sim" quando o seu desejo era dizer "não", isso quer dizer que ele ou ela está aprendendo as regras da civilização.

Meu filho de seis anos foi ao WC do Bar do Alemão. Havia acabado de receber sua mesada, sua fortuna. Na saída, viu que os usuários davam gorjetas a um funcionário que tomava conta do local. O fato de todos fazerem aquilo, igual ao fato de todos comerem a pele mole do frango, criou para o menino uma ordem que não era a ordem do seu corpo. Ele deu de gorjeta, pelo seu xixizinho, todo o dinheiro que tinha. Tão pequeno e já tão educado! Já sabe dizer "sim" quando sua vontade é dizer "não"...

Me davam raiva os cobradores de prestação de enciclopédia quando apareciam na data marcada para receber a prestação. Eu dissera "sim" quando deveria ter dito "não". Minha raiva não era pelo dinheiro. Minha raiva era porque eu não conseguia responder à pergunta: "Por que é que eu disse 'sim' quando deveria ter dito 'não'?".

E nem sei as razões que me levaram a dizer "sim" quando me pediram para escrever este artigo. Se eu tivesse dito "não", neste momento estaria gozando a preguiça deliciosa e irresponsável de uma manhã de domingo em vez de estar acordado lutando com o meu laptop...

P. S.: Mas há muitas situações na vida em que a prudência aconselha que se engula o sapo...

36. “A Minha Bênção...”

DAR AUTÓGRAFO É COISA BOA e é coisa ruim. Boa porque quem pede um autógrafo está, sem o saber, pedindo um pedacinho daquela pessoa que é admirada. E é coisa ruim porque cansa — cheguei a ter tendinite no polegar. E há o perigo de a gente ficar irritado. Uma vez tive um pesadelo, sonhei que dava autógrafos numa fila que não tinha fim... Por mais que eu assinasse, a fila crescia sempre.

Mas há situações especiais. Quando, por exemplo, chega uma mãe pedindo autógrafo para o livrinho do nenezinho que ela traz no colo — por vezes do nenezinho que ainda traz dentro da barriga. Essa mãe está pedindo mais que uma assinatura. Está pedindo que a gente aceite ser padrinho do nenê...

Aí eu volto aos tempos antigos, quando os netos beijavam a mão do avô pedindo não um autógrafo, mas a bênção. “A sua bênção, vovô...” “A minha bênção, meu neto...”

A gente fala as palavras sem pensar no seu sentido. “Bênção” vem de “bendição”, que vem de “dizer o bem”, “bem-dizer”. De “bem-dizer” nasce “benzer”... Quem bem diz é feiticeiro, mágico, vive no mundo do encantamento, onde as palavras são poderosas: basta dizer a palavra para que ela aconteça.

Mas há uma diferença entre as palavras que os jovens dizem e as palavras que os velhos dizem. As palavras dos jovens anunciam um horizonte, um desejo, um sonho, o início de uma viagem. As palavras que os velhos dizem, eles as dizem olhando para trás, fim de viagem, preparando-se para atracar o barco... Os jovens estão partindo. Seus filhos são parte da sua bagagem. Lembro-me de quando isso aconteceu comigo, meus filhos pequenos. Os velhos veem os jovens partindo. Não têm bagagem. É assim que o Chico os descreve — de mãos vazias. A única coisa que têm para deixar é alguma palavra colhida dentre as muitas que a poesia lhes soprou. Não sei explicar as razões por que essa comovente canção do Chico, “O velho”, não é cantada. Chega a ser desconhecida. Acho que é porque ela faz

chorar de tão verdadeira que é. Vou transcrevê-la porque acho que você nunca a ouviu...

O VELHO

M t cjf mqck anh qcjf nq
B c hnqjf nq
B c nZprgbZ
AZppceZank acprcxZ
Rnhbmmncqm
B Zqs Ztgb Z-
Cl rámcs jf c ncpes l rmncjmZk mp-
? tgbZgl rcgpZ+bgx os c qc es Zpbms
B maZpl Zt Zj+bZ' pgl aZbcgpZ
Os c cjc l ám' pgl ams-
K c bgeZZempZ
M os c ä os c cs bgemZmnntm
M os c ä os c rck bc l mtm
NpZbcgvZp—
L ZbZ-
Qc ZaZk gl f ZbZ
J nheZ+npZl cl f s k js eZp—

M t cjf mbc nZprgbZ
B cgvZZtgbZ
Qck qZs bZbcq+
Qck bãtgbZ+l ck qZjbm+
Qck pgtZj
Ms Zk gxZbc-
Cl rámcs jf c ncpes l rmncjmZk mp—
Cjc k c bgx os c qck npc qc cqnhbcs +
L ámqc ank npnk crcs
L ck l s l aZqc cl rpcems —
C bgeZZempZ

M os c ä os c cs bgemZmnntm+
M os c ä os c rck bc l mtm
NpZbcgvZp—
L ZbZ-
C cs t chmZrpgqrc cqpZbZ
Mlbc s k bgZcs t ns nZpZp-

M t cjf mt Zg qc Zempz+
T Zg qc ck ‘ mpZ
Qck ‘ ZeZeck -
L ámqZ c mpZos c t cgm+
Dngnzqqcgm+
Dngnzqqzeck -
Cl rámcs jf c ncpes l rmncjmZk mp—
Cjc k c ä dpZl am+
K nqqpZs k t cpqmk Zl am
B c s k aZbcpl m‘ pZl am
Os c hÔqc dcaf ns -
K c bgeZZempZ
M os c ä os c cs bgemZmnntm+
M os c ä os c rck bc l mtm
NpZbcgvZp—
L ám+
Dngrs bmcqqpgrmck t ám
C cs jf c ncâmncpbám
K Zql ámt ns jZqrgk Zp—

Os velhos falam como quem planta sementes de árvores à cuja sombra nunca se assentarão. São in-vocações, palavras que são retiradas do mais profundo, benzeção...

Por isso não entendo... Andando pelos corredores das maternidades, vejo, pregadas em portas de quarto, as bandeiras de times de futebol: pais colocaram ali o seu mais alto desejo para o seu filho...

Aconteceu que fui atingido por duas criancinhas, neto reto e neto torto, e

preciso abençoá-las com a minha mão. E mexendo nas minhas coisas encontrei uma bênção que um outro avô escreveu e que diz tudo o que eu quero dizer. É uma oração, reza, prece, linguagem velha de um homem bom que acreditava em Deus. Mas se você não acredita não tem importância porque a palavra é poderosa sempre, mesmo que não haja Deus. A menos que Deus seja um menino, como o descreveu Alberto Caeiro...

E eu a repito pensando em todas as crianças que estão nascendo neste mundo, na esperança de que haverão de construir um outro mundo de harmonia entre os homens e a natureza:

"Ó Deus, nós oramos por aqueles que virão depois de nós, por nossos filhos, pelos filhos de nossos filhos, pelos filhos dos nossos amigos, e por todas as vidas que estão nascendo agora, puras e esperançosas, com o sol da manhã em suas faces. Lembramos, com angústia, que eles viverão no mundo que estamos construindo para eles. Estamos esgotando os recursos da terra com a nossa avidez e eles sofrerão necessidades por causa disto. Estamos construindo cidades tristes e casas escuras onde o sol não penetra, porque queremos ganhar mais, e é nelas que eles deverão morar. Estamos tornando a carga muito pesada e o ritmo de trabalho muito cruel e eles cairão fracos e soluçantes ao longo do caminho. Estamos envenenando o ar da nossa terra com as nossas mentiras e com nossa sujeira e eles terão de respirá-lo.

"Ó Deus, tu sabes quanto já gritamos em agonia quando tivemos de sofrer pelos pecados dos nossos pais e como lutamos em vão contra o destino inexorável que conduz nossa vida ou nos aprisiona a ela. Salva-nos de lesar, com a crueldade dos nossos pecados, os inocentes que virão depois de nós. Ajuda-nos a quebrar a antiga força do mal com uma vontade sagrada e firme, e dotar nossas crianças com ideais mais puros e pensamentos mais nobres. Dá-nos a graça de deixarmos esta terra ainda melhor do que a encontramos; a construir sobre ela cidades belas e humanas nas quais o grito do sofrimento desnecessário cesse por completo, e a colocar a ética e o amor sobre a nossa vida de negócios, para que possamos servir e não destruir. Levanta o véu do futuro e mostra-nos como será a nova geração se a nossa culpa a arruinar: para que a nossa cobiça seja freada e assim possamos andar no respeito daquele que é Eterno. E dá-nos uma visão de como serão os anos que estão por vir se forem transformados pelos teus filhos: para que tenhamos coragem

e batalhemos por esse futuro novo."

Deus te abençoe, Tomas.

Deus te abençoe, Rafael...

37. Amor de Velhice

REMEXENDO A ESMO MEUS BAÚS de ideias encontrei esta frase que me comoveu: "Um homem velho amando é como uma flor que floresce no inverno". Não havia indicação de quem era o autor. Também não tinha importância. Que importância tem o autor? Vale para as palavras aquilo que Ângelus Silésius disse sobre a rosa: "? pmqZl ámrck nmpos àq- CjZdmpccqc nmpos c dmpccqc"-

Mas não há como negar o fato de que flor florescendo no inverno e velho namorando na velhice são fatos estranhos, incomuns, vão contra a natureza, causam espanto. Os filhos, vendo as florescências do amor no rosto do velho pai ou da velha mãe, tratam de tirar a tesoura de podar da caixa de ferramentas porque velho amando é ridículo.

Já escrevi um livro que conta estórias de velhos apaixonados: T. S. Eliot, Florentino Ariza e Fermina Dazza, Hiroshi Okumura, o jardineiro japonês apaixonado pela alemãzinha "Freulein"... É preciso reconhecer que um velho e uma velha namorando de mãos dadas é uma cena comovente. Mas um velho e uma velha trocando beijos e abraços num jardim causa uma reação de espanto...

A Cristina Mattoso me contou essa singela e dolorida estória que se segue que desejo compartilhar com vocês:

Eles moravam numa pequena cidade do interior do estado do Rio. Ele era muito querido por todos apesar da sua juventude, pouco mais de trinta anos de idade.

Ela era professora e tinha quase vinte anos quando se apaixonou por ele.

Ele era simpático, bonitão, estudioso e tímido. Ela era bela, delicada, discreta. Na década de 1930, as mulheres deviam saber esperar. Se a mulher desse o primeiro passo na direção do homem, ela seria malfalada.

Passaram-se dez anos sem que se tornassem amigos. Só se viam de longe e só trocavam as palavras essenciais. Ele não se casou. E nem ela.

Um dia, repentinamente, ela precisou partir para São Paulo. Sua irmã mais velha havia falecido e deixado três filhos ainda pequenos para criar.

Seu cunhado era um homem atraente, de olhos profundos e poucas palavras. Desnorteado, não sabia o que fazer da vida. Cuidado vai, cuidado vem, ela se afeiçoou pelas crianças e por aquele homem endurecido, que sorria pouco e lindo. Aconteceu o inevitável. Ele perguntou se ela queria casar-se com ele... Ela contou a verdade: que sentia um amor sem futuro por um outro homem, mas que, se ele a aceitasse mesmo assim, ela se casaria com ele.

Ele aceitou. Casaram-se, tiveram outros filhos e viveram relativamente bem.

Depois de muitos anos e alguns netos, um dia ela recebeu um telefonema surpreendente. Era a irmã do então jovem médico que a estava avisando que ele tinha se mudado para São Paulo. Velho e doente, queria vê-la. Com as mãos trêmulas, anotou o endereço e com o coração agitado procurou seu marido e contou o que estava acontecendo.

Para sua surpresa, o marido imediatamente se levantou, vestiu o paletó e disse: Vamos!

Seguiram para o hospital. O marido a deixou na porta do quarto, avisando-a que a esperava no saguão.

Tiveram então, os dois, a primeira longa conversa de suas vidas. Ele confessou que a havia amado a vida inteira e que só a proximidade da morte lhe dera a coragem de se aproximar.

Não se sabe o que se passou nem o que sentiram quando se viram velhos e amados um pelo outro — certamente seguraram-se as mãos — a vida inteira. Os apaixonados de vida inteira voltaram a se ver e foram se vendo até que o médico morreu, algumas semanas mais tarde, sorrindo por se sentir amado.

A beleza das flores que florescem no inverno está no seu perfume e na sua delicadeza. Mas é uma beleza triste que floresce e perfuma durante a noite e está morta pela manhã.

38. Escrevo o que Não Sou...

HÁ UMA PERGUNTA QUE, QUANDO feita a um poeta ou escritor, dói mais que picada de escorpião. A mim, pessoalmente, nunca fizeram. Mas fizeram a amigos meus: "Ele é do jeito mesmo como ele escreve?". É uma pergunta nascida do amor: acharam bonitas as coisas que escrevi e agora estão curiosos para saber se me pareço com o que escrevo. Como disse, nunca me fizeram a pergunta, diretamente. Mas eu respondo. "Não, eu não sou igual ao que escrevo." Sou um fingidor.

Quem disse isso, que o poeta é um fingidor, foi Fernando Pessoa:

M nnorZä s k dl egbmp-
Dl ec rámank njcrZk cl rc
Os c af ceZZdl egp os c ä bmp
? bmp os c bct cpZq qcl rc-

Fingir é palavra feia. Sugere uma mentira, com o intuito de enganar. No mundo de Fernando Pessoa ela tem um outro sentido. Fingimento é aquilo que faz o ator no teatro: para representar, ele tem de "fingir" sentimentos que não são dele. E finge tão completamente que sente, realmente, uma dor que não é dele, mas de um personagem fictício, ausente. Assim é o poeta. Como pessoa comum, ele sofre. Essa pessoa sofredora não sabe escrever poemas. Ela só sabe sofrer. Mas nessa pessoa que sofre mora um outro, o poeta, o duplo, heterônimo. Esse poeta olha para si mesmo, sofredor, e "finge", deixa-se possuir por aquela dor que é dele como se fosse de um outro: "chega a fingir que é dor a dor que deveras sente".

Sou um fingidor. O que escrevo é melhor que eu. Finjo ser um outro. O texto é mais bonito que o escritor. Fernando Pessoa se espantava com isso. Tinha clara consciência de que era muito pequeno quando comparado com a sua obra.

Num dos seus poemas ele diz o seguinte: yB cnnqq bc cqppctcp+jcgn– Nnpos c cqppctg gpn; Mll bc dsg‘ s qZpgpn; B c nl bc k c tcgnqgpn; Gqrmäk cjf npbmos c cs – “

Vinha-lhe então a suspeita de que aquilo que ele escrevia não era obra dele, mas de um outro: “Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?”.

Contaram-me que ele, Fernando Pessoa, certa vez, aceitou encontrar-se com Cecília Meireles, e marcaram lugar, data e hora para o dito encontro. Cecília compareceu e esperou. Pessoa não foi e mandou, no seu lugar, um menino com uma desculpa esfarrapada. Esse incidente sempre me intrigou. Será que Pessoa era um grosseiro indelicado? Depois, lendo o J gpm bm bcoZqqqcem, de Bernardo Soares, encontrei uma curta afirmação que esclareceu tudo: yL s l aZ ns bc Zbk gpZ s k nnqrZ os c k c dhgnqqtcj tcp“. Ao marcar o encontro com Cecília, movido pela delicadeza ou entusiasmo, ele se esqueceu disso. Foi só na hora que lembrou. Cecília amava os seus poemas. Na ausência, certamente, fizera aquilo que todos fazem: imaginou que o poeta se parecia com os seus poemas. Agora, em algum hotel de Lisboa, ela se preparava para se encontrar com a beleza dos poemas na sua forma viva, verbo feito carne. A decepção seria muito grande. yL s l aZ ns bc Zbk gpZp s k nnqrZ os c k c dhgnqqtcj tcp-“ Assim, para poupar Cecília da decepção, ele preferiu não aparecer.

Àqueles que fazem essa pergunta a meu respeito, que imaginam que eu possa ser parecido com o que escrevo, aconselho: “Não compareçam ao encontro. Fiquem com o texto”.

Não é mentira, não é falsidade: a poesia é sempre assim. A poesia não é uma expressão do ser do poeta. A poesia é uma expressão do não-ser do poeta. O que escrevo não é o que tenho; é o que me falta. Escrevo porque tenho sede e não tenho água. Sou pote. A poesia é água. O pote é um pedaço de não-ser cercado de argila por todos os lados, menos um. O pote é útil porque ele é um vazio que se pode carregar. Nesse vazio que não mata a sede de ninguém pode-se colher, na fonte, a água que mata a sede. Poeta é pote. Poesia é água. Pote não se parece com água. Poeta não se parece com poesia. O pote contém a água. No corpo do poeta estão as nascentes da poesia.

Escher, o desenhista mágico holandês, tem um desenho chamado Poça de lama: numa estrada encharcada pela chuva, um caminhão deixou as marcas dos

seus pneus, onde a água barrenta se empoçou. Coisas feias e sujas, as marcas dos pneus de um caminhão, cheias de água barrenta: nenhum turista seria tolo de fotografar uma delas, quando há tantas coisas coloridas para serem fotografadas. Pois Escher desenhou uma delas. E o que ele viu é motivo de espanto: na superfície de lama suja, refletidas, as copas dos pinheiros contra o céu azul.

Pensei que a poesia é isso: poça de lama onde se reflete algo que ela mesma não contém. A copa dos pinheiros contra o céu azul não está dentro da lama, não é parte do ser da lama. Apenas reflexo: mora no seu não-ser.

Pensei que assim é o poeta: poça de lama onde o céu se reflete.

Nietzsche, escrevendo sobre a poesia de Ésquilo, diz que ela yä Znd Zq s k Z gk Zeck js k g l nqZ bc l s t d q c äas pcdjcrgbZ l mjZem l cepm bZ rpgrcxZ‘- E Fernando Pessoa, no poema daquele verso que todo mundo canta — yT Zjcs Znd Z; Rs bn t Zjc Znd Z qc Z Zjk Z l ámä ncos d Z‘ —, diz o seguinte: yB cs q Zmk Zp mncpgemc n Z gpk mbcs +k Zq l cjc ä os c cqncjf ms maäs ‘‘.

É nessa contradição: o céu se fazendo visível, refletido, na poça de lama, no lago negro da tristeza, no perigo e no abismo do mar.

Não. Não escrevo o que sou. Escrevo o que não sou. Sou pedra. Escrevo pássaro. Sou tristeza. Escrevo alegria. A poesia é sempre o reverso das coisas. Não se trata de mentira. É que nós somos corpos dilacerados — "Oh! Pedaço arrancado de mim!". O corpo é o lugar onde moram as coisas amadas que nos foram tomadas, presença de ausências, daí a saudade, que é quando o corpo não está onde está… O poeta escreve para invocar essa coisa ausente. Toda poesia é um ato de feitiçaria cujo objetivo é tornar presente e real aquilo que está ausente e não tem realidade.

Enquanto pensava sobre essa crônica, ouvi, por acaso, aquela balada que diz: "like a bridge over troubled waters" — "como uma ponte sobre águas revoltas…". Letra e música sempre me comoveram. Na liturgia do casamento do meu filho, liturgia que preparei, pedi ao Décio, cirurgião pianista, que tocasse essa canção: pois isso é o máximo que alguém pode ser para a pessoa amada: ponte sobre águas revoltas. Pensei, então, que eu sou "águas revoltas" (onde eu mesmo quase me afogo). O que escrevo é uma ponte de palavras que tento construir para atravessar o rio.

Assim, considero respondida a pergunta: não sou igual ao que escrevo. Guardem o conselho de Fernando Pessoa. É mais seguro não comparecer ao encontro.

39. Conversa com o Diabo II

"O QUE É QUE VOCÊ diria de um médico que espreme um furúnculo? Espremido o furúnculo, o pus espirra e o seu mau cheiro empesteia o ar. De quem é o fedor? Do furúnculo ou do médico? Eu sou um espremedor de furúnculos. As pessoas sentem o fedor e acham que o mau cheiro é meu. Não se dão conta de que o mau cheiro é deles... Deus cria. Eu testo.

"Hoje, no mundo moderno, essa função tem o nome de 'controle de qualidade'. Empresa que não controla a qualidade dos seus produtos vai à falência. Eu sou o encarregado do controle de qualidade deste mundo de Deus. O pedreiro meia-colher faz uma parede fora do prumo. Eu olho, vejo a parede torta, vou lá e derrubo a parede. Se a casa fosse sua você permitiria que a parede continuasse? Sou malvado por proceder assim? E na fábrica de porcelanas eu vou batendo nos pratos para ver se não há trincas. Se o prato faz música desafinada, eu não tenho pena: quebro o prato. No mundo de Deus tudo tem de ser perfeito. Vou visitar a sua casa, linda, lustrosa, perfumada. Um visitante normal ficaria na sala de visitas. Mas eu sou abelhudo: vou logo espiar debaixo da cama para ver se a vassoura fez a limpeza devida. Se está suja, eu dou um sopro forte e as pulgas começam a pular. Eu sou o culpado? Fui eu que criei as pulgas? Me acusam de malcheiroso, sulfuroso, expelidor de gases fétidos. Errado. Eu só cutuco. A fedentina não é minha. Perguntem a Freud. Os psicanalistas fazem o mesmo que eu. Freud diria que estou certo. Não sou eu que ponho demônios dentro dos homens. São eles, os homens, que os chamam, alimentam e abrigam. Eu só abro os quartos e os demônios saem. Me digam: sou eu o culpado?

"Levo minha missão a sério. Carrego sempre comigo os meus instrumentos de teste, uma bigorna e um martelo. Deus testou a fé de Abraão. Teste duro. Acho até que Jeová exagerou. Ordenou que ele sacrificasse o seu único filho adolescente sobre um altar. E o pior: ele levou a ordem de Deus a sério e levou o menino para o monte Moriá para cortar o seu pescoço. Se Deus lhe pedisse, pessoa religiosa, que você cortasse o pescoço do seu filho, você obedeceria? Eu

concluiria que Jeová tinha endoidado e tratava de procurar um Deus menos sanguinário. Mas não era para levar a sério. Era só um teste.

"Foi isso também que o Espírito de Deus fez com Jesus. Empurrou-o para um deserto, lugar de solidão. Para quê? Para ser testado por mim. E o teste foram quarenta dias sem comer.

"Sou eu quem diz a palavra final sobre a qualidade dos homens e das mulheres. Minha bigorna e o meu martelo dizem sempre a verdade.

"Um dos meus alunos mais brilhantes, Sigmund Freud, empreendeu a tremenda tarefa de transformar a 'arte do teste' em 'ciência do teste'. Ele pensava — e nisso estava certo — que somos como os bordados. Bordados têm um lado direito bonito que se mostra às pessoas, e um lado avesso, que é uma barafunda de linhas. Temos um lado direito que mostramos para todo mundo, e um lado do avesso, que escondemos. A ciência que ele criou, a que deu o nome de psicanálise, análise da alma, é uma série de artifícios para se ver o lado do avesso da pessoa que ela tenta desesperadamente esconder. Quando lhe chegava um paciente todo produzido, ele logo lhe pedia: 'Mostre-me o seu traseiro...'.

"Essa é a minha tarefa: mostrar o traseiro das pessoas...

"Os pregadores não entendem. Quando veem uma pessoa estrebuchando, babando espumas, caindo no chão e rosnando como porco, dizem logo: 'Está possuída pelo Demônio...'. E se põem a exorcizar-me. Mas aquela coisa horrível não sou eu. Como você pode ver, eu sou educado e elegante. Aquela pessoa está possuída pelo seu próprio traseiro...

"Sabe que isso vale também para a literatura? Os textos têm um lado direito e um lado avesso. A Adélia Prado, mulher religiosa, certa de que a poesia a salvaria, dizia que o seu caminho na poesia era 'o caminho apócrifo de entender a palavra pelo seu reverso, captar a mensagem pelo arauto...' (Adélia Prado, Poesia reunida, p. 61).

"Um outro especialista em ver as coisas pelo avesso foi o filósofo Friedrich Nietzsche. Tinha uma sabedoria de milênios e uma alma de menino. Mas ele me fez uma injustiça. Disse que Deus é riso e que eu sou seriedade: Deus faz voar e eu faço afundar... Nada mais longe da verdade. O traseiro sempre provoca riso. Drummond entendeu melhor. Veja o que ele escreveu do traseiro: 'A bunda, que engraçada, está sempre sorrindo. Não lhe importa o que vai pela frente do corpo.

A bunda basta-se. A bunda se diverte por conta própria. Lá vai sorrindo a bunda...' (Amor natural, p. 25).

"Os judeus são sábios. Dizem que Deus ri. Certo. Tudo deve rir. O avesso faz rir. É feito piada. Vai o contador contando sua anedota, lado direito e, de repente, ele dá uma cambalhota, o avesso aparece no final, surpreendendo a todos os que ouvem. E o riso explode.

"Pois Deus, cansado da seriedade dos homens que não sabem ver o avesso, pediu-me que contasse algumas das estórias bíblicas, pelo avesso. São tantas as estórias: a estória que prova que Deus é carnívoro e despreza os vegetarianos, do amor de Deus pelos carecas, do jegue que falou hebraico, do peixe que engoliu um homem sem mastigar e não ficou engasgado, da rainha que gostava de comer galetos al primo canto, da terapia alternativa para curar velhos agonizantes, do monte dos prepúcios, do primeiro homem-bomba..."

Com essas palavras, ele terminou a conversa e disse: "Agora tenho de ir. Outro dia eu volto. Gosto de conversar com você. Você me entende. Até domingo que vem...".

40. “O Prazer Nosso de Cada Dia Dá-Nos Hoje...”

DISSE O RIOBALDO E EU digo “amém”. yRmbm,mk s l bmä jmsam- M qcl f mp+cs +l çq+Zc ncqpmZq rmbZq- Nmp gqpm os c qc aZpcac mpgl agmZjk cl rc bc pcjgegám9 nZpZ qc bcqcl bmgbcacp+ bcqbmgbZp- Cs +aÔ+l ámncparmmaZqgámbc pcjgegám- ? mpmtcgrmbc rmbZq- @c‘ mÔos Z bc rmbm pgm— S k Z qc+nZpZ k gk +ä mmsaZ— P cxmapgqrám+aZrçjgqm+ck ‘ pcl f mZ acprm c ZacgrmZc mpcacq bc ank nZbpc k cs Os cjck äk +bmsmpgl Z bcjc+bc AZpbäos c– K Zq+os Zl bmmnmqpm+t ms l mK gl bs ‘ gk +nl bc s k K ZrgZq ä apcl rc+k cmbgqrZ9 Z ecl rc qc Zas qZ bc ncaZbmp+jà Zjrm Z @c‘ jgZ+ c mpZ+ aZl rZl bm f gl mq ‘ cjmq bcjcq—“ Espantei-me quando li. Ecumenismo maior não pode existir. Se o Riobaldo fosse cardeal, ah!, SS Bento XVI ia ter um trabalhão...

Acontece assim comigo também: não perco ocasião de religião. Tenho sangue de católico. Meu avô ia ser padre. Se tivesse sido, este texto não existiria porque eu não existiria... Lá no so-brado de vidros coloridos, no sótão, entre as telhas e o forro, ficavam guardadas as velharias numa canastra. Entre elas, uma carta do meu avô, interno do Caraça, já vestido de batina preta, dirigida ao seu pai, pedindo dez tostões para comprar uma batina nova porque a sua já estava velha. Tenho também sangue de espírita, que eles chamam de “espiritualista” ou kardecista, qualquer nome é bom. Eu estava em São Paulo, indo pro meu destino de táxi, puxei conversa com o motorista, perguntei de onde ele era: “Sou de Macuco, em Minas”, me respondeu. Acrescentei: “Macuco? Conheço muito, é perto de Itutinga, lugar de represa. Pois eu mesmo sou de lá perto, de Lavras do Funil...”. Funil porque o rio Grande, largo e pachorrento, de repente era estrangulado por um funil espremido de pedras, por onde as águas passam em fúria... Lugar bom de pescar porque os peixes se ajuntam no final do funil, juntando força pra vencer a correnteza rio acima. Peixe é feito gente: quando fica velho, fica com saudades do lugar do nascimento... Não existe mais, o funil. Fizeram uma outra represa que submergiu o funil que desapareceu, só existe na memória dos velhos, e os peixes

não precisam mais fazer força.

Revelei que eu era de Lavras porque, quando se vem de lugar próximo, os pensamentos e os sentimentos também ficam mais próximos. O taxista se sentiu mais íntimo. "Lavras? Lugar de um espírito de luz, médico que anda pelo mundo dos sofredores curando as suas doenças..." "E como é que ele se chama?", perguntei. "É o doutor Augusto Silva..." Dei então uma risada e fiz uma revelação: "O doutor Augusto Silva foi meu tio...".

E tenho sangue também de protestante. Como é que os protestantes entraram na minha vida? Foi assim. A gente tinha ficado pobre por causa da crise financeira mundial, 1929, eu ainda não havia nascido, fomos morar em casa de pau-a-pique emprestada, longe da cidadezinha da qual meu pai quase chegara a ser dono — dono do cinema, da primeira máquina de picolés, de casas, de serrarias, de exportadora de café, de dois automóveis. Rico que fica pobre tem de mudar de cidade... Todo mundo foge dele, com medo de que o pobre antigo rico peça dinheiro emprestado. Mas havia um homem que procurava os pobres, era um evangelista, senhor Firmino, que não tinha dinheiro para emprestar. Acontece que meu pai não tinha dinheiro para pagar escola para nós e o senhor Firmino se ofereceu para ser mediador entre a pobreza do meu pai e a riqueza dos missionários protestantes americanos que tinham uma escola em Lavras, o Instituto Gammon. E foi assim que passamos a frequentar igreja protestante, presbiteriana, não por conversão espiritual, mas por necessidade econômica e gratidão...

Pois não é que Deus anda me pregando umas peças? Meus amigos, cada um religioso do seu jeito, tentam me ajudar, apaziguar Deus, acender velas, rezar... E uma amiga querida, ex-aluna, me disse com um tom carinhoso que eu ficaria melhor se abandonasse minha incredulidade e acreditasse na reencarnação, com a reencarnação tudo se explica e há a certeza de um final feliz. Mas ela não imaginava que eu já tinha resposta para essa pergunta...

"Pois saiba você que eu acredito muito na reencarnação. Faz muito tempo anunciei a minha conversão num artigo de nome esquisito: 'oãçanracneeR'. Reencarnação ao contrário: não de trás para adiante mas de diante para trás. O futuro não me interessa. Eu nunca o vivi por isso não posso amá-lo. Não quero ir para o céu: o tempo infinito deve ser de um tédio insuportável. E o mais terrível

é não ter saída. O céu me dá claustrofobia. Além do que não quero evoluir. Muitas coisas não podem e não devem evoluir: saíras de sete cores, riachinhos, ipês floridos, a Nona sinfonia, uma preta jabuticaba...

O que seria uma jabuticaba evoluída? Uma jabuticaba cúbica? Uma jabuticabeira florida e perfumada e, depois, coberta de esferas negras brilhantes e túrgidas depois da chuva — esse objeto é divino, sem passado e sem futuro, presente puro destinado à eternidade. Não posso imaginar que alguma evolução lhe possa ser acrescentada. O que eu quero não é evoluir. O que eu quero é viver de novo o passado que vivi, com muito mais intensidade, sem os sentimentos de culpa com que minha religião aprisionou o meu corpo, as minhas ideias e os meus sentimentos... Tenho tristeza pelos pecados que não cometi... Eram pecados tão inocentes...

Assim, quando já são poucas as jabuticabas na minha tigela, rezo o meu Pai-Nosso herético — ou erótico: 'O prazer nosso de cada dia dá-nos hoje...'."

41. “Tudo É Inútil...”

UM DOS POEMAS MAIS BONITOS da língua portuguesa é a “Elegia” que a Cecília Meireles escreveu para sua avó morta, Jacinta Garcia Benevides. Não sei quantas vezes o li. Não sei quantas vezes o lerei. Ele começa assim: “K gl f Zmpgk cgpZjÔpgk Z aZgs bcl rpmbmq rcs q mjf mq– Rgt c k cbmbc Z cl vs eZp9 nZpZl ámqZ cpcq os c f Zt gZ aZabm– L n bgZ cqes gl rc cqrZt Zq gk çt cj+k mbcjZbZmcjZl mgrc+ncjZq cqpcjZq+ncjZq k gl f Zq k ámq— L cqrc k àq+ Zq agZpZq aZl rZk c mq rpmêcq aZk gl f Zk mmp agk Z bZ rcpZ+ ZeZpZbmq Zmcqj– K Zc rs bmä gl í rgj+mmpos c cqrÔq cl amqZbZÚrcpZ qbcqZc Zq rs Zq k ámq l ámqc Zpcbmh bZk hÔnZpZ Zamjf cgrZc l ck nZpZ Za Zpãagz—”.

Eu quero ser cremado. A razão pode ser tola. Mas é que tenho claustrofobia. Sei que estarei morto naquele momento, mas não estou morto neste momento em que me imagino fechado no escuro. Neruda disse que os poetas são feitos de fogo e fumaça. Cremado, nada poderá me prender. Eu me transformarei em fogo e fumaça e subirei na direção dos céus. Por outro lado, é preciso não se esquecer da pergunta de T. S. Eliot: “E o cadáver que você plantou no seu jardim, já começou a brotar?”. Pode ser que cada sepultura seja um jardim! Penso, então, em combinar a terra, o fogo e a fumaça. Cremado me transformarei em cinza que será colocada ao pé de um caquizeiro que produzirá caquis vermelhos...

Na minha opinião, a “Elegia” deveria ter sido lida inteira juntamente com os textos sagrados do cerimonial do sepultamento da “Vozinha” nos seus 97 anos! Seu corpo ficaria mais leve. O corpo da Vozinha já estava leve e branco como as nuvens — bastaria uma brisa para levá-lo.

O seu nome era Alice. Foi um longo tempo de espera. Há sementes que demoram muito a brotar. Não sabíamos onde ela estava. Sim, nós a víamos na cama. Mas será que ela estava mesmo na cama? Aquela proximidade visível escondia uma distância invisível que não podia ser medida. Estaria andando por lugares que não conseguíamos ver? O seu silêncio impenetrável nada dizia sobre o mistério. O que a Cecília disse de sua avó também poderia ser dito dela: “Tudo em ti era uma ausência que se demorava: uma despedida pronta a cumprir-se...”.

Aquele corpo transparente era a presença de uma ausência. Uma despedida pronta a cumprir-se? Alguns de nós suspeitávamos, ao contrário do que disse a Cecília, que aquela era uma despedida que não queria cumprir-se. Queria adiar... Porque ela amava muito a vida.

Era uma linda mulher quando jovem. Mas o tempo passou, o horizonte se aproximou, e a sua sensibilidade se tornou mais intensa. Apaixonada por flores, entregava seus olhos aos ipês, aos flamboyants, às paineiras, às sibipirunas. Amava as gloxínias e dizia em alemão, a primeira língua que aprendeu:

"Die Welt ist so schon! Aber Ich muss scheiden…". O mundo é tão bonito. Mas eu tenho de partir...

Amava os cães, seus companheiros de vida inteira.

Seus olhos brilhavam quando aparecia a jarrinha de caipirinha bem doce...

Melado com farinha de milho — coisa que só gente da roça e que viveu em fazenda aprecia.

Olhava e só de olhar ela dizia: Que gostoso...

Mas todo velório tem dois lados.

O primeiro lado é esse, formado pelos que contemplam o morto, sentem saudades e choram. O segundo lado somos nós, que olhamos uns para os outros e nos perguntamos: "A minha morte, até onde ela terá entrado?".

42. Resta...

COMOVO-ME AO RECORDAR-ME DO POEMA do Vinícius "O haver". É um poema crepuscular. Ele contempla o horizonte avermelhado, volta-se para trás e faz um inventário do que sobrou. Fiquei com vontade de fazer algo parecido, sabendo que não sou Vinícius, não sou poeta, nada sei sobre métrica e rimas. E eu começaria cada parágrafo com a mesma palavra com que ele começou suas estrofes: Resta...

Resta a luz do crepúsculo, essa mistura dilacerante de beleza e tristeza. Antes que ele comece ao fim do dia, o crepúsculo começa na gente. O Miguelim menino já sentia assim: "O tempo não cabia. De manhã já era noite...". Assim eu me sinto, um ser crepuscular. Um verso de Rilke me conta a verdade sobre a vida: "Quem foi que assim nos fascinou para que tivéssemos um ar de despedida em tudo o que fazemos?".

Restam os amigos. Quando tudo está perdido, os amigos permanecem. Lembro-me da antiga canção de Carole King "You got a friend": "Se você está triste, no fundo do abismo e tudo está dando errado, precisando de alguém que o ajude — feche os olhos e pense em mim. Logo logo estarei ao seu lado para iluminar a noite escura. Basta que você chame o meu nome... Você sabe que eu virei correndo pra ver você de novo. Inverno, primavera, verão ou outono, basta chamar que eu estarei ao seu lado. Você tem um amigo...". Eu tenho muitos amigos que continuam a gostar de mim a despeito de me conhecerem. E tenho também muitos amigos que nunca vi.

Resta a experiência de um tempo que passa cada vez mais depressa. "Tempus Fugit". yOs Zl bmqc tà hÔqámqcgqfmpZq- Os Zl bmqc tà hÔä qcvrZ,dcgpZ- Os Zl bmqc tà hÔä LZrZj- Os Zl bmqc tà hÔrcpkglms mZl m- Os Zl bmqc tà lámqZckmq nmpmhbc Zl bZk lmqpmqZkgemq- Os Zl bmqc tà hÔmZqpZpZk agl os cl rZZl mq—" (Mário Quintana)

Resta um amor por nossa Terra, nossa namorada, tão maltratada por pessoas que não a amam. Meu deus mora nas fontes, nos rios, nos mares, nas matas. Mora nos bichos grandes e nos bichos pequenos. Mora no vento, nas nuvens, na chuva.

Eu poderia ter sido um jardineiro... Como não fui, tento fazer jardinagem como educador, ensinando às crianças, minhas amigas, o encanto pela natureza.

Resta um Rubem por vezes áspero, com quem luto permanentemente e que, frequentemente, burlando a minha guarda, aflora no meu rosto e nas minhas palavras, machucando aqueles que amo.

Resta uma catedral em ruínas onde outrora moravam meus deuses. Agora ela está vazia. Meus deuses morreram. Suas cinzas, então, voaram ao vento.

Resta, na catedral vazia, a luz dos vitrais coloridos, o silêncio, o repicar dos sinos, o canto gregoriano, a música de Bach, de Beethoven, de Brahms, de Rachmaninoff, de Fauré, de Ravel...

Resta ainda, nos pátios da catedral arruinada, a música do Jobim, do Chico, de Piazzola...

Resta uma pergunta para a qual não tenho resposta. Perguntaram-me se acredito em Deus. Respondi com versos do Chico: "Saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto para o filho que já morreu". Qual é a mãe que mais ama? A que arruma o quarto para o filho que vai voltar ou a que arruma o quarto para o filho que não vai voltar? Sou um construtor de altares. É o meu jeito de arrumar o quarto. Construo meus altares à beira de um abismo escuro e silencioso. Eu os construo com poesia e música. Os fogos que neles acendo iluminam o meu rosto e me aquecem. Mas o abismo permanece escuro e silencioso.

Resta uma criança que mora nesse corpo de velho e procura companheiros para brincar. De que é que a alma tem sede? "De qualquer coisa como tudo que foi a nossa infância. Dos brinquedos mortos, das tias idas. Essas coisas é que são a realidade, embora já morressem. Não há império que valha que por ele se parta uma boneca de criança" (Bernardo Soares).

Resta um palhaço... Na véspera de minha volta ao Brasil, a jovem ruiva sardenta que havia sido minha aluna entrou na minha sala e me disse: "Sonhei com você. Sonhei que você era um palhaço". E sorriu. Tenho prazer em fazer os outros rirem com minhas palhacices. O que escrevo, frequentemente, é um espetáculo de circo. Faço malabarismos com palavras. Pois a vida não é um circo?

Resta uma ternura por tudo o que é fraco, do pássaro de asa quebrada ao velho trôpego e surdo. Fui um adolescente fraco e amedrontado. Apanhei sem reagir. Cresceu então dentro de mim uma fera que dorme. Toda vez que vejo uma

pessoa humilde e indefesa sendo humilhada por uma pessoa que se julga grande coisa, a fera acorda e ruge. Tenho medo dela.

Resta a minha fidelidade às minhas opiniões que teimo em tornar públicas, o que me tem valido muitas tristezas e sucessivos exílios. Mas sei que minhas opiniões, todas as opiniões, não passam de opiniões. Não são a verdade. Ninguém sabe o que é a verdade. Meu passado está cheio de certezas absolutas que ruíram com os meus deuses. Todas as pessoas que se julgam possuidoras da verdade se tornam inquisidoras. Por isso é preciso tolerância.

Resta uma tristeza de morrer. A vida é tão bonita. Não é medo. É tristeza mesmo. Lembro-me dos versos da Cecília, que sentia a mesma coisa. "E fico a meditar se depois de muito navegar a algum lugar enfim se chega. O que será, talvez, até mais triste. Nem barcas e nem gaivotas. Apenas sobre humanas companhias. De longe o horizonte avisto, aproximado e sem recurso. Que pena a vida ser só isso..."

Resta um medo do morrer — aquelas coisas que vêm antes que a morte chegue. Acho que as pessoas deveriam ter o direito de dizer, se quisessem: "É hora de partir...". E partissem. Se Deus existe e se Deus é bondade, não posso crer que Ele ou Ela nos tenha condenado ao sofrimento, como última frase da nossa sonata. A última frase deve ser bela.

Resta quanto tempo? Não sei. O relógio da vida não tem ponteiros. Só se ouve o tique-taque... Só posso dizer: "Carpe Diem"— colha o dia como um morango vermelho que cresce à beira do abismo. É o que tento fazer.

43. Dar Presentes

DAR PRESENTES É UMA ARTE sutil. Porque um presente diz à pessoa o que penso dela. Um presente, para ser presente, deve ser dado ao desejo do outro — desejo que ele não diz e que eu tenho de adivinhar. Seria uma grosseria muito grande dar um espelho de presente — pode ser até um espelho de cristal — a uma pessoa que se sente feia... Porque o que ela deseja é não se ver. À medida que otempo vai passando, a gente gosta cada vez menos dos espelhos... Um pavão ficaria feliz se ganhasse um espelho. Claro, não estou me referindo à ave, porque as aves não sabem o que é um espelho. Há um tico-tico que diariamente trava uma batalha com a sua imagem num vidro da minha janela... Mas tem muita gente que gosta de exibir o rabo colorido.

Dar um livro a uma pessoa, desde que não seja livro de autoajuda, é um elogio. É dizer para ela: "Você é inteligente! Você tem prazer em ler! Nesse livro há vida e sangue misturados com as letras!".

E há tantos livros bons nas livrarias. Mas essa expressão "livro bom" é de sentido confuso. Por exemplo, A montanha mágica, do Thomas Mann, é uma obra monumental. Juízo igual cabe à sua trilogia sobre José do Egito. Leio, admiro, assombro-me — mas a coisa fica no cérebro, não corre no meu sangue.

A mesma coisa eu digo sobre a pintura: admiro Miró, Picasso... Mas eu não gostaria de estar dentro de suas telas. Gostaria, sim, de estar dentro de uma tela de Monet ou de Carl Larsson. Se você nunca ouviu falar de Carl Larsson, eu prometo: pelo menos tentarei escrever algo sobre seus quadros, deliciosamente infantis.

Meu julgamento, então, não é julgamento de um crítico. É julgamento de um comedor de livros. Todo escritor deseja que seus livros sejam comidos. Todo escritor deseja que seus livros sejam lidos antropofagicamente. Então, posso falar dos livros que comi e gostei. E a prova dos nove é essa: eu daria muito dinheiro para que nunca os houvesse lido; só para ter o prazer de lê-los pela primeira vez...

Ah! Tantos livros do Mia Couto. Aqui vão alguns ditos soltos: yCl af cpZk Z

rcppZbc dmhrcgpZq+aZppceZpZk maäs bc ‘Zl bcgpZq- KZq qç fÔbsZql Zâêcq” Zbmqtgtmqc Z bmqk mpmmq‘ (Juca Sabão). yMk sl bmhÔl ámcpZsk jseZpbc tgtcp- ? empZ+hÔl ck bc k mppcpä“ (Avô Mariano). Era o funeral do avô Mariano: yKcqk mZmjmhec+hÔqc l mZ os c rgl fZk k Zl bZbmrgpZpmrcjfZbmbZqZjZ- Ã Zqpgk l maZqmbc k mprc- Mjs rmmpbcl Zos c maäs qc Zbcl rpc l mq ank nZprgk cl rmq+nZpZjgk ncxZbZq aç qk gaZq qs hgbZbcq- ? aZqZä sk ampmma—“ yMZté qc ejmpgZtZbZq qsZq k sgrZq anhos gqrZq- Mos c cjc gl qgqrgZ cpZn k Zl bZk cl rm9 Yz DZxcp Zk mp+qgk c qck npc- Bmpk gp ank k sjf cp+gqpmä os c l sl aZ(- C cvnjgaZtZ9 Bmpk gp ank Zjesäk ä sk Zgl rgk gbZbc k Zgmp- Lámä dZxcp Zk mp- Bmpk gp+gqpmä os c ä ãl rgk m- Sk f nk ck bmpk c l mq‘ pZanq bc k sjf cp c Zqs ZZjk Zqc rpZl qdpc bc tcx- Ls l aZk Zgq cjc cl anhrpZqs Zq gl rcpgmpgbZbcq- YLs l aZ bmpk g ank k sjf cp+ä tcpbZbc- KZq bmpk g ck k sjf cp- C gqpm mns am f nk ck dcx—(“ yTZl rZeck bc nm‘pc ä qZcp cqncpZp- Cqncpzp qck bmp- Nmpos c ä cqncpZqck cqncpZl âZ—“ yLámnZqpc Zk ámncjZq dmmq os c qc cqppZeZk - CjZq qám m anhrpÔpgm bc l çq ZnZeZk ,qc os Zl bm pcac‘ck aZpãagZq—“ yMgk nmprZl rc l ámä ZaZqZnhbc k mpZk nq- KZq nhbc+ck l çq+ZaZqZk mpZ—“ yFnhc Zampbms gl qgqrgl bm os c cpZ bnk gl em- Anhacbg m bgZ bc k ám‘ cgdZbZ- Os c gk nmprÕagZ rgl fZ; Bs jagl cs qZrgl fZqgbmcbs aZbZck gepchZ- Mos c ZdZxgZapcp l ámcpZmos c mnZbpc dZjZtZ- KZq nmpos c cjc dZjZtZaZl rZl bm- ? jesäk k Zgq dZjZaZl rZl bm, MNZbpc Ls l cq cpZmí l gm- AZl rZtZ+c os Zl bmaZl rZtZ+l mpcagl rmbZ gepchZ+ck ampmc ank can+Zos gim cpZrs bn tcpbZbc—“ yMjf Zpbc ‘s ppmcqrÔqck npc Zanjaf nZbmbc sk tcjs bmZdrs nqm—“

Resta-me cumprir, algum dia, a promessa: escrever sobre as pinturas de Carl Larsson...

44. As Duas Frigideiras

ANTES DA CRIAÇÃO, OS ARQUITETOS formavam uma ordem de anjos nos céus, juntamente com os jardineiros. Ficaram excitadíssimos quando Deus os informou do seu projeto de criar o universo. Pensaram logo: "Que grande oportunidade!". Reuniram-se, trabalharam e prepararam um projeto arquitetônico fantástico: era uma torre tão alta que o seu topo tocaria os céus. "Que fantástico monumento à sua divindade!", disseram eles ao Criador.

Mas o Criador não gostou. Ele sabia que as construções têm o estranho poder de moldar seus moradores de forma que eles ficam iguais às casas em que moram.

Eu não acredito que o Criador seja o Grande Arquiteto. Prefiro vê-lo como o Grande Jardineiro. O que explica o fato de não haver ele colocado no Paraíso nenhuma construção de pedra e cimento, casa, templo ou torre. A Torre de Babel, o mais ambicioso projeto arquitetônico jamais imaginado, não foi ideia de Deus, foi ideia dos homens, e deu no que deu. O Paraíso, morada dos homens, não é prédio, é jardim, sem muros nem paredes, aberto, cheio de flores, para que os homens ficassem semelhantes às flores, aos regatos e às nuvens...

Os arquitetos, então, inconformados com o projeto divino que dava mais honra aos jardineiros que a eles, resolveram se vingar. Construíram casas com paredes e muros. E os homens, que eram sem teto, deixaram de ser semelhantes à flores, aos regatos e às nuvens. Ficaram iguais às pedras e ao cimento...

Entreguei-me a essa meditação poético-filosófica por ser ela necessária à tese política que passo a enunciar: o culpado da Babel política em que vivemos foi um arquiteto. Mais precisamente, Oscar Niemeyer.

Meus leitores haverão de pensar que enlouqueci. Mas a verdade da minha tese se revelará à medida que desenvolver o meu raciocínio.

Brasília, sonho de uma cidade fantástica! O presidente da República convida Oscar Niemeyer para projetar as formas daquela cidade. Mas acontece que ele era comunista. Como poderia um comunista criar formas que seriam monumentos em louvor à burguesia e ao capitalismo que ele detestava?

Aí ele se deu conta daquilo que afirmei acima. Pensou: os homens são moldados pelos espaços arquitetônicos em que habitam. Criarei então espaços em que os políticos burgueses capitalistas enlouquecerão...

Essa é a origem daquelas duas estruturas, as duas frigideiras, uma de boca para cima, a outra de boca para baixo, Câmara dos Deputados e Senado.

Na verdade, a primeira ideia não contemplava frigideiras; eram pirâmides... Mas Niemeyer pensou que suas intenções ficariam óbvias demais. Pirâmides são moradias dos mortos...

Foi então que, numa noite em que se entregava às delícias da cozinha japonesa, viu a forma geometricamente perfeita das frigideiras em que os japoneses fritavam suas tempuras. Nesse momento, ele exclamou em alta voz: "Eureca". Havia encontrado a forma que se prestava à realização do seu projeto.

O que há de extraordinário nas duas frigideiras de tempura do nosso Congresso é que elas não têm janelas. Formam um universo à parte, fechado sobre si mesmo. Assim, levando-se em conta que os homens são moldados pelas casas em que vivem, conclui-se que, vivendo fechados dentro das duas frigideiras, os políticos acabam por enlouquecer, perdendo o senso da realidade e ficando totalmente alienados do mundo. Sem janelas, eles não veem o que acontece do lado de fora. Isolados acusticamente, eles não ouvem os gritos do povo do lado de fora...

Espero que, ao final dessa concisa e precisa argumentação, os meus leitores terão se convencido da justeza da minha tese: o culpado é o Oscar Niemeyer.

Mas a cura não é impossível. Basta que se furem alguns buracos nas frigideiras de tempura...

45. Onde Está a Minha Esperança?

SE EU SOUBER ONDE MORA a minha esperança, terei razões para viver e razões para morrer. E a vida ficará bela mesmo no meio das lutas.

Sei muito bem onde minha esperança não está. Não está nos pobres, não está nos movimentos populares, não está no povo. Não está também nas elites, sejam ricos ou doutores, intelectuais ou empresários. Não está em partido político algum, de direita ou de esquerda. E nem nos poderes legislativo, executivo ou judiciário. Também não está nas igrejas e nos movimentos religiosos. Não coloco minha esperança em coisa alguma que seja definida por categorias sociais. Olho para todas elas com profundo desinteresse. Jamais comprometeria a minha vida com qualquer delas. Onde está minha esperança? Numa multidão de indivíduos, independentemente do seu lugar social ou econômico, que vivem possuídos pelo sonho da vida, da beleza e da bondade. A esperança de Camus estava no mesmo lugar que a minha. yHÔqc bgqpc os c Zq epZl bcq gbcgZq t àk Zmk s l bmk Zl qZk cl rc+ank n nnk ‘ Zq– RZjt cx+ cl rám+ qc ns t gpk nq ank Zrcl âám+ cqs rZpck nq+ ck k cgm Zm cqpäingm bc gk näpgnq+ c l Zâêcq+ s k bgqpcrm ‘ Zrcp bc ZqZq+ m qs Zt c Zampb Zp bZ t gbZ c bZ cqncpZl âZ– ? jes l q bgpám os c rZj cqncpZl âZ hZx l s k Z l Záám: ns rpnq+ l s k f nk ck – Cs apcgm+ Zm anh rpÔpgm+ os c cjZä bcqncprZbZ+ pct g gpgZbZ+ Zjgk cl rZbZ nmp k gif êcq bc g bg ãbs nq qnjgrÔpgnq as hnq Zmq c rpZ Zjf m+ bgZpgZk cl rc+ l ceZk Zq qnh rcgpZq c Zq gk njgaZâêcq k Zgq aps Zq bZ f gqrçpgZ– A nk mpcqs jrZbm+ ‘ pgif Z nmp s k ‘ pct c k nk cl rmZ t qpbZbc+ qck npc Zk cZâZbZ+ bc os c aZbZ c nbmf nk ck +qn‘pc Z ‘ Zqc bc qs q npçnpgnq qndpk cl rnq c Zjcepgzq+ anh qnçg nZpZ nbnq–“

46. A Dor da Morte

NOS BREVES INTERVALOS EM QUE a chuva parava de cair e os raios de sol se infiltravam pelas nuvens, o arco-íris aparecia levando os homens a se lembrar da promessa que Deus fizera depois do dilúvio: ele nunca mais permitiria que as águas destruíssem a vida. Mas parece que ele se esquecera. A chuva caía sem parar alagando campos, inundando cidades, derrubando casas, matando gente e bichos.

Ele era um menino de 14 anos, feliz, que gostava de viver. Filho único, morava em Floripa. Como todos os meninos e meninas, ele deveria ir à escola naquele dia porque a chuva não estava tão forte assim. E andar na chuva é uma arte que dá alegria às crianças.

Chegou a hora do recreio, tempo livre para brincar. A chuva voltou a cair mais forte, com raios e trovões. Havia um lugar abrigado da chuva, uma marquise, construída fazia três semanas. Era uma cobertura de cimento, planejada por engenheiros que sabiam o que estavam fazendo. Sólida. Ele se abrigou sob a marquise para ver a chuva. Mas a marquise, ignorando ferro e cimento, caiu sobre ele, esmagando-o. Agora, no seu lugar, resta uma dor que nenhuma palavra pode conter.

A morte faz calar as palavras. São inúteis. Servem para nada. Somente os tolos tentam consolar. Eles não sabem que as palavras de consolo, brotadas das mais puras intenções, são ofensas à dor da pessoa golpeada pela morte. Porque elas, as palavras de consolo, são ditas no pressuposto de que elas têm poder para diminuir o vazio que a morte deixou. Como se a pessoa que a morte levou não fosse tão importante assim e algumas palavras pudessem diminuir a dor que sua morte deixou.

Mas não há palavra ou poema que possa com as únicas palavras que a morte deixa escritas: "nunca mais". Nada existe de mais definitivo e mais doloroso que esse "nunca mais...".

Bem fizeram os amigos de Jó que o visitaram com o intuito de consolá-lo na sua desgraça. O texto bíblico descreve o que aconteceu:

yOs Zl bmcjcq bc jnh ec mt gpZk +cjcq l ámmmpcanh f cacpZk : c cjcq jct Zl rZpZk qs Zq t mxcq c af mpZpZk - C cjcq qc Zqqpcl rZpZk ank cjc l ma f ámbs pZl rc qcrc bgZq c qcrc l ngrcq+c l cl f s k bcjcq jf c bgqqc s k Z nZjZt pZ qcos cp+ nmpos c cjcq t gpZk os c m qcs qnqdgk cl rm cpZ k s gm epZl bc" (Jó 2.13).

Todos os amigos querem diminuir o sofrimento da mãe. Cercam-na com palavras que, pensam eles, trarão algum consolo. Mas que palavra ou poema poderá substituir o seu filho? E a chamam ao telefone para dizer-lhe suas palavras doces e cheias das intenções mais puras. Mas a pureza das intenções não garante a sua sabedoria. E aí, à dor da morte do filho, acrescenta-se uma outra dor: a mãe é obrigada a ouvir os consoladores delicada e pacientemente, com sorrisos de agradecimento... Mas são tantos os consoladores e eles cansam tanto...

Gestos de consolo, lembro-me de um que me comoveu. Eu vivia em Nova York com a minha família. Aí o pai da minha esposa foi morto num acidente, no Brasil. Ao abrir a porta do apartamento, no chão estava um buquê de flores. Aquele que o trouxera se retirara em silêncio. Não tocara a campainha. Mas deixara um bilhete onde estava escrito: "Não quis perturbar a sua dor...".

47. “Candidato”, o Cândido...

MEU AMIGO ELBA ME DEU uma surpreendente informação etimológica: a palavra “candidato”, nas suas origens, vem de “cândido”. O candidato tinha de ser cândido, puro. Há um produto de limpeza chamado “cândida”. Sei dos seus poderes para limpar as coisas de cozinha. Não sei se, ingerido, teria o poder de tornar “cândidos” os candidatos. Desconfio. Parece que existe um projeto no sentido de proibir a candidatura dos candidatos de mãos sujas. Sou cético sobre os seus resultados. Candidatos de mãos sujas não aprovam leis que proíbam “mãos sujas”.

Dirão que estou padecendo do pessimismo dos velhos. Mas Albert Camus era muito jovem, tinha apenas 33 anos de idade, quando escreveu o seguinte: “Cada vez que ouço um discurso político ou que leio os que nos dirigem, há anos que me sinto apavorado por não ouvir nada que emita um som humano. São sempre as mesmas palavras que dizem as mesmas mentiras. E visto que os homens se conformam, que a cólera do povo ainda não destruiu os fantoches, vejo nisso a prova de que os homens não dão a menor importância ao próprio governo e que jogam, essa é que é a verdade, que jogam com toda uma parte da sua vida e dos seus interesses chamados vitais”.

Guimarães Rosa sentia também o que sinto. Numa entrevista a Gunter W. Lorenz ele disse o seguinte: yCs l ámqns s k f nk ck nmjãrgam+hs qZk cl rc nmpos c Zk mn f nk ck – Mq nmjãrgamq cqrám qck npc dZjZl bm bc jçegaZ+ pZxám+ pcZjgbZbc c ns rpZq angqZq l n eàl cpmc Zmk cqk mrck nmt ám npZrgaZl bmmq Zmq k Zgq gpZagml Zgq os c qc nmqpZ gk Zegl Zp-RZjt cx cs qchZs k nmjãrgam+k Zq bcqpcq os c qc hncZk vZbpcx os Zl bmnmbck dZxà, jmZdZt mp bmf nk ck – ? manl npÔpgmbmq Yceãrgk nq(nmjãrgamq+Zapcbgml mf nk ck c jf c bcqchns k cl rs pn-Qns s k cqpgmpc ncl qmck crcpl gbZbcq– M nmjãrgam ncl qZZncl Zq ck k gl s mq– Cs ncl qml Z pcqs pcgáámbmf nk ck “–

Não é por acidente que Guimarães Rosa tenha comparado a política ao jogo

do xadrez. No xadrez, pouco importa o estilo do jogador. Qualquer que seja o estilo, a lógica do jogo é sempre a mesma. Quem se dispõe a jogar o jogo tem de se submeter à sua lógica. O Lula estava certo: se Jesus estivesse na política, teria de fazer pactos com Judas. A lógica do jogo da política é a lógica do jogo do poder. Enganam-se aqueles que pensam que o fim da política é a produção do bem comum. O objetivo da política é o poder — e os atos políticos dirigidos à produção do bem comum são apenas meios para se atingir esse fim, que é ou a tomada do poder ou a manutenção dos poderosos no poder. "Os fins justificam os meios", disse o mestre da política Maquiavel. Um ato que levasse ao bem comum mas que, ao mesmo tempo, diminuísse o poder dos que estão no poder, ou aumentasse o poder dos adversários políticos, seria, do ponto de vista político, um ato suicida: não deveria, jamais, ser executado. Na hierarquia dos valores políticos, o bem do povo é inferior ao exercício do poder. Essa é a razão por que, com frequência, políticos tratam de eliminar as coisas boas que seus antecessores, adversários, realizaram. É a forma aceitável de assassinato: matar pelo esquecimento.

O ideal de ética na política não pode ser realizado. Somente os fracos invocam os argumentos éticos. Porque eles são a única arma de que dispõem.

Já se disse que a guerra é a continuação da política por meio da violência. Isso é verdade. Política e guerra são o mesmo jogo. A diferença está em que, enquanto na política o poder aparece disfarçado pela aparência de paz, na guerra, o poder perde os seus pudores e se apresenta na sua nudez: a violência.

Da mesma forma que é inútil trocar os jogadores, porque o xadrez continuará a ser jogado com as mesmas regras, a troca de políticos e de partidos tem apenas o efeito de mudar o estilo do jogo, sem alterar a sua essência. Se eu estivesse no lugar do presidente, as regras do jogo do poder me obrigariam a abraçar os mesmos políticos que, em tempos passados, execrei. Naqueles tempos, eles eram inimigos a ser destruídos; mas agora são possíveis aliados que devem ser abraçados.

A razão filosófica para a existência dos três poderes independentes nas democracias não deriva de necessidades funcionais. Deriva da necessidade de espionagem constante: é preciso que os que estão no poder se vigiem uns aos outros. Na política, o comportamento ético é um resultado do medo de ser apanhado com a boca na botija. (Mas, mesmo apanhados com a boca na botija, os

políticos não enrubescem...)

Mas — eu me pergunto — e se os três poderes forem, todos eles, compostos por raposas? Raposa não vigia raposa. Raposa se alia a raposa...

48. “Heil, Hitler”

NÃO SEI ONDE FOI PARAR aquele cartão-postal do meu sogro. Certamente alguém o jogou fora, ignorando o seu valor histórico. Fora enviado da Alemanha, por volta de 1935. De um lado era uma foto impressionante: milhares de soldados numa parada, a bandeira da Alemanha nazista tremulando ao vento, com a sua suástica. Coisa de dar arrepios. Era difícil resistir ao fascínio estético da morte. Do outro lado, a mensagem, relato das coisas que estavam acontecendo. E ao final, para encerrar, a saudação “F cgi, Hitler!”.

Todos os grupos humanos têm a sua “linguagem politicamente correta. “Heil, Hitler” era uma expressão que pertencia ao vocabulário da “linguagem politicamente correta” do nazismo, juntamente com o uso da palavra “piolho” para se referir aos judeus. Uma pessoa que se recusasse a fazer o gesto e a dizer as palavras — é claro que ninguém se atrevia! — sofreria as consequências, provavelmente prisão e morte num campo de concentração. E quem se referisse aos judeus como “piolhos” estava usando a linguagem politicamente correta.

Mas o fato é que ninguém fala imaginando que sua linguagem não seja a correta. Cabe então perguntar: quem foi que disse e determinou que uma linguagem seja politicamente correta e a outra seja politicamente errada?

No livro Alice no País das Maravilhas, há um curioso diálogo entre Alice e o Humpty Dumpty, aquele tipo que se parecia com um ovo. Os dois ensaiavam uma conversa que nunca ia para a frente porque Humpty Dumpty inventava sentidos estranhos para as palavras que empregava. Num certo momento, ele usou a palavra “glória”. A teoria da linguagem que Alice adotava fora aprendida nas aulas de filosofia. A teoria da linguagem que Humpty Dumpty adorava fora aprendida nas aulas de política.

“Eu não sei o que você quer dizer por ‘glória’”, disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu com desdém. yÃ ajZpmos c l ám+Zrä os c cs jf c bgeZ-
E jç¡gZ-qel gdaZY Ôs k ‘ cjmZpes k cl rmbcaggtmnZpZt mà-(“

yK Zq Yçjç¡gZ(l ámqel gdaZY k ‘ cjmZpes k cl rmbcaggtm(“+mlcrms ? jgac-

yOs Zl bmCS s qms k Z nZjZtpZ‘+cjc bgqpc l s k rmk bc bc‘ maf c+ycjZ qgel ggbZ Zncl Zc
Zos gimos c cs os cpmos c cjZ qgel ggbos c+l ck k Zgq+l ck k cl nq+“

y? os cqrámä“+bgqpc ? jgac+yqc t mà nmbc dZxcp ank os c Zq nZjZtpZq qgel ggbos ck rZl rZc
angqZq bgdcpcl rcq+“

? ãF s k nrwB s k nrwcl s l agns qs Z rcmpgZbZjgl es Zeck os c néq dgk Úbgqs qpárn+

y? os cqrámä“+bgqpc F s k nrwB s k nrw+yos ck ä mqcl f mp” gqrmä rs bm+“

49. Conversa com o Diabo iiI

ELE CUMPRIU A PROMESSA. VEIO visitar-me de novo. Veio elegantemente trajado, dessa vez usando um ‘jZxcp vermelho, por conselho de um famoso figurinista. Depois dos abraços iniciais, ele relembrou o fim da nossa conversa anterior, quando disse que as pessoas que se dizem endemoninhadas não estão possuídas pelo Diabo coisa nenhuma. Estão é possuídas pelo seu próprio traseiro...

“Ah! O reverso da palavra! Os que não entendem poesia leem poesia do mesmo jeito que leem bula de remédio, em que cada palavra tem de significar precisamente o que o dicionário diz. Já os poetas sabem que cada palavra significa uma outra coisa. Se um poema dissesse que um peixe engoliu um homem que ficou três dias dentro dele e até escreveu poesia durante esse tempo, você pensaria que isso aconteceu de verdade ou que é literatura, realismo fantástico?

“Coisa que Deus gosta de fazer é cozinhar. Mas a culinária divina tem uma peculiaridade: Deus mistura poemas com a comida. Comida que não tem poema misturado não é coisa de Deus. Pois não é isso que é a eucaristia, comida misturada com palavras?

“Pois Deus resolveu oferecer um banquete de palavras para os homens e desandou a escrever poemas lindos. E pediu minha opinião.

“‘O que é que você acha disso? Será que os homens vão gostar?’

“Eu provei e gostei, mas ponderei: ‘Senhor, banquete maravilhoso. Mas é preciso não se enganar. Os homens vão comer? Claro que vão comer. Vão comer por quê? Porque têm um agudo senso de discriminação, porque são sábios, porque sabem diferenciar literatura boa de literatura ruim? Não é nada disso. Vão comer porque — lamento dizer isso — frequentemente o seu gosto não se diferencia do gosto dos porcos. Eles não sabem distinguir qualidade de quantidade. Falta-lhes o dom da discriminação. Comem tudo, engolem tudo, engordam, quanto mais melhor... Acham que, se está escrito no livro, é palavra de Deus... E aí o senhor vai sorrir enganado pensando que eles realmente perceberam a finura da sua culinária literária. Já viu as revistas que eles devoram?

E as revistas pornô? E os livrinhos piedosos, melado de rapadura de tão doces e bobos. Senhor, o povo come qualquer coisa e gosta...'.

"'É preciso reconhecer que Dostoiévski estava certo: os homens não estão atrás de Deus por amor; o que eles querem mesmo são os milagres...'

"Deus então me perguntou: 'Que devo fazer? Quero convidar para o meu banquete só aqueles que têm o gosto refinado para que possam se deleitar com a beleza dos meus poemas'.

"Aí eu respondi: 'É simples. Vamos misturar os seus poemas com literatura vagabunda, sem sentido, boba, essas revistas que ficam em pilhas nos consultórios médicos e dentários, mais coisas de horror, de absurdo, de autoajuda... Vamos pôr todos os pratos num bufê imenso, os poemas divinos com os pratos que eu, o Testador, vou inventar. Misturamos tudo e observamos. Aqueles que comerem tudo e gostarem de tudo — acham que assim estão agradando a Deus —, esses são os tolos. Incapazes de distinguir o belo das tolices. Mas aqueles que forem seletivos, que não aceitarem tudo, que cheirarem e separarem, aqueles que tiverem a sensibilidade para dizer: 'Isso é poesia divina e isso é literatura de terceira categoria', esses merecem ser convidados para o banquete final'.

"Deus ponderou a minha sugestão e pediu-me então que escrevesse umas estórias para misturar com os seus poemas. Foi o que fiz. Que isso que estou dizendo é verdade está confirmado pelo próprio Jesus, na parábola do trigo e do joio. Um homem plantou um campo de trigo. Veio um inimigo de noite e semeou joio no meio do trigo. Quando os empregados viram o joio nascendo ficaram horrorizados e puseram-se a arrancá-lo. O dono do campo ordenou que parassem. Que o trigo e o joio crescessem misturados. Assim, usando as palavras do próprio Jesus, os textos ditos sagrados são uma mistura de trigo e joio. Quem pegar o joio pensando que é trigo é um tolo. Vai ficar de fora do banquete...

"Na próxima vez vou contar a estória que inventei sobre o primeiro assassinato da história da humanidade. E vou adiantar: o seu tema é uma querela sobre a dieta divina..."

50. “Amamos Não a Coisa...”

MEU SOGRO NASCEU NA ALEMANHA e veio para o Brasil depois da Primeira Guerra. Era filho de um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como é bem sabido, os membros desse grupo religioso são extremamente rigorosos acerca de seus hábitos alimentares. Não comem carne de porco ou sangue, não bebem bebidas alcoólicas, café ou chá. Meu sogro, muito embora tivesse deixado de ser um fiel praticante, não se esquecera dos tabus alimentares. Eles estavam escritos em sua própria carne. E tinha mesmo um tabu todo seu, particular: ele não comia miolos, muito embora nunca os tivesse comido antes. O fato é que, mesmo assim, sem comer, não gostou... Um dia foi convidado para um jantar. Era o convidado de honra. E ficou muito contente ao ver que a anfitriã, certamente sabedora de seus hábitos quase vegetarianos, havia escolhido couve-flor empanada como prato principal. Delícia pura! Comeu, gostou e repetiu. Ao final, reconciliado com a vida (isso sempre acontece quando a comida nos dá prazer), a alquimia da digestão já se tendo iniciado, disse à dona da casa:

— A couve-flor empanada estava um prato digno dos deuses...

— Que bom! — ela respondeu. — Alegro-me que o senhor tenha gostado. Só que não era couve-flor; era miolo...

Pobre senhora! Não podia imaginar a tempestade que uma palavra inocente na boca podia provocar no corpo... Meu sogro, esquecendo-se de todas as regras de etiqueta, pulou da cadeira, correu para o banheiro, e vomitou tudo...

Como explicar o ocorrido?

A “coisa”: os sentidos já não a haviam aprovado, declarando-a deliciosa? A boca não a havia transportado para dentro do corpo, dando assim o seu l g f g m ḿ q Z r? E o estômago? Não estava feliz, entregue a seus jogos alquímicos de incorporação? Que catástrofes físicas e químicas poderiam ter acontecido por obra mágica de uma simples palavra, sopro, vento, para que o corpo mudasse de opinião tão de repente, vetando tudo aquilo que já havia provado e aprovado? Nenhuma. Meu sogro, na cabeça, sabia que as palavras não podem mudar a coisa.

Mas seu corpo seguia outra filosofia, pois para o corpo a comida não é só a coisa: é a coisa misturada com palavras. Não foi o gosto, não foi o cheiro, não foi a vista, não foi o tato, o que provocou o vomitório. Foi uma simples palavra. Meu sogro não vomitou a coisa. O que ele vomitou foi uma palavra. O que dá prazer e desprazer não são as coisas, mas as palavras que nelas moram. Como Zaratustra sugeriu, o que torna as coisas agradáveis são os nomes e os sons que lhes são dados. Por razões desconhecidas, a palavra "couve-flor", no corpo de meu sogro, era moradora de um mundo bonito, enquanto a palavra "miolo" era o elo de uma cadeia de imagens repulsivas. Basta uma única palavra para transformar um príncipe num sapo. E nem é preciso a presença de uma bruxa. O próprio príncipe se enfeitiça...

O corpo tem uma filosofia que é toda sua. Para ele, "realidade" não é aquilo que comumente chamamos por esse nome. Não é algo dado, pronto. É antes o resultado de uma operação alquímica por meio da qual a coisa sem nome é misturada com palavras. É assim que seu mundo é criado. E é isso que é dado ao corpo para ser comido. Guimarães Rosa conhecia a sabedoria do corpo e foi por isso que disse: yRs bmä pcZj nmpos c rs bmä gl t cl rZbm"- yQnk nq odgmq bc qnlf nq", diz Norman O. Brown. Meu sogro não vomitou a coisa. Ele vomitou sonhos maus, pesadelos, entidades sinistras invocadas pela palavra enfeitiçante...

51. Sobre a Memória

A MEMÓRIA POR VEZES É uma maldição. Já falei sobre meu querido amigo Amilcar Herrera, que me confessou: "Eu desejaria, um dia, acordar havendo me esquecido do meu nome...". Não entendi. Esquecer o próprio nome deve ser uma experiência muito estranha. Aí ele explicou: "Quando eu me levanto e sei que meu nome é Amilcar Herrera, sei também tudo o que se espera de mim. O meu nome diz o que devo ser, o que devo pensar, o que devo falar. Meu nome é uma gaiola em que estou preso. Mas se, ao acordar, eu tiver me esquecido do meu nome, terei me esquecido também de tudo que se espera de mim. Se nada se espera de mim estou livre para ser aquilo que nunca fui. Começarei a viver minha vida a partir de mim mesmo e não a partir do nome que me deram e pelo qual sou conhecido". Entendi na hora e fiz ligação com algo que Alberto Caeiro escreveu: "Nunca passei pela janela, k c bmos c Zmpl bg+nunca passei pela janela cacp, k c bmk nbmbc jck ' pZp os c k c cl qg ZpZk + c pZqnZp Z rg rZ ank os c k c ng rZpZk nq qcl rgbnq+ bcqcl aZgymZp k g f Zc ck nâêcq t qpbZbcgpZq+ bcqck ' ps jf Zp, k c c qpp cs + l ám ? j' cpm A Zcgpm+ k Zq s k Zl gk Zj f s k Zl mos c Zl Zrs pcx Z npnbs xgs ". Roland Barthes, na sua famosa "Aula", também disse estar se entregando à desaprendizagem do aprendido para livrar-se das sucessivas sedimentações dos saberes que, com a passagem do tempo, vão se depositando em nossos corpos.

Aconteceu comigo, faz anos: sem nenhum esforço, sem que eu quisesse, repentinamente, eu me esqueci. Tive um ataque de amnésia. Não me esqueci do meu nome nem do nome das pessoas, nem das ideias. Esqueci-me dos espaços. Coisa semelhante já havia acontecido com uma querida amiga, professora de neuroanatomia, doutora nos caminhos complicadíssimos do sistema nervoso. Acordou, olhou em volta e desconheceu. Que lugar é este? Onde estou? Foi até a porta e a abriu cuidadosamente. Olhou para um lado, olhou para o outro: um longo corredor com portas. Podia ser um hotel. Ou um mosteiro. Não teve coragem de sair e perguntar: "Por favor, digam-me onde estou!". O outro morreria de susto. Entrou e fechou a porta. Resolveu pesquisar. Abriu a bolsa. Lá

estava o passaporte. Dólares. Estava num país estrangeiro. Carimbo de Portugal. Estava em Portugal. Mas onde? Para quê? Lembrou-se de um amigo. Telefonou-lhe. "Está lá?" Dali a pouco lá estava o amigo para salvá-la. A amnésia durou pouco. Recuperou a memória. O que a causou? Os exames nada revelaram.

Assim aconteceu comigo. De repente, eu perdi a noção do espaço. Desconheci caminhos. Fechava as portas quando deveria abri-las. Ia para a direita quando deveria ir para a esquerda. Felizmente eu não estava só. Me levaram para o hospital com medo de que estivesse tendo algo grave, por exemplo, um AVC. Mas eu estava em saúde perfeita. Passado algum tempo, voltei ao mundo meu conhecido.

52. Ressonância Magnética

JÁ FAZIA ALGUM TEMPO QUE eu estava a pensar num aprendizado extremamente complicado que acontece sem que disso nos apercebamos: somos desenhadores de mapas. A cabeça é um arquivo de mapas. Para ir do quarto para a cozinha, a criança consulta o mapa de sua casa que ela desenhou na sua cabeça. Caminha sem cometer erros. Também os adultos: gavetas, armários, caixas, álbuns. Por causa do mapa da casa que temos na cabeça, ao necessitar de uma agulha, de um lápis, de um martelo, de um remédio, não saímos a procurar a esmo. Vamos diretamente ao lugar indicado pelo mapa. Vêm depois os mapas da redondeza, da cidade, ruas, praças, bares, restaurantes, farmácias, hospitais — tudo organizado. É dizer o nome de um lugar para que o computador espacial cerebral trace imediatamente o caminho para se chegar até lá. Cidades, estradas, país. O universo. Nos céus, as constelações. Norte, sul, leste, oeste. Direções. Os navegadores de antigamente viam as rotas na terra refletidas nas estrelas dos céus. Até a Lua, até Marte... Sem os mapas mentais, somos crianças perdidas numa cidade grande desconhecida.

A minha amnésia passou, mas ficou a pergunta: o que a causou? Fui a um neurologista... Um neurologista é, antes de mais nada, uma pessoa que sabe os mapas do sistema nervoso. Porque o sistema nervoso em tudo se parece com uma cidade, com suas ruas, sinais, tráfego, mão, contramão, semáforos, engarrafamentos, colisões... Ele pediu que eu fizesse um exame chamado "ressonância magnética". Eu já o havia feito uma vez, por causa de umas tonturas. Não dói nada. Mas é terrível! Não pelo que acontece de fato, mas pelo que se imagina. Colocam a gente deitado numa mesa, cabeça imobilizada com esparadrapos, e nos enfiam num tubo bem apertado, como se fosse uma urna funerária. Aí começa uma barulheira sem fim, marteladas, britadeiras, metralhadoras. Quem não está bem da cabeça corre o risco de entrar em pânico. Mas isso já está previsto: colocam na mão da gente um botão a ser apertado caso se sinta na iminência de ficar louco. Eu quase apertei o botão na primeira vez. O

que me salvou foi a imaginação: comecei a pensar asneiras e besteiras. Na segunda vez foi mais fácil porque já fui preparado. Resolvi fechar os olhos e imaginar que estava na minha cama, luz apagada, olhos fechados — e o que eu iria ouvir seriam sonhos. Tratei de entrar nos sonhos. Bateu marreta e me vi de marreta na mão amassando automóveis num ferro-velho. Britadeiras? Lá estava eu com uniforme da prefeitura perfurando o asfalto. Metralhadora? Peguei uma e saí atirando como se fosse o demolidor do futuro. Assim, vivi virtualmente aventuras terríveis que só se tem quando se vai a um playcenter. Porque não é para isso que se vai a um playcenter, para se ter medo e sofrer? E até fiquei triste quando a enfermeira anunciou que o exame havia chegado ao fim. Saí da urna funerária revigorado, adrenalizado e cheio de ideias novas. O terrível não foi o que o exame revelou sobre a minha amnésia. O terrível foi o diagnóstico, igual ao do exame anterior: "Normal, para a idade". Esse diagnóstico, afirmo, é mais traumático e humilhante que a amnésia.

y? em[illegible], como na música do Chico: acho que os médicos deveriam preparar os pacientes, contando-lhes o que os aguarda, para que eles se munam de orações, terços, patuás, mantras, santos protetores, espíritos de luz, imaginação, a fim de espantar os fantasmas do exame. Como já disse: o terror não se encontra na coisa física. O terror se encontra na imaginação. Um amigo querido, segundo o que me relatou a sua viúva, tentou fazer o dito exame três vezes e não aguentou. Morreu sem diagnóstico.

53. Gramática

SOU FELIZ PELOS AMIGOS QUE tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último "Quarto de badulaques". Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em "varreção" — do verbo "varrer". De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma "varroa"(gal) (você não sabe o que é uma "varroa"?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é "varrição" e não "varreção". Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de "varrição". E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a "varroa" no topo. Porque, para eles, não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala "varreção", quando não "barreção". O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado. A esse respeito, vou lhes contar sobre o homem que confundiu a mulher com um chapéu, caso clínico relatado por Oliver Sacks. Tem tudo a ver. Depois.

54. O Homem que Confundiu a Mulher com um Chapéu

PROMETI QUE IRIA RELATAR O caso clínico do homem que confundiu a sua esposa com um chapéu. Não se trata de ficção. O que quero dizer com isso é que esse caso não é uma estória inventada, como "A terceira margem do rio" ou "O afogado mais lindo do mundo". Mas que tem uma pitada de ficção, isso lá tem. Não conhecemos aquilo a que damos o nome de "fatos". Os ditos "fatos" são apenas uma matéria-prima bruta que a imaginação, essa artista que mora em nós, usa para fazer suas "artes", no sentido duplo da palavra. Cada um conta do seu jeito... Quem conta é Oliver Sacks, um famosíssimo neurologista. Aconselharia a todos que lessem os seus livros. São fascinantes, porque nos fazem entrar no mundo bizarro da alma humana. Pois ele foi procurado por um homem que a ele veio, empurrado por amigos, para lidar com algo estranho em sua forma de ver as coisas. Sacks relata a primeira entrevista, ele e o homem conversando de maneira normal, sem que fosse possível notar qualquer coisa que sugerisse alguma perturbação mental. Mas Sacks ficou intrigado com um sentimento estranho: ele tinha a impressão de que aquele homem que o encarava de frente não o estava vendo. Tinha os olhos perfeitos, via tudo, mas não via... Até que ele, Sacks, atinou com o mistério dos seus olhos: eles viam as partes perfeitamente bem, mas não eram capazes de juntá-los num todo significativo. Via as orelhas, a boca, o nariz, os cabelos — mas os viam soltos, sem que se encaixassem para formar um rosto. Sim, os olhos daquele homem não eram capazes de ver um rosto. Diante de uma fotografia do seu irmão que lhe foi mostrada com a pergunta "Quem é essa pessoa?", ele se pôs imediatamente a descrever as partes da imagem com a maior precisão. A testa larga, os lábios finos, o nariz ligeiramente achatado, o maxilar... "Cqqc k Zvgi Zp+ank cqqc Õ es jmk c dZx ncl qZp— QZ c; K cs gk ámrck s k k Zvgi Zp ank s k Õ es jmcvZrZk cl rc gs Zj Z cqqc- QqpÔ+nmp ZaZqm+s k Z dnmbmk cs gk ám,". Ele foi incapaz de reconhecer o rosto do irmão. Chegou ao irmão através da geometria: a

igualdade dos ângulos do maxilar. “M os c ä gqqn,”, Sacks lhe perguntou, mostrando-lhe uma luva. “@ck +npZrZ,qc bc s k qZamkZgnpbmosZj qZck agl amqZanq dl nq c ank mpgbmq—” Isso é precisamente uma luva. Mas ele era incapaz de reconhecer, naquilo que via, uma luva. Seus olhos só percebiam as partes. O interessante das patologias é que elas frequentemente não passam de traços comuns das pessoas ditas normais, aumentados por meio de uma lupa. A patologia, assim, serve-nos como um espelho. As grandes bizarrices da patologia são nossas pequenas bizarrices vistas através de um xmmk... Como é o caso do homem que assistiu a um concerto e dele o que mais o impressionou foi a calva do clarinetista... Às vezes eu tenho a impressão de que a especialização científica pode produzir um efeito semelhante: os cientistas se tornam especialistas nas partes e as conhecem com grande precisão. Mas ficam perdidos quando se trata de ver o “rosto” da realidade. Na verdade, nem mesmo reconhecem o seu próprio rosto quando o veem no espelho. Essas associações foram provocadas pelo homem, desconhecido, que toma a sopa mas só percebe o lascado na beirada do prato...

55. Teoria e Método

CHEGOU-ME UMA CARTA... CARTAS ERAM objetos hoje, obsoletos, escritos com pena, tinta e mata-borrão (quem ainda sabe o que é um mata-borrão?) que, para serem enviadas, exigiam selo, envelope, língua e uma caminhada até o correio. Se o remetente era importante, as cartas eram guardadas e depois da morte do dito eram transformadas em livros de valor histórico. Eu mesmo tenho a correspondência de Albert Schweitzer, Prêmio Nobel da Paz, umas 500 páginas, e a correspondência que Guimarães Rosa teve com seu tradutor para o alemão, umas 300 páginas, mais as suas cartas para os netos, ilustradas por ele mesmo. Esses objetos pertencem a uma era que está desaparecendo.

Pois — faz tempo — chegou-me uma carta de uma jovem que estava fazendo pós-graduação. O seu assunto eram as estórias que escrevi para crianças. Fiquei lisonjeado. Ela me enviava um longo questionário que tinha por objetivo esclarecer algumas questões que lhe eram obscuras, essenciais para um trabalho científico. Com toda a certeza o questionário passara pelo crivo crítico do orientador. Orientadores, pelo que deles conheço, não permitem que coisa alguma dos seus orientandos seja dada ao público sem o seu nihil obstat... Peguei o questionário com toda a seriedade e logo minha seriedade se transformou em espanto porque eu não sabia as respostas para as perguntas que ela me fazia. Ela falava uma linguagem que eu desaprendera: acadêmica, científica, linguagem que se fala quando se está fazendo ciência, procurando a verdade. Mas quando se inventam estórias não se está procurando a verdade, e sim a beleza. A primeira pergunta era: "Qual é a teoria que o senhor usa para escrever suas estórias?". Fiquei a matutar: que teoria usei para escrever A menina e o pássaro encantado? E A árvore e a aranha? Percebi que não usara teoria alguma. As estórias simplesmente vieram e se assentaram no meu ombro. Eu só olhei pra elas e copiei. Então minhas estórias não eram objetos científicos. A segunda pergunta era: "Qual é o método que o senhor usa para escrever suas estórias?". Método é o caminho que as ideias têm de seguir, a marcha das ideias como soldados em

parada. Mas as minhas ideias não marcham, elas dançam... E não usei método algum... Essas duas perguntas são obrigatórias para a ciência, cujo objetivo é agarrar um objeto. Teorias e métodos são alçapões para pegar pássaros voantes. Mas estórias, poemas, músicas pertencem à classe das entidades semelhantes às nuvens que não se deixam prender. Elas pousam por vontade própria nos ombros dos escritores, dos poetas, dos músicos. Acho que foi Picasso que disse: yCs l án npmas pm cs cl anh rpm—".

Escrevo, mas não tenho nem teoria nem método. Assim escrevo, sem teoria e sem método. Consta que uma pessoa perguntou a Cervantes como ele fazia para escrever. Ele teria respondido: yNZpZ cqpct cp cs k c ZqqpcI rmÚk gl f Z k cqZ+ank s k Z dnf Z bc nZncj+ncl Z+rgl rcgpm+k ZrZ,' mpá m—". O perguntante o interrompeu: yL ámä gqpm— Os cpmcqZ cp qn'pc Zq gbcgZq—" y? f!", Cervantes respondeu, ynZpZ gqpmä mpcagpn rcp rZjcl rm—"

56. Repetindo o Já Contado...

OS VELHOS, OU POR MEMÓRIA fraca ou a fim de se fazerem ouvidos, gostam de repetir...

Eu era um homem maduro, músculos firmes, cabelos discretamente grisalhos... Era, sem dúvida, a minha melhor idade. Entrei no metrô, vagão lotado, segurei-me num balaústre, confiante em mim mesmo, olhei em volta. Uma jovem de uns 25 anos me olhava sorridente, confirmando que aquela era minha melhor idade.

Foi então que a jovem que confirmava minha melhor idade com o seu sorriso levantou-se e me ofereceu o seu lugar. Fiz o resto da viagem assentado, olhando fixamente para a sua bolsa à altura do meu nariz porque tinha vergonha de olhar para o seu rosto. O seu gesto delicado me disse que minha idade não era a melhor idade. Daí para a frente as confirmações foram se sucedendo, lembrando-me de que a minha idade não era a melhor.

Na festa de aniversário da minha nora, eu solidamente assentado no jardim, vem uma senhora na melhor idade dela para me cumprimentar, percebo, dou o impulso para me levantar e abraçá-la, mas ela, delicada como a moça do metrô, me fez lembrar que a minha idade não era a melhor idade para estrepolias... Com uma voz carinhosa me disse: "Não é preciso se levantar. Fique assentadinho aí...".

"Assentadinho" — diminutivo — dizia coisa muito grande: sua idade é a pior idade... Se eu fosse um jovem, ela não teria usado o diminutivo.

Mas agora a situação se agravou. Agora são senhoras que, com sorrisos matronais, me oferecem lugar na fila do supermercado e são senhores de cabelos brancos que se oferecem para nos ajudar. Olham para mim e concluem: "O ancião precisa de ajuda...".

Faz alguns dias eu estava parado ao lado de um semáforo esperando que a luz verde se acendesse quando um jovem, do lado de lá, me viu e, ato contínuo, desafiando os carros, atravessou a avenida para me oferecer o seu braço como ponto de apoio...

Todos esses gestos gentis revelam que aqueles que nos oferecem o lugar na fila,

que colocam a mão no nosso ombro para nos manter sentadinhos ou nos ajudam a atravessar a rua sabem a verdade óbvia: nossa idade não é a melhor idade.

Disse que todos sabem! Errei! Há uma exceção: algumas companhias aéreas nos aeroportos insistem em não saber. Elas nos chamam para o embarque dizendo que a nossa é a melhor idade apesar do reumatismo, da calva, da bengala, dos músculos flácidos, dos ouvidos surdos, dos corpos segregados do amor...

As Sagradas Escrituras dizem a verdade, e anunciam os dias em que diremos: yL ámrcd f ml cjcq npZxcp— Qámnq bgZq ck os c nq es ZpbZq bZ aZqZ+nq ‘ pZânq+npck cpck c Zc ncpl Zq ‘ Zk ‘ Zq l ámanhqcesgpck jct Zl rZp mampnm+ C qc acppZpck Zq hZl cjZq+nq rcs q njf nq+c nq rcs q jÔgnq qc dcaf Zpck 9 mbgZ ck os c l ámns bcpcq dZjZp ck t mx ZjrZ+os Zl bmrgt cpcq k cbn bm os c ä Zjrm+ c rc cqnZl rZpcq l m aZk gl f m+ c m rcs aZ cjm dgZp ‘ pZl am+ c s k cgk njcc eZdZl f mm m dnp k s gm ncqm nZpZ rs Zq dnpâZq+ nnpos c t Zgq nZpZ Z aZqZ crcpl Z— @ps k Zq c cqns k Zq+ Rs bmqám‘ ps k Zq c cqns k Zq—“.

Não quero ser incluído entre as pessoas felizes que gozam dos prazeres da “melhor idade”. Chamem-me pelo nome verdadeiro: “idoso” apenas...

57. O que Ensinar?

HOJE PELA MANHÃ — AINDA não havia me levantado da cama — pus-me a pensar em como vou usar a minha vida nos anos que me restam. É normal que isso aconteça com todos os velhos. Quando os anos são poucos, os dias se aceleram e o pensamento se põe a procurar, no meio das brumas e das espumas, o que é essencial.

Tempo curto é tempo crepuscular. E o crepúsculo é uma mistura de beleza e tristeza. Albert Camus escreveu no seu Npgk cgpmq aZbcpl mqº yAäs bc rpntmZbZ ck ? emqrm+ ? pZeck cqaZjbZl rc- L s t cl q l cepZq+ L mcl rZl rm+bmjZbmbml Zqpcl rc+s k Z dZgyZ Zxs j+bcjgaZbZ+rpZl qnZpcl rc- ? qs Z npcqcl âZ ä s k Z rmprs pZ nZpZ mq mjf mq c nZpZ Z ZjkZ- Nmpos c Z ‘cjcxZ ä gl qs rmprÔcj- CjZ bcqcqncpZ,l mq+ crcpl gbZbc bc s k k gl s rm os c bcqchZpãZk mq rnpmjml eZpncjmrck rmdmpZ‘.

Faz muito tempo que mandei esculpir em madeira uma frase latina que tenho agora pendurada na minha varanda: “Tempus fugit” — o tempo foge.

Na minha sonolência, lembrei-me de Hermann Hesse, escritor que marcou a minha geração. Lembrei-me dele porque ele também se propôs a mesma pergunta. Levantei-me, fui ao escritório e tirei da estante o livro O jogo das contas de vidro e procurei nele as marcas que fiz quando o li, muitos anos atrás.

O personagem central do romance é Joseph Knecht, mestre supremo de Castália. Castália era uma ordem monástica que se dedicava ao cultivo e gozo da beleza, cujo ponto culminante era uma celebração anual que tinha o nome de jogo das contas de vidro. Esse jogo se inspirava na brincadeira musical denominada variações sobre um tema. Brincar com a beleza. Knecht era o regente da beleza, magister ludi, o mestre do jogo.

Mas agora ele estava velho. As cores da vida estavam esmaecendo e a alma se sentia dominada pela nostalgia da morte.

Havendo atingido o ponto máximo da sua carreira, ele se viu repentinamente invadido pelo desejo de deixar tudo e se dedicar a educar uma criança “que ainda não tivesse sido deformada pela escola”. Decide-se então a abandonar sua posição

de magister ludi, deixa a ordem monástica a que pertencia (como se o papa resolvesse, repentinamente, tornar-se professor de roça...) e se torna tutor de um menino.

Ele então explica o seu gesto. "A melhor coisa que a minha posição como Magister Ludi me deu", ele disse, "foi a descoberta de que fazer música e tocar Bach não são as únicas atividades felizes na vida, e que ensinar e educar podem ser igualmente atividades que nos trazem grande felicidade. Aos poucos descobri, além disso, que ensinar me dá tanto mais prazer quanto mais jovens e não estragados pela deseducação os alunos são. Isso fez com que, ao passar dos anos, eu desejasse ser um professor numa escola primária..." Meditando sobre essa condição, ele descobre um poeminha de Ruckert que continha o resumo da sua sabedoria de velho: "Nossos dias são preciosos mas com alegria os vemos passando se no seu lugar encontramos uma coisa mais preciosa crescendo: uma planta rara e exótica que traz alegria ao nosso coração jardineiro, uma criança que estamos ensinando, um livrinho que estamos escrevendo...".

Escrever um livrinho ("livrinho" no diminutivo, coisa simples; os livros grandes me assustam...).

Plantar um jardim (nossa vocação suprema, jardineiros, cuidar da Terra).

Ensinar uma criança...

Mas essas, precisamente, são as vocações que me comovem. Livrinhos para crianças, já escrevi muitos. Jardins, não sei quantos eu plantei. Agora eu sinto que gostaria de ser um professor de crianças ainda no curso primário. As crianças nos salvam do envelhecimento triste. Recordo o que Bachelard disse sobre elas: "Na idade do envelhecimento a lembrança da infância devolve-nos aos sentimentos finos, a essa 'saudade risonha' das grandes atmosferas baudelairianas. A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprido o seu ciclo. É o mais vivo dos tesouros e continua a nos enriquecer sem que o saibamos". Eu quero voltar às crianças para me salvar...

Se eu fosse seguir o caminho que Hesse escolheu para os últimos anos de sua vida, isso é, se eu resolvesse usar o meu tempo para ensinar uma criança, o que gostaria de ensinar? O que tenho para dar a um menino ou menina? Por qual caminho eu os levaria a passear?

58. Pássaros e Jardins

GOSTO DO APARTAMENTO EM QUE vivo. Décimo primeiro andar. A vista é muito bonita, vê-se ao longe... Quando o vento é forte, ele assobia de forma sinistra e musical. Quase lhe pus o nome de Morada dos Ventos Uivantes.

Já morei num outro: oitavo andar. Fiz um microjardim na varanda. Assentado na sala, enquanto ouvia música, via o jardim, a cidade, a chuva e sentia o prazer do vento na minha pele. Mas tinha uma tristeza. Os passarinhos não me visitavam. Tentei. Pus comida para eles. Inutilmente. Guimarães Rosa diz que há dois tipos de altura: altura de urubu ir, e altura de urubu não ir. Quem sabe só urubu tinha coragem de subir até a altura do oitavo andar...

O Carlos Rodrigues Brandão me deu um livro, faz tempo, que ainda não li. O título é: A linguagem dos pássaros. Nunca levei o dito a sério porque era minha firme convicção que passarinho não tem linguagem. Pois mudei de ideia. Eles não só falam como também leem os jornais. Tive prova disso, prova que não se pode contestar. Eu me queixei, numa de minhas crônicas, da ausência dos pássaros no meu apartamento, a despeito do jardim na varanda. Aventei a hipótese de que é porque eu morava no oitavo andar, talvez fosse altura demais. Meu apartamento estava em altura de só urubu ir. Fiquei triste. Lamentei-me disso no jornal. Na segunda-feira, ao chegar em casa do trabalho no final do dia, lá estava, na sala, atendendo à minha queixa, um beija-flor empoleirado no lustre. O bichinho se assustou. Como se sabe, os homens são os seres que perderam a confiança dos pássaros. Ele se pôs a voar de um lado para outro, desorientado, sem saber onde estava a saída. Tentei pegá-lo. Inutilmente. Aí ele se refugiou no banheiro. Fechei a porta, subi numa cadeira e finalmente o segurei com palavras tranquilizantes. Ele não acreditou e até deixou várias penas na minha mão. Desci da cadeira, fui até a varanda e o soltei. Ele partiu como uma flecha. Ah! Como me senti feliz! Pois, no dia seguinte, a coisa se repetiu: não com o beija-flor, mas com uma curruíra. Ela não entrou no apartamento, mas ficou saltitando no jardim. Peguei as peninhas do beija-flor, azuis, amarrei-as com um fio e as pendurei no bambu do jardim, como

mensagem de paz. Quero que os pássaros confiem em mim. Vocês não concordam comigo que o fato de um beija-flor e uma curruíra terem me visitado no meu apartamento é prova cabal de que leem jornal? Por que é que foram aparecer justo no dia seguinte à minha queixa? E fiquei feliz por saber que eles leem o que eu escrevo...

59. Caim Mata Abel

ELE VOLTOU PARA CONTAR UMA outra estória bíblica. Veio caminhando absorto na leitura de um livro que trazia nas mãos. Ao ver-me fechou o livro, sorriu e disse:

"Estou relendo o livro Demian, de Hermann Hesse. Ele foi a primeira pessoa a compreender a estória de Caim e Abel. Compreendeu porque não acreditou no que lhe haviam ensinado na igreja. Leu a estória pelo avesso. A estória diz que Caim era um homem que tinha no rosto uma marca que dava medo nos demais. Seu poder provocava inquietação. Por isso nem se atreviam a tocá-lo. Os filhos de Caim, marcados com o mesmo sinal, atemorizavam os demais. Daí que o sinal passou a ser explicado não como a distinção que realmente era, mas como uma coisa ruim, um sinal de maldição. Espalharam o boato de que os homens assim marcados eram malvados. A existência de uma raça especial de homens sem medo passou a incomodar. Os que têm medo não gostam dos que não têm medo. Aí inventaram uma lenda de horror, irmão matando irmão, para se vingarem daquela raça... Caim era um verdadeiro homem e lhe arranjaram essa história porque o temiam..."

Fiquei surpreso com essa versão que o Diabo me trazia da estória. Eu aprendera que Caim era mau e Abel era bom. Pois agora, com a nova explicação, eu também comecei a ver a estória pelo avesso.

"Você está sugerindo que Caim não era mau e que toda a narração da Bíblia está errada?", perguntei.

"É isso mesmo. Basta ler a estória com atenção (Gênesis 4.1-16). O que ela diz é que Caim era lavrador, cultivava os campos, via a relva pela manhã coberta de orvalho, semeava o trigo e ficava feliz ao ver suas espigas douradas agitadas pelo vento. Cuidava das videiras, fazia vinho e espremia as azeitonas para fazer azeite. Ah! O azeite com que se lambuza o pão e se põe nas lâmpadas para alumiar! Lavrador, ele seguia uma mansa dieta vegetariana.

"Já Abel, seu irmão, era pastor de ovelhas. Levava-as pelas pastagens para que

ficassem gordas. Pra que ficarem gordas? Porque as amava? Não. Abel adorava carne de ovelha assada na brasa. Abel era carnívoro. Alimentava-se com a carne das mansas ovelhas, as mesmas ovelhas que ele levava para pastar. Foi por isso que Abel, para realizar seus impulsos gastronômicos, inventou o churrasco. Abel, o carnívoro, é o patrocinador de todos os churrascos.

"O quintal da casa de Abel estava sempre cheio de cabeças de ovelhas, cobertas de moscas. De dia vinham os urubus; de noite, as hienas.

"Os hábitos carnívoros de Abel preocupavam Caim, que gostava muito do irmão. Ele temia que Jeová se vingasse dele por causa dessa maldade para com animais tão mansos e indefesos.

"'Abel, você não tem medo de Deus', ele perguntava? 'Você sabe que um profeta ainda não nascido irá escrever que Deus é o pastor que dá a sua vida pelas suas ovelhas. E você é um pastor que faz justo o contrário... Deus vai te castigar...'

"Abel não dava bola. Mordia a perna assada da ovelha e ria do irmão. Até que ele se encheu com as advertências do irmão.

"'Olha aqui, Caim, vamos resolver esse assunto de uma vez por todas. E a melhor forma de fazê-lo será convidar Jeová para um almoço. Ele será o juiz. Ele dirá qual dieta é do seu agrado. Você prepara um almoço vegetariano e eu preparo um churrasco de carne de ovelha...'

"Assim ficou combinado. Acertaram a data e enviaram um convite ao Todo-Poderoso.

"Caim caprichou no almoço. Saladas multicoloridas, pão quentinho, saído do forno, azeitonas, alcachofras, milho cozido, arroz, feijão, salada de tabule. A mesa estava uma beleza.

"Abel matou uma ovelha — era triste ouvir os balidos de dor da ovelha enquanto Abel lhe enfiava a faca no coração —, cortou sua cabeça e a estripou. Acendeu a churrasqueira estilo gaúcho e colocou a ovelha sobre as brasas. A gordura pingava sobre as brasas. O cheiro era tentador.

"No dia e hora marcados chegou Jeová para o almoço. Olhou de longe para a linda mesa que Caim lhe preparara. Mas as alfaces, os tomates, os pães e azeite não o comoveram. Suas glândulas salivares permaneceram indiferentes. Aí ele respirou fundo e a fumaça com o cheiro da gordura entrou pelo seu nariz. Ah! Como é suave o cheiro da gordura da ovelha churrasqueada. E a boca de Jeová se encheu

d'água.

"Assentaram-se então os dois, Jeová e Abel, banqueteando-se com as carnes da ovelhinha churrasqueada.

"Caim, de longe, sozinho com sua refeição vegetariana, olhava com raiva. Era uma raiva profunda. Inveja de Abel, o cozinheiro preferido pelo Criador. E indignação com Jeová. Nunca lhe passara pela cabeça que Jeová pudesse ser carnívoro e que desprezasse os vegetarianos...

"Passado o almoço, Jeová, com a barriga cheia, retornou aos céus. Abel pôs-se então a caçoar de Caim. A raiva foi crescendo no coração de Caim até que ele, movido por justa indignação vegetariana, tomou um cabo de enxada que estava encostado à porta de sua casa e, com uma paulada certeira, despachou o seu irmão para o outro mundo. 'Ah!', ele pensou. 'Deste momento em diante as ovelhas não precisarão mais ter medo.'"

Nesse momento, o Diabo se calou. A estória havia chegado ao fim.

"Acho que você nunca pensou nisso, que o primeiro assassinato tenha acontecido por uma questão de dieta..."

Mas não era uma questão de dieta apenas. Era uma luta entre dois deuses. O Deus de Abel, carnívoro, que só se satisfaz com sangue, e o Deus de Caim, vegetariano, que se satisfaz com alimentos mansos...

Ditas essas palavras ele se levantou e despediu-se.

"Até um dia qualquer. Voltarei para contar outras estórias..."

★ ★ ★

A estória de Caim e Abel, tal como está na Bíblia, foi escrita com um objetivo ideológico e pedagógico. Quem eram os pastores que comiam carne de ovelha? Quem eram os "Abéis"? Eram os israelitas, nômades, caminhantes no deserto, onde a agricultura era impossível. Gente do MST não tem tempo para desenvolver agricultura... E quem eram os agricultores, os "Cains"? Eram os habitantes das planícies da Mesopotâmia, uma civilização adiantada e estável em que a agricultura florescia. Os israelitas, os "abéis", se preparavam para invadir as terras do agricultores, os "cains"... A estória define os agricultores como gente malvada que, podendo, mata os "abéis". Assim, antes que os "cains" matem os "abéis", os "abéis" carnívoros que tomem a justa iniciativa de matar os "cains"

agricultores.

60. A Máquina do Tempo

O PINTOR FRANCISCO DE GOYA (1819-1823) pintou um quadro sinistro que representa o deus Cronos devorando um dos seus filhos. A brutalidade plástica e a verdade da tela estão em que ela nos confronta com o nosso destino: à medida que o tempo passa, a vida se vai.

O tempo faz o vivido desaparecer no esquecimento. Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, descreveu essa tristeza de sentir a vida escorrendo para o passado num poema: "O tempo passa. Não nos diz nada. Envelhecemos. Saibamos, quase maliciosos, sentir-nos ir. Não vale a pena fazer um gesto. Não se resiste ao deus atroz que os próprios filhos devora sempre".

Por isso eu escrevo, para lutar contra o tempo. A escritura e a leitura fazem os mortos ressuscitar. A escritura e a leitura fazem o passado acontecer de novo. Por isso, ao ler o que aconteceu e não mais existe, nós rimos e choramos como se aquilo que aconteceu estivesse acontecendo de novo. E foi isso que aconteceu comigo. Envelhecendo, tive medo que o meu passado se perdesse.

Resolvi, então, escrever o meu passado, um passado feliz que o tempo me havia roubado, para oferecê-lo às minhas netas. Queria que, quando eu morresse, ele continuasse vivo na memória delas. Escrevi um livro contando a vida que vivi quando menino, na roça. Descrevi a casa velha, pintada de branco. Contei sobre os riachos e as árvores, sobre as noites silenciosas, sobre os ruídos dos bichos na mata, sobre os céus escuros iluminados por milhares de estrelas, sobre o fogão de lenha e sobre a luz das lamparinas iluminando a sala. E sobre algo impensável para elas: não havia eletricidade. Não havia geladeira. As comidas eram guardadas em armários de tela chamados guarda-comida.

Publicado o livro, elas não demonstraram o menor interesse naquilo que eu contava porque o mundo em que eu vivera e amara lhes era estranho. Quem se interessou foram os velhos porque aquele era um mundo que fora deles.

Passado algum tempo, recebi um e-mail em inglês, uma mulher... Desculpava-se pelo inglês. Era uma imigrante egípcia. Entendia bem o português, lia os meus

livros e gostava deles. Escrevia-me para me dizer que, no meu livro para as minhas netas, eu usara uma palavra que a apunhalara...

Uma única palavra com o poder de apunhalar! Que palavra poderosa poderia ter sido essa?

"Fui apunhalada pelo 'guarda-comida'", ela disse. "Eu havia me esquecido de que essa palavra existia. O tempo a mergulhara no esquecimento. Mas quando a li o meu passado voltou, instantaneamente. Instantaneamente eu me vi menina de seis anos na cozinha da minha casa no Cairo, sessenta anos antes. Lá havia um 'guarda-comida'." E ela disse o nome em francês: "garde-manger". "A palavra anulou o espaço: atravessei o Atlântico... A palavra anulou o tempo: o passado ficou presente, ressuscitou do esquecimento..."

Aprendi então que máquinas do tempo existem. Elas se chamam "palavras".

Podemos, então, pintar uma tela que é o inverso da tela que Goya pintou: a vida devorando o tempo...

61. Sobre a Ciência e a Fé

"TEMOS DOIS OLHOS. COM UM, vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro, vemos as coisas da alma, eternas, que permanecem", assim escreveu o místico Ângelus Silésius.

No consultório do oftalmologista estava uma gravura com o corte anatômico do olho. Científica. Verdadeira. Naquela noite, o mesmo oftalmologista foi se encontrar com sua bem-amada. Olhando apaixonado os seus olhos e esquecido da gravura pendurada na parede do seu consultório, ele falou: "Teus olhos, mar profundo...". No consultório ele jamais falaria assim. Falaria como cientista. Mas os olhos da sua amada o transformaram em poeta. Cientista, ele fala o que vê com o primeiro olho. Apaixonado, ele fala o que vê com o segundo olho. Cada olho vê certo no mundo a que pertence.

O filósofo Ludwig Wittgenstein criou a expressão "jogos de linguagem" para descrever o que fazemos ao falar. Jogamos com palavras... Veja esse jogo de palavras chamado "piada". O que se espera de uma piada é que ela provoque o riso. Imagine, entretanto, que um homem, em meio aos risos dos outros, lhe pergunte: "Mas isso que você contou aconteceu mesmo?". Aí você o olha perplexo e pensa: "Coitado! Ele não sabe que nesse jogo não há verdades. Só há coisas engraçadas". Vamos agora para um outro jogo de palavras, a poesia: "(...) e, no fundo dessa fria luz marinha, nadam meus olhos, dois baços peixes, à procura de mim mesma". Aí o mesmo homem contesta o que o poema diz: "Mas isso não pode ser verdade. Se a Cecília Meireles estivesse no fundo do mar ela teria se afogado. E olhos não são peixes...". Pobre homem... Não sabe que a poesia não é linguagem para dizer as coisas que existem. É jogo pra fazer beleza. A ciência também é um jogo de palavras. É o jogo da verdade, falar o mundo como ele é.

Acontece que nós, seres humanos, sofremos de uma "anomalia": não conseguimos viver no mundo da verdade, do mundo como ele é. O mundo

como ele é é muito pequeno para o nosso amor. Temos nostalgia de beleza, de alegria e — quem sabe? — de eternidade. Desejamos que as alegrias não tenham fim! Mas beleza e alegria, onde se encontram essas "coisas"? Elas não estão soltas no mundo, ao lado das coisas do mundo tal como ele é. Elas não são, existem não existindo, como sonhos, e só podem ser vistas com o "segundo olho". Quem as vê são os artistas. E se alguém, no uso do primeiro olho, objeta que elas não existem, os artistas retrucam: "Não importa. As coisas que não existem são mais bonitas" (Manoel de Barros). Pois os sonhos, no final das contas, são a substância de que somos feitos. Como disse Miguel de Unamuno:

Recuerda, pues, o sueña tú, alma mía
— la fantasía es tu sustancia eterna —
lo que no fue;
con tus figuraciones hazte fuerte,
que eso es vivir, y lo demás es muerte.

É no mundo encantado de sonhos que nascem as fantasias religiosas. As religiões são sonhos da alma humana que só podem ser vistos com o segundo olho. São poemas. E não se pode perguntar a um poema se ele aconteceu mesmo... Jesus se movia em meio às coisas que não existiam e as transformava em parábolas, que são estórias que nunca aconteceram. E não obstante a sua não-existência, as parábolas têm o poder de nos fazer ver o que nunca havíamos visto antes. O que não é, o que nunca existiu, o que é sonho e poesia tem poder para mudar o mundo. "Que seria de nós sem o socorro do que não existe?", perguntava Paul Valéry. Leio os poemas da Criação. Nada me ensinam sobre o início do universo e o nascimento do homem. Sobre isso falam os cientistas. Mas eles me fazem sentir amoravelmente ligado a este mundo maravilhoso em que vivo e que minha vocação é ser seu jardineiro... Leio a parábola do Filho Pródigo, uma estória que nunca aconteceu. Mas ao lê-la minhas culpas se esfumaçam e compreendo que Deus não soma débitos nem créditos...

Dois olhos, dois mundos, cada um vendo bem no seu próprio mundo...

Aí vieram os burocratas da religião e expulsaram os poetas como hereges. Sendo cegos do segundo olho, os burocratas não conseguem ver o que os poetas veem. E os poemas passaram a ser interpretados literalmente. E, com isso, o que

era belo ficou ridículo. Todo poema interpretado literalmente é ridículo. Toda religião que pretenda ter conhecimento científico sobre o mundo é ridícula.

Não haveria conflitos se o primeiro olho visse bem as coisas do seu lugar, e o segundo também as visse do seu lugar. Conhecimento e poesia, assim, de mãos dadas, poderiam ajudar a transformar o mundo.

62. Sucesso...

FIZERAM UMA ENQUETE ENTRE PESSOAS que, a seu juízo, tiveram sucesso, eu entre elas. Queriam descobrir o segredo... Seis perguntas...

0★Qc rgt cqqc os c bcdl gp qs Zf gsrcpgZmpmdqqpmhZj ck rpàq nZjZt pZq+os Zgq qqpgZk ;

Um jovem me perguntou: como planejei a minha vida para chegar onde cheguei? Respondi: Cheguei onde cheguei porque tudo o que planejei deu errado. A primeira palavra, então, seria "acidente".

Depois, há de se ter um dom, coisa que não se faz, mas se recebe dos deuses. Quis muito ser pianista. Fracassei porque me faltava o dom. Já vi muitas promessas em livros de autoajuda do tipo "você está destinado ao sucesso...". Isso é mentira. O querer nada pode sem o dom.

Finalmente, é preciso trabalhar.

1★ Os Zgq bgdpcl agZgq s k Z ncqqmZ bct c mmqqs gp nZpZ anh os gsrZp m qs acqqm ck qs Z mpmdqqpám;

Não gosto dessa palavra "sucesso". O que é sucesso? Vender um milhão de livros? Muitos livros medíocres são vendidos aos milhões enquanto outros livros geniais não vendem uma única edição.

Muitos sucessos acontecem por acidente, trapaça ou malandragem. Ser eleito deputado ou senador — isso é sucesso?

Não se aprisionar ao costumeiro. Uma mulher que não conheço me enviou um presente, um quadro bordado a ponto de cruz com as palavras "Deus abençoe essa bagunça"... Nietzsche nos aconselhou a construir nossas casas nas encostas do Vesúvio... Curiosidade.

2★Tmà bct c rcp Zank nZl f Zbmk s grZq ncqqmZq os c Zrgl egpZk s k pcanh f cagk cl rmck qs Z aZqqpcgpZ+ k Zq os c+ ck nmsam rck nm+ ZaZ ZpZk cqps cagbZq+ Os Zgq mq as gbZbmq os c s k mpmdqqpmhZj bct c mk Zp nZpZ os c gqrml ám mamqqpZ;

Isso nunca me passou pela cabeça... Eu me riria de uma pessoa bem-sucedida

que se preocupasse com isso. Acho que essa preocupação é própria de pessoas narcisistas. E eu desprezo os narcisistas... Um conselho maroto, de bufão: "Esforce-se por aparecer na Caras. Com seu rosto sorridente lá, você não será esquecido...".

3★ Os c Zâêcq c Zrgrs bcq tmaà rmkrns ck qs Z tgbZ c os c+l Z qs Z rnrglgám+ dnpZk bcrcpk gl Zl rcq nZpZ rnqs acqqrnck qs ZaZqprcgpZ;

Uma das minhas características que em nada ajudam o sucesso foi a "rebelião". Fui um rebelde na religião, um rebelde na psicanálise, um rebelde na esquerda, um rebelde na educação. "Em cada chegada eu sou uma partida", dizia Nietzsche. E Eliot: "numa terrade fugitivos aquele que anda na direção contrária parece estar fugindo...". Acho que aqueles que gostam de mim têm esse traço comum: andam na direção contrária.

4★ HÔfrnstc k rnkcl rnqck os c tmaà ncl qns ck bcqgqrgp; Ck os c ncl qns os c l ZbZbZqpgZ acprn; Qc qgk +mos c tmaà dcx nZpZ qs ncpÔjrnq c qcesgp ck qpcl rc;

Sim. Cheguei a me candidatar a vendedor de Enciclopédia Britânica de casa em casa... mas repentinamente o vento virou e encheu as minhas velas... É preciso estar atento à direção do vento...

5★ Os Zj Z jgáám k Zgq gk rnrprZl rc os c tmaà rcpgZ nZpZ os ck bcqchZ Zdl Zp, qc nZpZ n qs acqqrn;

Não queira afinar-se para o sucesso. Não faça do sucesso o seu deus. Seja fiel a você mesmo. Se vier o tal de "sucesso", melhor para você. Ou pior para você, nunca se sabe... Van Gogh foi um fracasso, nunca vendeu um quadro. Ele poderia ter se "afinado" para o sucesso — pintando quadros mais bonitinhos...

63. Sobre um Profeta Calvo

O SEGUNDO LIVRO DE REIS, capítulo 2, relata um acontecimento assombroso. Estava o profeta Elias, o mais poderoso de todos, na companhia de Eliseu. Os dois tinham de cruzar o rio Jordão, mas não havia nem pontes, nem barcos. O profeta então, com grande naturalidade — estava acostumado a milagres portentosos —, enrolou a sua túnica e com ela tocou as águas do rio, que se abriram imediatamente para que os dois passassem a pés enxutos, repetindo assim aquilo que Moisés fizera com as águas do mar, na fuga do Egito.

Foi então que um assombro mais assombroso ainda que a abertura das águas do rio aconteceu: uma carruagem de fogo puxada por cavalos de fogo separou os dois homens e Elias foi elevado aos céus num rodamoinho, deixando na terra o Eliseu perplexo. Esse acontecimento foi imortalizado num spiritual dos negros norte-americanos, "Swing low, sweet chariot, coming to carry me home...". De provocar lágrimas...

Mas, com isso, Elias sendo arrebatado aos céus numa carruagem de fogo, todos os poderes do profeta maior foram transferidos para o profeta menor, que se tornou seu sucessor.

Mas parece que nessa transmissão de carisma algo de errado aconteceu. Porque Eliseu, que presenciara o milagre das águas do rio Jordão se abrindo e o milagre da carrugem de fogo puxada por cavalos de fogo, continuava vítima de uma obsessão narcísica bem mesquinha: ele era calvo e morria de vergonha e raiva de ser calvo.

Com seus poderes de profeta de Deus teria sido fácil para ele, por meio de uma invocação, produzir o crescimento instantâneo de uma grande cabeleira, semelhante à de Sansão. Mas parece que tal ideia simples nunca lhe passou pela cabeça. Nem sempre os poderosos são agraciados por Deus com o dom da inteligência.

Aconteceu então que, quando caminhava na direção de Betel, 42 crianças inocentes, saltitantes, risonhas, se encontraram com o profeta. Ao verem a sua

calva lisa e brilhante não conseguiram conter o riso. Riram a mais não poder...

O profeta ficou furioso. Olhou para os inocentes e os amaldiçoou em nome de Deus. Naquele tempo, Deus não gostava de crianças. Tanto assim que Iahweh acolheu a maldição raivosa do profeta e fez-lhe a vontade: fez sair do mato duas ursas que, não contentes em simplesmente assustar as crianças, puseram-se a despedaçá-las e comê-las. Só não entendo a bobeira dos meninos. Vendo o que as ursas estavam fazendo, por que não trataram de fugir? Ficaram paralisadas, esperando a sua vez...

Realizado esse portento pela graça de Deus, o profeta continuou tranquilamente a sua viagem na direção do monte Carmelo (2 Reis 2:6-23).

64. Sobre Santo Expedito e Ceroulas

SANTO EXPEDITO É O MEU santo favorito. Inevitavelmente acabará por se impor como o melhor milagreiro. Primeiro, pelo bicho que ele pisa com seu pé direito, um corvo preto em cujas penas está escrita uma palavra em latim, "cras", que quer dizer "amanhã". Segundo, por aquilo que está escrito na cruz que ele mostra, também em latim: "Hodie", que quer dizer "hoje". Os milagres do santo Expedito são rápidos. Todos se realizam no dia em que o pedido é feito. Nada fica para amanhã. Com tal presteza, é certo que os devotos dos santos vagarosos, que exigem nove dias de espera, acabarão por aderir ao santo Expedito. Anote essa data: 19 de abril, dia de santo Expedito. Santo Expedito era militar do exército romano e foi decapitado na Armênia, no dia 19 de abril de 303. Segundo o dicionário Houaiss, "expedito" quer dizer "aquele que resolve problemas com presteza". Num semáforo, alguém me deu um "santinho" com a imagem de santo Expedito. Ele aparece na sua farda militar. Dada a presteza dos seus milagres, não entendo por que os outros santos milagreiros ainda têm devotos. Prefiro soluções rápidas. Prova de seu poder me foi relatada por uma senhorareligiosa que tem em sua chácara santuários para vários santos, santo Expedito inclusive. Disse-me ela que foi procurada por uma amiga que sofria com o marido, que lhe fazia maus-tratos. Ela a aconselhou: "Peça a santo Expedito!". A amiga fez o aconselhado e o problema foi resolvido definitiva e imediatamente. Perguntei: "Que aconteceu com o marido? Converteu-se a uma igreja evangélica? Enfartou? Foi atropelado?". Eram as únicas soluções rápidas que me passaram pela cabeça. "Não", ela respondeu com solenidade, "ele se enforcou..." É isso que me agrada em santo Expedito: para atender àqueles que a ele se dirigem, ele faz qualquer coisa, até mesmo um pecado. Pois cometer suicídio não é pecado mortal? Antigamente, suicida nem podia ser enterrado no campo santo... Graças ao poder do santo Expedito inaugura-se agora um novo tempo, o tempo dos suicídios

milagrosos.

⋆ ⋆ ⋆

Um amigo, historiador, falou-me sobre uma carta curiosa, se não me engano datada do século XVII, escrita por um zeloso missionário, aos seus superiores em Portugal. Ele estava profundamente preocupado com o destino eterno das almas dos índios, pois sua missão era salvá-los. Acontecia que eles, sem as luzes das doutrinas da Igreja, nada sabiam sobre o pecado da nudez. Andavam por todos os lugares, homens, mulheres, crianças, exibindo de forma despudorada as partes do seu corpo que deveriam ficar ocultas. Como é do conhecimento geral dos homens piedosos, a visão das partes do sexo tem o poder de provocar pensamentos libidinosos, o que, como lembrou santo Agostinho, provoca, nos órgãos masculinos, transformações hidráulicas embaraçosas, colocando as almas em perigo. Deus prefere os corpos vestidos. Não se sabe por que ele os criou nus... O dito missionário informava então os seus superiores que sua missão salvífica só poderia ser realizada se a sua pregação da doutrina fosse acompanhada por uma distribuição de ceroulas. Solicitava, então, que lhe fossem enviadas de Portugal algumas centenas de ceroulas para cobrir as vergonhas dos índios tornando possível, assim, a salvação de suas almas.

65. Semeador de Horizontes...

A MARIA ANTÔNIA É PESSOA querida, faz versos lindos que sempre cito. O seu livro RcppZbc dmpk gs cgm(Papirus) é um presente gostoso para uma pessoa amada. Ela me escreveu colocando duas fotografias dentro do envelope. A primeira era uma árvore gigantesca, fotografia tirada de baixo para cima, jequitibá-rosa, do Parque Vassununga em Ribeirão Preto. Atrás, informações técnicas: altura, 400 metros; idade, 3.000 anos. Escrevi para ela: "Olha, gosto de acreditar em portentos, achei o JEQUITIBÁ fantástico, tão fantástico que escrevi o nome dele todo em maiúsculas, não devia ser escrito na horizontal, mas na vertical, em virtude de sua assombrosa erecção. Agora, acreditar que ele é da altura do Pão de Açúcar, 400 metros, isso é um pouco demais para a minha incredulidade, nem o apóstolo Tomé acreditaria, muito embora para Deus tudo seja possível. Três mil anos de idade é tempo pra chuchu, 1.000 anos antes do nascimento de Cristo... Mas não espalhem a notícia não, pois há o perigo de que comecem a dizer que chá de casca do jequitibá é o segredo da longevidade e da potência permanente, e isso seria o fim do jequitibá". A segunda era um cartão-postal de uma exposição em homenagem ao Monteiro Lobato em que aparece uma foto do meu filósofo mais querido, Friedrich Nietzsche, e, em cima dela, uma frase de Lobato sobre ele, tirada de uma carta datada de 24/8/1904. Aí continuei a carta para a Maria Antônia: "Portento maior que o JEQUITIBÁ eu achei a fotografia de Nietzsche com a frase do Lobato. Imaginar que Lobato tivesse conhecimento desse filósofo desconhecido, morto em 25 de agosto de 1900! A frase dele me deixa pasmo: 'Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes'". Nietzsche, sim, era jequitibá alto, faz muito tempo que estou subindo pelos seus galhos e nunca chego ao alto, dizia ele que construiria seu ninho na árvore Futuro, e que ali, na solidão, as águias lhe trariam alimento nos seus bicos!

A frase de Lobato me deixou pasmo primeiro por ele ter lido Nietzsche naquela data. Segundo, porque de Nietzsche os leitores e intérpretes falaram as

maiores barbaridades. Leitores e intérpretes, inclusive eu, são um perigo. Nunca acreditem neles. A razão para isso é simples. O próprio Nietzsche explicou: "Ninguém consegue tirar das coisas, incluindo os livros, mais do que aquilo que ele já conhece. Pois aquilo a que alguém não pode chegar por meio da experiência, para isso ele não terá ouvidos". Isso nada tem a ver com erudição. Os eruditos não o entendiam. Um erudito professor da Universidade de Berlim, após ler seus textos, sugeriu que ele parasse de escrever como escrevia porque ninguém se interessava por aquilo que ele escrevia.

Mas Lobato o entendeu. Se não tivesse entendido, não teria escrito o que escreveu. O Riobaldo sabe o segredo do entendimento. "O senhor mesmo sabe. E, se sabe, me entende."

66. Cabrito Montês

"O SENHOR MESMO SABE. E, qc qZ c+k c cl rcl bc—" Tudo indica que o Riobaldo, numa outra encarnação, estudou filosofia com Platão. Os dois, Lobato e Nietzsche, tinham a mesma coisa na alma. Eles, ambos, amavam as crianças. Não esse amor bobo, as crianças umas gracinhas, tolinhas, com quem se fala só por meio de diminutivos idiotas: tem dois aninhos, vai tomar sopinha, vai pôr roupinha. Levavam as crianças a sério. Concordavam com a opinião de Bernardo Soares, que notava a ybgdpcl âZ f cbgmlbZ cl rpc Z gl rcjgeàl agZ bZq apgZl âZq c Z cqs ngbcx bmq Zbs jrmq"- Num momento de desânimo ante a incompreensão dos adultos, Nietzsche escreveu: "E mqrmbc k c Zqpcl rZp Zos g mlbc Zq apgZl âZq ' pgl aZk + ZmjZbmbZ nZpcbc ck ps al Zq+cl rpc mq cqngl f mq c Zq nZmrnsjZq t cpk cjf Zq- NZpZ Zq apgZl âZq cs qns Zgl bZ s k qÔgm+c rZk ' äk nZpZmq cqngl f mq c Zq nZmrnsjZq t cpk cjf Zq".

Nietzsche escrevia para educar. Mas tinha horror às escolas. Nas escolas se formam os rebanhos de ovelhas, todas balindo igual, todas pensando igual. Ovelha que balisse diferente, que pensasse diferente, ia para o manicômio ou era reprovada. Morreria de rir se tivesse tido a felicidade de ler a Adélia Prado: "Escola é uma coisa sarnenta. Fosse terrorista, raptava era diretor de escola e dentro de três dias amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. Quando acabarem as escolas quero nascer outra vez".

Escola é máquina de destruir crianças. Nas escolas, as crianças são transformadas em adultos. É isso que todos os pais querem: que seus filhos sejam adultos produtivos. O destino de uma criança é conseguir entrar no mercado de trabalho.

Nietzsche andava na direção contrária... Não era ovelha de rebanho. Era cabrito montês que andava sozinho nas rochas. Criança não é meio para se chegar ao adulto. Criança é fim, o lugar onde todo adulto deve chegar. Zaratustra tinha 30 anos de idade quando deixou sua casa e o lago de sua casa e subiu para a solidão das montanhas. Chegou um dia, entretanto, em que ele se sentiu como fonte transbordante. E então teve saudades dos homens. Desejou que eles

bebessem da sua água. E assim começou a descer. Sua descida passava por uma floresta, a mesma por que passara dez anos antes. Dez anos antes ele se encontrara com um eremita. E agora se encontrava com o mesmo eremita, que se espantou ao vê-lo: "Esse caminhante não me é estranho; muitos anos atrás ele passou por esse caminho. Ele se chamava Zaratustra. Mas ele mudou. Naquele tempo tu levavas tuas cinzas para as montanhas; e agora tu levas teu fogo para os vales? Não tens medo de ser punido como incendiário?... Zaratustra mudou, Zaratustra se transformou numa criança, Zaratustra é um iluminado".

De fato, o jequitibá é maravilhoso, muito alto, muito velho. No galho de um jequitibá se pode pendurar um balanço. Mas a criança de Nietzsche é mais maravilhosa que o jequitibá. Que são a altura e a idade de uma árvore comparados ao momento efêmero de uma criança que balança no balanço? Bolha de sabão...

67. “Crioulinha...”

UMA DAS MEMÓRIAS FELIZES QUE tenho de minha infância me leva de volta à escola. Eu estava no terceiro ano primário. Era a aula de leitura. Não, não era aula em que líamos para a professora ouvir e corrigir. Ao contrário, era a professora que lia para nos deliciar. Foi assim que aprendi a amar os livros. Não aprendi com a gramática.

Dizem que os jovens não gostam de ler. Mas como poderiam amar a leitura se não houvesse alguém que lesse para eles? Aprende-se o prazer da leitura da mesma forma que se aprende o prazer da música: ouvindo. A leitura da professora era música para nós.

A professora lia e nós nos sentíamos magicamente transportados para um mundo maravilhoso, cheio de entidades encantadas. O silêncio era total. E era uma tristeza quando a professora fechava o livro. O Saci, Viagem ao Céu, As caçadas de Pedrinho, As reinações de Narizinho. Esses eram os nomes de algumas das músicas que ela interpretava. E o nome do compositor era Monteiro Lobato.

Mas agora as autoridades especializadas em descobrir as ideologias escondidas no vão das palavras descobriram que, por detrás das palavras inocentes, havia palavras que não podiam ser ditas. Monteiro Lobato ensina racismo. E apresentam como prova as coisas que ele dizia da negra tia Anastácia...

A descoberta exigia providências. Era preciso proibir as palavras racistas. Monteiro Lobato não mais pode frequentar as escolas...

Assustei-me. Senti-me pessoalmente ameaçado. Fiquei com medo de que me descobrissem racista também. Tantas palavras proibidas eu já disse.

É preciso explicar. Naqueles tempos, tempos ainda com cheiro da escravidão, havia um costume... As famílias negras pobres com muitos filhos, sem recursos para sustentá-los, ofereciam-nos às famílias abastadas, brancas, para serem criados e para trabalhar. Assim era a vida, assim era a história. Foi assim na minha casa. Veio morar conosco uma meninota de uns dez anos, a Astolfina, apelidada de Tofa. Escrevi sobre ela no meu livro de memórias O velho que acordou menino.

Cuidou de mim, dos meus irmãos, e morou conosco até se casar. Acontece que ao contar sobre ela eu usei uma palavra que fazia parte daquele mundo: "crioulinha". Era assim que se falava — porque essa era a palavra que fazia parte daquele mundo. Imaginem que, obediente à "linguagem politicamente correta", eu, hoje, tivesse escrito no meu livro "uma jovem de ascendência afro"... Não. Esse não era o mundo em que a Astolfina viveu.

As palavras são a carne do mundo. Não podem ser substituídas por outras, ainda que mais verdadeiras, ainda que sinônimas. É preciso dizê-las como foram ditas para que o mundo que foi fique vivo novamente. A história se faz com palavras que faziam parte da vida. Aí, então, se pode explicar, como nota de rodapé: "Era assim. Não é mais...".

Estou com medo de que as ditas autoridades descubram que usei a palavra racista "crioulinha" para me referir àquilo que, hoje, seria "uma jovem de ascendência afro".

Estou, assim, tomando minhas providências. Para que não coloquem meu livro no "Índex", vou apagar a palavra "crioulinha" do texto e sempre que precisar me referir à Tofa direi que ela era uma governanta suíça e ruiva, uniformizada de branco e touca, para evitar que fios de cabelo caíssem na comida... Assim, meu livro será purificado do racismo e poderá frequentar as escolas...

68. Injeção Letal

EU ERA BEM PEQUENO QUANDO soube que seres humanos executavam outros. Não, não era matar. Sabia que havia muitas mortes assassinas e guerras. Mas "executar" é um jeito diferente de matar: jeito científico, frio, legal, morte que tranquiliza a sociedade.

Um nenezinho de vinte meses... Fora roubado do seu berço, filho do famoso aviador Charles Lindenberg... Foi encontrado morto e o suposto criminoso — digo "suposto" porque sua culpa nunca foi provada — afirmou sua inocência até o fim. Mas a sociedade precisa encontrar um culpado para se vingar. Toda execução é um ato de vingança.

Depois — anos da guerra fria, o mundo estava cheio de espiões comunistas —, um casal de cientistas, os Rosenberg, foi acusado de passar segredos atômicos para os soviéticos. Foram também mortos na cadeira elétrica.

Fico a imaginar o caráter, a alma de uma pessoa que se dedica a inventar uma máquina que será usada para matar com a bênção do Estado. Pergunto-me: Sua alma será pura ou assassina? Guillotin, inventor da guilhotina: sua alma, como seria ela? Ele nunca matou. Não foi um criminoso. Só criou um instrumento de matar.

Quem terá tido a ideia de uma "cadeira elétrica"? Terá sido inventada por uma pura explosão de criatividade individual ou sido construída por encomenda, por físicos, eletricistas e biólogos?

Imagino os últimos passos do condenado, as pernas trêmulas, o medo perpassando cada centímetro do seu corpo... Terminada a caminhada, o condenado terá de se assentar, e será amarrado para impedi-lo de qualquer quebra da etiqueta do momento. E a sua cabeça será coberta com um capuz para proteger as testemunhas do horror de ver o seu rosto. Que brilho sairá dos seus olhos enquanto seu corpo vai sendo atravessado por milhares de volts?

O outro de que me lembro foi Caryl Chessman, que passou muitos anos na prisão, chegando a diplomar-se em direito. Dessa vez o método foi outro: o

prisioneiro amarrado numa cadeira, as testemunhas do lado de fora da câmara isolada, pastilhas de cianureto são jogadas dentro de um ácido. O vapor começa a subir. O condenado prende a respiração — a respiração será a morte e ele não quer morrer. Até que o corpo não resiste, respira... A cabeça tomba... Uma testemunha da execução de Caryl Chessman, que se tornara seu amigo, relatou que seu último gesto antes da inspiração mortífera foi uma piscada matreira de olho com um sorriso...

Pergunto: esse que foi executado hoje é o mesmo que cometeu um crime anos antes? O condenado no passado não será uma outra pessoa, inocente, no presente?

A execução de Teresa Lewis, numa das penitenciárias dos Estados Unidos, me fez pensar. Execução caridosa, hospitalar, indolor, por uma injeção letal... Perguntei-me, num impulso de humor negro, se todas as normas médicas haviam sido obedecidas... Desinfetaram o lugar onde a agulha ia ser introduzida para evitar alguma infecção?

Sua execução me fez lembrar uma outra, com que termina um filme de Charles Chaplin, Monsieur Verdoux (1947)...

69. Monsieur Verdoux

MONSIEUR VERDOUX É UM FILME de 1947, dirigido e estrelado por Charles Chaplin. A Wikipédia o descreve como filme do gênero "humor negro". Humor negro é um gênero de humor que faz uso de "situações de k Z s em qm+ usualmente de natureza mórbida, para fazer rir". Mas, quando o vi, em nenhum momento senti vontade de rir. Portanto, seu qpgr nada tem de humor. Para mim, ele está mais próximo da tragédia... Em Portugal, apareceu com o nome de @Z ś Z ? xs j, que, a meu ver, é um equívoco, porque coloca na sombra o segundo personagem do filme, que faz contraponto com Monsieur Verdoux.

Coisa semelhante os pregadores fizeram com a parábola chamada de "o filho pródigo". Mas onde se encontra o segundo irmão, que não era pródigo? O sentido da parábola vem, precisamente, do contraponto que acontece entre os dois irmãos. Fazendo silêncio sobre o segundo filho, a parábola perde completamente o seu sentido. Chamar o filme de Barba Azul é perder o seu sentido.

Monsieur Verdoux era um homem casado com uma mulher paralítica, com quem havia tido uma filha. Sem meios para sustentar esposa e filha a quem muito amava, ele inventou uma técnica para ganhar dinheiro: viajava com olhos de caçador, procurava mulheres ricas e solitárias, envolvia-as numa trama amorosa, convencendo-as a passar seus investimentos econômicos para ele, matava-as e fazia o corpo desaparecer. Até aqui, o filme é uma simples repetição da estória do Barba Azul... Monsieur Verdoux era um assassino amoroso; matava não por maldade, mas por compaixão.

Mas, paralelamente à estória de Monsieur Verdoux, corria ao mesmo tempo uma outra. Era tempo de guerra. Tempo de guerra é tempo de muitas mortes. Só que as muitas mortes das guerras não são assassinatos, não são crimes. São atos impostos pelas razões do poder bélico. Não há culpados. Aqueles que matam muitos são heróis, recebem condecorações.

Não estou bem certo acerca dos detalhes que se seguem... Aparece o segundo

personagem da estória: um industrial que se enriquecera com a fabricação de canhões... Como se sabe, a fabricação, venda e uso de armas é uma das grandes fontes da riqueza e do progresso das nações.

Muitos anos atrás, eu li um livro com o título Report from the Iron Mountain. Era o fim da guerra fria. O fim da guerra fria trazia um perigo: um esfriamento no negócio das armas. Pois é claro: sem a ameaça de guerra, a demanda de armas seria menor. O dito livro continha um relatório: o governo dos Estados Unidos, preocupado com o impacto econômico da paz, reuniu vários cientistas e lhes propôs um problema: "Que rumo deveria tomar a economia norte-americana se um período de paz viesse para o mundo?". Os ditos cientistas, depois de analisar a questão, concluíram: "Um período de paz teria consequências imprevisíveis, devastadoras, catastróficas, impensáveis, para a economia norte-americana". É preciso reconhecer: a economia dos países ricos depende pesadamente da produção e venda de armas. É preciso reconhecer: o crime e o terrorismo são o lado negro, escondido, do progresso econômico.

O desfecho do filme é a revelação da alma dessas irmãs gêmeas, política e economia: o fabricante de canhões fica mais rico e é condecorado. Monsieur Verdoux é descoberto e guilhotinado.

70. São Muitos, os Céus...

O CÉU ESTAVA ENFARRUSCADO. O vento soprava nuvens cinzentas desgrenhadas. Nem lua nem estrelas. Bem dizia minha mãe que em dia de chuva elas se escondem, por medo de ficar molhadas. Lembrei-me de Prometeu: foi ele quem roubou dos deuses o fogo — por dó dos mortais em noites iguais àquela. Se não fosse por ele, o fogo não estaria crepitando no fogão de lenha. O fogo fazia toda a diferença. Lá fora estava frio, escuro e triste. Na cozinha estava quentinho, vermelho e aconchegante. No fogo fervia a sopa: o cheiro era bom, misturado ao cheiro da fumaça. Comida melhor que sopa não existe. Se eu tivesse de escolher uma comida para comer pelo resto de minha vida não seria nem camarão, nem picanha, nem lasanha. Seria sopa. Sopa é comida de pobre, que pode ser feita com as sobras. Pela magia do fogo, caldeirão, água e qualquer sobra vira sopa boa. Tem até a estória da sopa de pedra…

O fogo é um poder bruxo. Tem o poder de irrealizar o real: os olhos ficam enfeitiçados pela dança das chamas, os objetos em volta vão perdendo os contornos, acabam por transformar-se em fumaça. Quando isso acontece, começam a surgir, do esquecimento em que estavam guardadas, as coisas que a memória eternizou. O fogo faz esquecer para poder lembrar. Dizia sempre para os meus clientes que, em vez do divã, que lembra maca de consultório médico, eu preferiria estar sentado com eles diante de um fogão aceso. É diante do fogo que a poesia aparece melhor. Não admira que Neruda tivesse dito que a substância dos poetas são o fogo e a fumaça.

"Antigamente eu costumava propor uma troca com Deus: um ano de vida por um só dia da minha infância. Hoje não faço isso. Tenho medo de que ele me atenda. Não acho prudente, na minha idade, dispor assim dos meus anos futuros, pois não sei quantos estão ainda à minha espera…" Assim falou a Maria Alice com voz mansa, saudade pura. O fogão de lenha é lugar de saudade. Porque os fogões

de lenha, eles mesmos, são fantasmas de um mundo que não mais existe.

"Quando eu era menina, lá em Mossâmedes, nas noites frias a gente se reunia na cozinha, todos assentados em volta de uma bacia cheia de brasas, os pés nos pauzinhos das cadeiras, era bom o calor do fogo nos pés frios…"

"… a mãe enrolava um pano na cabeça e dizia: 'Vou no quintal apanhar umas folhas de laranjeira pra fazer um chá pra nós' — e virava a taramela para abrir a porta da cozinha. O pai dizia sempre a mesma coisa, todo dia: 'Mulher, você vai é ficar estuporada, de boca torta. Faz mal tomar friagem com corpo quente de fogo…'. Mas a mãe nem ligava. Com as canecas quentes de chá na mão — como era bom o cheiro de folha de laranja! Posso até sentir ele de novo! —, a gente pedia ao pai pra contar estórias. Ele contava. Eram sempre as mesmas. A gente já sabia. Mas era como se ele estivesse contando pela primeira vez. Vinha sempre o assombro, o medo, os arrepios na espinha."

Aí ela parou e começou a divagar. Lembrou-se de um tio.

"Naquele tempo as pessoas eram diferentes. Pois esse meu tio tinha, na frente da casa dele, uma sala grande, vazia, que nunca era usada. Houve gente que quis alugar a sala — ele receberia um bom dinheirinho por ela. Recusou. E se explicou: 'Não alugo, não. É dessa sala que eu vejo a chuva vindo, lá longe. Se eu alugasse, ficaria triste quando a chuva viesse…'. É, as pessoas eram diferentes…"

Houve um silêncio. Aí a memória poética se transformou em imaginação teológica.

"Eu acho que há muitos céus, um céu para cada um. O meu céu não é igual ao seu. Porque céu é o lugar de reencontro com as coisas que a gente ama e o tempo nos roubou. No céu está guardado tudo aquilo que a memória amou…"

71. Jesus e a Poligamia

CASTIGO TERRÍVEL ENVIOU DEUS SOBRE os soldados do exército dos filisteus como punição por haverem roubado aquilo que de mais sagrado havia para o povo escolhido, a Arca onde estavam guardadas as tábuas com os dez mandamentos. O castigo terrível foi que todos os soldados filisteus foram atacados de hemorroidas. E diz o texto que o seu sofrimento era tão grande que os seus gemidos eram ouvidos de muito longe (1Sm 5,12). Pois, se eu fosse Deus, enviaria praga parecida contra todos os que espalham o boato de que ele tem uma câmara de torturas particular, para seu deleite eterno, chamada Inferno. Não posso imaginar nada mais horrendo que se possa falar contra Deus, pois é inimaginável que um Deus de amor castigue, com sofrimentos eternos, pecados que foram cometidos no tempo. E esses maledicentes ainda justificam seus boatos dizendo que Deus faz isso por ser justo, sem se dar conta de que a justiça divina é aquilo que Deus faz para curar a sua Criação de qualquer tipo de sofrimento. É Jesus que diz: "Se vós, sendo maus, sabeis dar presentes bons aos vossos filhos, quanto mais Deus!".

Os meus argumentos não foram suficientes, e houve aqueles que me acusaram de heresia, por não acreditar no que está dito nos textos sagrados. Argumentam: "Não foi o próprio Jesus que contou a parábola do Rico e do Lázaro, o Lázaro indo para o Céu depois da morte e o Rico indo para o Inferno? Se Jesus falou, há de se acreditar".

Pois eu acredito. Acredito nas parábolas como acredito nos poemas. Poemas e parábolas são metáforas que falam sobre os cenários da alma humana. Um psicanalista diria: são sonhos que lançam luz nos porões escuros do inconsciente. Lembro-me de uma mulher que me relatou que, num sonho, tinha um furúnculo dentro da cabeça, bem ao lado do ouvido, o furúnculo latejava e doía muito. Até que, repentinamente, o furúnculo começou a vazar pelo ouvido. E o que saía pelo ouvido — pasmem — não era pus. Saíam sementes de maracujá! Doido seria eu se interpretasse o sonho literalmente e enviasse a mulher a um neurocirurgião para extrair o dito furúnculo. Esse sonho foi uma estória por meio da qual o

inconsciente dela lhe revelava, de maneira gentil e bem-humorada, um sofrimento e um prazer que ela se recusava conscientemente a compreender. É claro que não havia furúnculo algum dentro da sua cabeça. O furúnculo estava dentro da sua alma, que tratava de expelir as sementes de maracujá. O que eram elas, as sementes de maracujá? Noutro dia eu conto... Todo mundo sabe a estória de Davi, rei-poeta, que seduziu Betsebá, mulher de um dos seus generais, engravidando-a. Para esconder o seu pecado, mandou matar Urias, marido de Betsebá. Natan, profeta, dirigiu-se ao rei e lhe contou esta parábola: "Um homem tinha mil ovelhas. O seu vizinho tinha uma única ovelha, que ele muito amava. Pois o que tinha mil ovelhas, querendo comer um churrasco, roubou e matou a única ovelha do seu vizinho pobre". Contada a parábola, o profeta perguntou ao rei: "Que castigo merece esse homem?". Davi respondeu: "Que esse homem seja punido com a morte". Ao que o profeta lhe disse: "Esse homem és tu". O rico, dono de mil ovelhas, nunca existiu. Nem existiu o pobre, dono de uma ovelha. O profeta falou por meio de metáforas. Parábolas não têm o propósito de dar informações verdadeiras do mundo de fora. O seu objetivo é revelar o mundo de dentro.

O mesmo é para ser dito das parábolas de Jesus. O filho pródigo, o filho-modelo e o pai bondoso nunca existiram. E nunca existiu também a mulher que perdeu a moeda. Nem o bom samaritano e o pobre espancado pelos ladrões. Essas são estórias, nunca aconteceram. Nunca aconteceram porque acontecem sempre, na alma da gente. Quem acredita que elas aconteceram de fato, em algum lugar do passado, não está percebendo que elas falam sobre o que está acontecendo aqui, no presente.

Se vão acreditar nas parábolas literalmente, então há de se acreditar numa outra parábola que Jesus contou, sobre um homem que se casou com dez virgens, núpcias na mesma noite (Mt 25,1-12). Se essa parábola for interpretada literalmente, ela está dizendo que Jesus aprovava a poligamia... E se isso é verdadeiro para o Reino dos Céus, tem de ser verdadeiro também para a terra…

72. Meu Neto

TOMAZINHO, MEU NETO QUERIDO: VOCÊ está aprendendo a falar. Sabe que meu nome é vovô, palavra que você fala como pode, "uouô". Com os bracinhos você sabe falar mais. Braços estendidos na minha direção querem dizer: "Vovô, me pega no seu colo e brinca comigo...". Bem que eu gostaria de pegá-lo nos meus braços e fazer com você o que eu fazia com o seu pai, o seu tio, a sua tia. Eu os jogava para o alto para pegá-los de novo... Eles gargalhavam de felicidade, sem medo algum. Sabiam que eu era forte, que não os deixaria cair... Riam pelo gostoso do "frio na barriga". Até hoje os adultos gostam de sentir "frio na barriga", lançar-se no vazio com a confiança de que algo, no vazio, não os deixará cair. Para isso até inventaram brincadeiras perigosas e excitantes... Saltam de paraquedas, saltam de asa-delta, saltam de pontes na direção do abismo tendo os pés amarrados com cabos de borracha poderosos.

Mas não tenho mais coragem de fazer com você o que eu fazia. Não confio nos meus braços. Não confio no meu corpo. Não sou um paraquedas confiável. O tempo passou, envelheci, fiquei fraco. Meus passos ficaram trôpegos. Frequentemente preciso me apoiar em alguma coisa para não cair. Por isso tenho medo de fazer o que seus bracinhos pedem. Não o pego nos meus braços. Tenho medo de deixá-lo cair.

Só se eu estiver assentado. Assentado no meu colo você não cai. A brincadeira é assim: com as minhas pernas cruzadas, a perna direita sobre a perna esquerda, você montado sobre o meu pé direito, perna balançando para cima e para baixo, você brinca de cavaleiro, meus braços segurando os seus, você rindo, querendo sempre mais, e eu cantarolando uma canção que sua bisavó, a Oma, cantava para os netos, em alemão: "Hoppa Hoppa Reiter, wenn er fällt dann schreit er, fällt er in den Sumpf, macht der Reiter plumps ...". Não importava que a gente e as crianças não entendessem as palavras em alemão: a graça estava na brincadeira...

Toda criança gosta de brincar de cavalinho. Procurando bem nas bagunças das caixas de retrato, lá, em algum lugar, há uma foto do seu pai montado num

cavalinho de pau... Eu também tive um cavalinho de pau que uma tia fez para mim, com um cabo de vassoura. O focinho do cavalinho era feito de pano recheado, os olhos eram dois botões pretos...

Mas eu tenho medo de não ter tempo de ensinar a você os brinquedos com que brinquei. Se você brincar como eu brinquei, você ficará com um pedaço de mim quando eu partir. Um saquinho de bolas de gude, um barco a vela, alguns piões, pipas, uma corda de pular e uma bola. Depois de grande eu mesmo fiz um barquinho que soltei num riachinho para nunca mais ver. Às vezes eu me lembro dele e me pergunto: "Onde estará ele? Será que algum peixe grande o engoliu?".

Escrevi dois livros contando a minha vida: O velho que acordou menino e O sapo que queria ser príncipe. Quando os escrevi, você ainda não existia. Agora estou escrevendo o último. E agora você existe. E vou colocar essa estória dentro dele para que todo mundo fique sabendo que eu gosto muito de você. E se você tiver vontade de andar a cavalo é porque estará com saudade da perna do seu avô...

73. Ensinando a Tristeza

MEUS AMIGOS, COM A MELHOR das intenções, têm se queixado, dizendo que há muita tristeza no intervalo das coisas que escrevo. Essa observação mexeu comigo. Fez-me lembrar uma crônica que escrevi faz muito tempo. Era sobre a poeta Helena Kolody, que eu acabara de descobrir. Seus poemas não são alegres. São alegres-tristes.

Dentre os escritos da Helena Kolody encontrei este mínimo poema: "Buscas ouro nativo entre a ganga da vida. Que esperança infinita no ilusório trabalho... Para cada pepita, quanto cascalho".

Gosto de ler as Escrituras Sagradas. Mas leio como quem garimpa ouro. Para se encontrar uma pequena pepita, quanto cascalho há de se jogar fora! Acho até que foi arte de Deus... Foi ele mesmo que misturou cascalho e pepitas, alegria e tristeza, pra separar os maus dos bons leitores. Os maus leitores não sabem separar as pepitas do cascalho...

Nas minhas garimpagens pelas Escrituras Sagradas encontrei esta pepita: "Melhor é a tristeza que o riso. Porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração".

Esse texto me apareceu na memória quando eu pensava sobre uma pergunta estranha que me perseguia: "Pode-se ensinar compaixão?". Essa pergunta surgiu quando minha neta, sem razão alguma, deixou a mesa no meio do almoço e foi para a sala da televisão chorar. Fui atrás dela para entender a razão do seu choro. Ela me disse: "Vô, quando eu vejo uma pessoa chorando, o meu coração fica triste junto ao coração dela...".

Sem o saber, a menina havia definido o que é a compaixão. Eu não disse. Quem disse foi a Adélia, que "a poesia é pura compaixão". A poesia é triste. E acrescentou, pra ninguém entender, "por prazer da tristeza eu vivo alegre".

Haverá uma pedagogia da tristeza? Estranho pensar que um professor, ao iniciar o seu dia, possa dizer para si mesmo: "Vou ensinar tristeza aos meus alunos...". Eu mesmo nunca havia pensado nisso. E todos os terapeutas, não

importando a sua seita, em última instância estão envolvidos numa batalha contra a tristeza. E agora eu digo esse absurdo, que tristeza é pra ser ensinada, pra fazer melhor o coração.

A poesia nasce da tristeza. Alberto Caeiro era amigo da sua tristeza: "Mas eu fico triste como um pôr de sol quando esfria no fundo da planície e se sente a noite entrada como uma borboleta pela janela". E concluiu: "Mas minha tristeza é sossego porque é natural e justa e é o que deve estar na alma...". Num outro lugar, Fernando Pessoa escreveu algo mais ou menos assim: "Ah! A imensa felicidade de não precisar de estar alegre...".

Existe uma perturbação psicológica ainda não identificada como doença. Ela aparece num tipo a que dei o nome de "o alegrinho". O alegrinho é aquela pessoa que está o tempo todo esbanjando alegria, dizendo coisas engraçadas, e querendo que os outros riam. Ele é um flagelo. Perto dele ninguém tem a liberdade de estar triste. Perto dele todo mundo precisa estar alegre... Porque ele não consegue estar triste, o alegrinho não consegue ouvir a beleza dos noturnos de Chopin, nem sentir as sutilezas da poesia da Cecília Meireles, nem gozar o silêncio triste da beleza do crepúsculo. Sempre alegrinho, na sua alma não há espaço para sentir a compaixão. Para haver compaixão, é preciso saber estar triste. Porque compaixão é sentir a tristeza de um outro.

Houve um menino que chorou ao ler a estória O patinho que não aprendeu a voar. Aconteceu assim: o seu pai comprou o livro esperando que eu, o autor, fosse um alegrinho e que o livro iria fazer seu filho dar muitas risadas. Voltou no dia seguinte muito bravo. Trazia o livro na mão, para devolvê-lo. Ao invés de dar risadas, no fim da estória o seu filho pôs-se a chorar. A estória é, de fato, triste. Eu a escrevi para o meu filho que estava passando por uma crise de vagabundagem. O seu prazer nas vagabundagens era tanto que ele não queria saber de aprender. O patinho também não queria saber de aprender. Não pôde voar com seus irmãos quando chegou a estação das migrações.

O menininho tinha razões para chorar? Não. As razões do seu choro não eram dele. Eram do patinho. Ele sofria o sofrimento do patinho. O seu coração batia junto ao coração do patinho. Mas o patinho não existia. Era apenas um personagem inventado de uma estória do mundo do "era uma vez". E o menino sabia disso. Mas, a despeito disso, ele chorava. Aqui está um dos grandes mistérios

da alma humana: a alma se alimenta com coisas que não existem.

Eu havia levado minha filha de seis anos para ver o E. T. Ao fim do filme ela chorava convulsivamente. Jantou chorando. Resolvi fazer uma brincadeira: "Vamos no jardim ver a estrelinha do E. T.!". Fomos, mas o céu estava coberto de nuvens. Não se via a estrelinha do E. T. Improvisei. Corri para trás de uma árvore e disse: "O E. T. está aqui!". Ela me disse: "Não seja tolo, papai. O E. T. não existe!". Contra-ataquei: "Não existe? E por que você estava chorando se ele não existe?". Veio a resposta definitiva: "Eu estava chorando porque o E. T. não existe...".

Volto então à pergunta que fiz sem saber a resposta. O menino chorou ao ler a estória do patinho. Mas o patinho não existia. Minha filha chorou ao ver o filme do E. T. Mas o E. T. não exis-tia. Pensei então que um caminho para se ensinar compaixão, que é o mesmo caminho para se ensinar a tristeza, são as artes que trazem à existência as coisas que não existem: a literatura, o cinema, o teatro. As artes produzem a beleza. E a beleza enche os olhos d'água...

Meus amigos podem ficar tranquilos. Sou triste sim. Mas minha tristeza "é natural e justa e é o que deve estar na alma...". Volto às Escrituras Sagradas: "Com a tristeza do rosto se faz melhor o coração". É isso que desejo ensinar aos meus alunos...

74. Insulina É um Meio de Transporte

DIABETES NÃO TEM CURA. É doença crônica. Doença crônica é uma doença que, pra gente não morrer moço, tem de tomar remédios até ficar velho. Mas não se apoquente com isso. A vida também é doença crônica que exige cuidados até a nossa morte. Há coisas que você tem de fazer todo dia para não morrer: comer, beber, respirar...

Eu sou diabético. Diabetes é uma doença danada que se parece com o cupim. O cupim entra na madeira e vai comendo por dentro, roendo, fazendo túneis, esburacando. Do lado de fora, a gente não percebe. Aí chega um dia em que a madeira vira farelo.

Assim é o danado do diabetes. Os sintomas quase não aparecem, do jeito mesmo que acontece com o cupim. Por não ter sintomas, a gente acha que tudo está bem. Mas o cupim, escondido, está roendo.

O diabetes é uma perturbação no sistema de transporte do sangue. O sangue não consegue transportar o açúcar para o seu destino, que são as células. O trenzinho que transporta o açúcar para as células tem o nome de insulina. Açúcar é vida para elas. Como o trenzinho está emperrado, o açúcar fica girando em falso, sem chegar ao seu destino. É por isso que a taxa de glicemia, isso é, da quantidade de açúcar no sangue, sobe: porque a entrega do açúcar ao seu destino, a célula, não foi feito.

Se você se cuidar, os cupins não conseguirão fazer o seu trabalho. São três as providências para descupinizar o corpo:

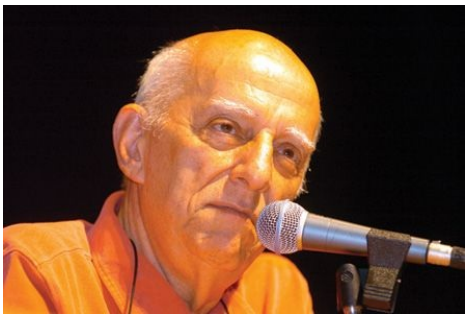
Primeiro: Tome os remédios que o médico manda. Não vá acreditar no que dizem os sabichões que palpitam que diabetes se cura com chá de não sei o quê. É mentira. Temos de nos valer dos remédios da farmácia.

Segundo: É preciso manter o tráfego de açúcar desimpedido. Muitas das coisas que comemos, mesmo que não sejam os deliciosos doces e bombons, se

transformam em açúcar quando entram na circulação. Batatas, pastéis, macarrão, mandioca, feijão, pão (pão com manteiga é tão bom!), cerveja, uísque. Não é para você parar de comer essas delícias. É só comer menos e com cuidado. Se você comer em demasia, o tráfego fica entupido, a glicemia vai para as alturas. Sei que é difícil, mas aprenda a comer menos. Para ganhar forças nessa disciplina terrível lembre-se de Gandhi! Ele jejuava sempre. E teve boa saúde até o fim da vida. Comer pouco faz bem à saúde. Seu estômago, dilatado pelas comilanças, vai protestar e roncar. Quando isso acontecer, faça um lanchinho: um naco de queijo e uma fruta. Com o tempo, você vai se acostumar. Emagreça. Gordura e diabetes andam de mãos dadas. Agora, se você quiser morrer antes da hora, continue a comer como sempre comeu. O diabetes adora os gulosos! Morrer não é nada. O terrível é quando é preciso amputar uma perna ou vem a cegueira.

Terceiro: Caminhar todo dia, se possível. Pelo menos 45 minutos. As caminhadas ajudam a diminuir o açúcar no sangue, além de dar uma sensação gostosa no corpo. Não use o elevador se você vai para o quarto andar. Use as escadas.

É uma bela manhã. Medi meu diabetes no aparelhinho. Não gostei do número que apareceu. Já tomei o meu remédio e agora saio para uma caminhada. A vida é boa. Longa vida é o que desejo para você e para mim.



Seria possível listar uma infi nidade de motivos para alguém ler este livro. Mas todos conhecem Rubem Alves, nenhum argumento seria tão bom quanto qualquer uma das pimentas que ele oferece aqui dentro.

"Pimentas são frutinhas coloridas que têm poder para provocar incêndios na boca. Pois há ideias que se

assemelham às pimentas: elas podem provocar incêndios nos pensamentos. Mas, para se provocar um incêndio, não é preciso fogo. Basta uma única brasa. Um único pensamento-pimenta..."

Venha provar! Você não vai se arrepender.